



A política econômica do governo Dilma. Continuidade ou mudança?

David Kupfer

A necessidade de uma
outra política macroeconômica

Reinaldo Gonçalves

“Pobre Brasil! Durante muito tempo
ficaremos sem transformações estruturais”

José Luis Oreiro

Mudanças silenciosas

E mais:

>> **Daniel Marguerat**

Paulo, o *enfant terrible* da teologia

>> **Luís de Gusmão**

A veneração pelo desentendimento

A política econômica do governo Dilma. Continuidade ou mudança?

Depois de três meses é possível descrever as linhas fundamentais da política econômica do governo da presidenta **Dilma Rousseff**? A revista **IHU On-Line** assumiu o desafio de buscar fazer este exercício e para isto convidou economistas e analistas sociais, de diferentes vertentes teóricas, para descreverem e analisarem as possibilidades e os desafios da economia brasileira no momento atual.

Para o economista **José Luis Oreiro**, a presidenta Dilma está promovendo uma “reforma silenciosa”, que pode ser percebida através da aproximação entre a política econômica do Banco Central e a da equipe econômica do governo. **David Kupfer**, professor de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, salienta que o discurso presidencial indica uma mudança estrutural. Entretanto, na avaliação dele, a prioridade do governo continua sendo o crescimento econômico, como ocorria na gestão anterior. Na percepção do economista **Luiz Gonzaga Belluzzo**, Dilma está identificando corretamente os problemas econômicos, mas terá o desafio de fazer escolhas para tentar conter a inflação e garantir o crescimento. Surpreso com a administração Rousseff, o economista **Fernando Cardim de Carvalho** percebe mudanças na condução da política econômica, mas, segundo ele, ainda é cedo para saber as consequências das medidas anunciadas.

Por outro lado, o sociólogo **Francisco de Oliveira** não vê novidades na política econômica da presidenta e enfatiza que Dilma dará continuidade ao projeto iniciado em 2003 pelo seu antecessor. Para ele, o **Bolsa Família** “continua sendo o principal trunfo político do governo”. Para o economista **Reinaldo Gonçalves**, professor na Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, não há mudanças estruturais na política econômica do atual governo. Para ele, os próximos quatro anos serão mera continuidade da gestão Lula. “Pobre Brasil - lastima. Durante muito tempo ficaremos sem transformações estruturais”.

Como anunciamos na semana passada, publicamos nesta edição duas entrevistas e um depoimento que lembram a vida e a obra de **José Comblin**, teólogo, recentemente falecido. **João Batista Libanio**, professor da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - FAJE, Belo Horizonte, **Erico Hammes** e **Luiz Carlos Susin**, professores da PUC-RS, recordam a trajetória deste grande intelectual da cena cultural brasileira.

Daniel Marguerat, professor de Novo Testamento da Universidade de Lausanne, na Suíça, dá uma instigante entrevista sobre Paulo de Tarso. Autor de vários livros, alguns traduzidos para o português, o pastor da Igreja Reformada da Suíça estará na Unisinos, nos dias 11 a 13 de abril, ministrando o curso *Ler Paulo hoje. Um estudo em diálogo com filósofos contemporâneos*. O curso é promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU, em parceria com a Universidade Católica de Pernambuco - Unicap.

Por sua vez, o sociólogo **Luís de Gusmão**, professor da Universidade de Brasília - UnB, analisa o fetichismo do conceito nas ciências sociais e na filosofia.

O artigo *A dependência da juventude das tecnologias digitais* é de **Sérgio Mattos**, jornalista, e o depoimento de **Omar Reis**, motorista da Unisinos, narrando a sua trajetória de vida, completam esta edição.

A todas e todos uma boa leitura e uma ótima semana!

Expediente

IHU On-Line é a revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos - IHU - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. ISSN 1981-8769. Diretor da **Revista IHU On-Line**: Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br). Editora executiva: Graziela Wolfart MTB 13159 (grazielaw@unisinos.br). Redação: Anelise Zanoni MTB 9816 (aneliseza@unisinos.br), Márcia Junges MTB 9447 (mjunges@unisinos.br) e Patricia Fachin MTB 13062 (prfachin@unisinos.br). Revisão: Isaque Correa (icorrea@unisinos.br). Colaboração: César Sanson, André Langer e Darli Sampaio, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, de Curitiba-PR. Projeto gráfico: Bistrô de Design Ltda e Patricia Fachin. Atualização diária do site: Inácio Neutzling, Greyce Vargas (greyceellen@unisinos.br), Rafaela Kley e Stefanie Telles. **IHU On-Line** pode ser acessada às segundas-feiras, no site www.ihu.unisinos.br. Sua versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8h, na Unisinos. Apoio: Comunidade dos Jesuítas - Residência Conceição. Instituto Humanitas Unisinos - Diretor: Prof. Dr. Inácio Neutzling. Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br). Endereço: Av. Unisinos, 950 - São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: ihuonline@unisinos.br. Fone: 51 3591.1122 - ramal 4128. E-mail do IHU: humanitas@unisinos.br - ramal 4121.



LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



Ministério
da Cultura



Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 05 | David Kupfer: A necessidade de uma outra política macroeconômica

PÁGINA 10 | Fernando Cardim de Carvalho: Câmbio continua sendo maior desafio do governo brasileiro

PÁGINA 12 | Reinaldo Gonçalves: “Pobre Brasil! Durante muito tempo ficaremos sem transformações estruturais”

PÁGINA 16 | José Luis Oreiro: Mudanças silenciosas

PÁGINA 20 | Francisco de Oliveira: Capitalismo monopolista. Uma política econômica arriscada e perigosa

PÁGINA 23 | Luiz Gonzaga de Mello Belluzzo: “Precisa ser muito ruim para errar no Brasil”

B. Destaques da semana

» Entrevista da Semana

PÁGINA 27 | Luís de Gusmão: A veneração pelo desentendimento

Memória

PÁGINA 29 | João Batista Libanio: A liberdade cristã: um dos núcleos da teologia de José Comblin

PÁGINA 33 | Erico Hammes: Luís de Comblin e a reinvenção da igreja

PÁGINA 35 | Luiz Carlos Susin: O método do mestre José Comblin

» Coluna do Cepos

PÁGINA 38 | Sérgio Mattos: A dependência da juventude nas tecnologias digitais

» Destaques On-Line

PÁGINA 40 | Destaques On-Line

C. IHU em Revista

» Eventos

PÁGINA 44 | Larissa Rosa de Oliveira: Mudanças climáticas e uma nova perspectiva de viver

PÁGINA 45 | Daniel Marguerat: Paulo, o *enfant terrible* da teologia

» IHU Repórter

PÁGINA 50 | Omar Reis

A.

Tema de Capa

A necessidade de uma outra política macroeconômica

A política econômica do início do governo Dilma é essencialmente a mesma do começo do governo Lula, constata o economista David Kupfer

POR PATRICIA FACHIN

O discurso de campanha da presidenta eleita, Dilma Rousseff, sinalizava uma possível mudança estrutural, que teria repercussões na erradicação da pobreza e no desenvolvimento brasileiro. Mas será que “esse novo governo está preparado para fazer escolhas?”, pergunta David Kupfer em entrevista concedida à IHU On-Line. Na sua avaliação, embora o crescimento econômico ainda permaneça como foco do novo governo, a equipe econômica está cada vez mais preocupada em conter a inflação. Segundo ele, a preocupação do alto escalão faz sentido porque o retorno da inflação pode corroer o poder de compra das famílias brasileiras e matar “a galinha dos ovos de ouro” do modelo de consumo, que “está na essência do mecanismo de crescimento da economia brasileira”.

Especialista em política industrial, Kupfer estima que a indústria brasileira continuará perdendo competitividade em função dessa estratégia de combate à inflação. Na entrevista que segue, concedida pessoalmente quando esteve na Unisinos ministrando a aula inaugural do curso de Economia, ele explica: “O que tem de estar claro é que o Brasil está importando uma inflação dele próprio, pois parte importante dos preços em ascensão é de matérias-primas que são, muitas delas, exportadas pelo país”.

David Kupfer é mestre e doutor em Economia da Indústria e da Tecnologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Atualmente, é coordenador do grupo de pesquisa em Indústria e Competitividade - GIC-IE/UFRJ. É autor de inúmeros artigos sobre inovação, competitividade e concorrência na indústria brasileira além de ser coautor do livro *Made in Brazil* (Rio de Janeiro: Campus, 1996) e organizador de *Economia Industrial* (Rio de Janeiro, Campus, 2002). Confira a entrevista.

IHU On-Line - No final do ano passado, o senhor explicou, em entrevista concedida à IHU On-Line, que o receio do aumento da inflação levaria ao aumento da taxa de juros, que levaria a revalorização do real e novamente o Brasil continuaria nessa circularidade. É o que está acontecendo neste momento? A economia brasileira está novamente diante do desafio de desatar o nó cambial?

David Kupfer - Sim. Está acontecendo exatamente aquilo que era previsto: a situação macroeconômica não está dando margem de manobra e o grau de liberdade se resume a ajustar a taxa de juros para cima. O governo está elevando a taxa de juros, agora também recorrendo adicionalmente a outros tradicionais instrumentos da política monetária, hoje chamados de macroprudenciais, mas permanece o

objetivo final de frear o ritmo de crescimento da economia com a decisiva contribuição da valorização do real. Não se conseguiu ainda desenhar uma mudança relevante na linha mestra da política macroeconômica que permita ao país escapar dessas restrições ao crescimento rápido e sustentável.

IHU On-Line - A estimativa de crescimento para este ano é de 4 a 5%. É esse um percentual considerável, tendo em vista o alto crescimento do ano passado?

David Kupfer - Entendo essa pergunta de duas formas. A primeira é relativizar o crescimento de 7,5% de 2010. Tirando-se a média dos 7,5% do ano passado com o 0,6% negativo de 2009, veremos que a média de crescimento desses dois anos foi de 3,5%. A segunda é que os especialistas estão revendo para

baixo a expectativa de 4% para 2011. Nos dois casos, o percentual continua próximo daquele número mágico dos 3,5% que os defensores desse modelo de política macroeconômica afirmavam ser o produto potencial brasileiro, isso em plena fase de crescimento restringido do início da década passada. Então, de algum modo, estamos em um ritmo que pode ser entendido como piso para o crescimento brasileiro. A conclusão é inevitável: deveríamos ter uma política macroeconômica diferente para o país poder andar menos devagar do que essa velocidade mínima.

IHU On-Line - Como o senhor vê o anúncio do ajuste fiscal?

David Kupfer - No final do ano, vamos ver que o ajuste fiscal seguiu o ciclo político. A política econômica do iní-

cio do governo Dilma é essencialmente a mesma do começo do governo Lula. A grande diferença, é que em 2003, havia uma crise política de credibilidade, que provocou uma explosão inflacionária, e desta vez não há nada similar. A sucessão foi absolutamente tranquila. Portanto, do ponto de vista econômico, pode se questionar se o ajuste fiscal é efetivamente necessário. Mas, do ponto de vista político é mais fácil entendê-lo. Primeiro, todo governante aperta o cinto no início para gerar recursos para, quando as eleições estiverem mais próximas, ter caixa a fim de poder fazer um governo mais exuberante. Isso tende a ser assim na democracia. Mas também cabe considerar que o governo anterior abriu espaço para uma exacerbação de demandas da sociedade e agora há a necessidade de contê-las para devolver ao gestor a capacidade de atribuir prioridades. Essa leitura política torna mais compreensível que o novo governo tenha optado por anunciar um ajuste fiscal como seu cartão de visitas.

IHU On-Line - O senhor concorda com a ideia do economista Delfim Netto, de que os investimentos atuais são grandes, mas, enquanto não amadurecem, são demanda e não oferta? A partir desta perspectiva, está posta uma armadilha para a economia brasileira?

David Kupfer - Sem dúvida nenhuma. O Brasil está engargalado pelos problemas de infraestrutura há muito tempo e a velocidade com que está se construindo infraestrutura no país não é suficiente para que esse cenário que Delfim Netto sugere se torne realidade, ou seja, que ela deixe de ser demanda e vire oferta. Neste momento, o investimento em infraestrutura significa demanda, o que é bom porque absorve produção. Porém, não estando pronta, a infraestrutura não diminui os custos de produção. O problema é que o investimento no Brasil tem ocorrido de forma lenta e com períodos de maturação muito grandes: as obras demoram demais para serem decididas, concebidas, projetadas, executadas e ficarem prontas. As razões para isso são conhecidas e

“Do ponto de vista econômico, pode se questionar se o ajuste fiscal é efetivamente necessário. Mas, do ponto de vista político, é mais fácil entendê-lo”

remetem a problemas da natureza da relação público/privado, das questões de regulamentações jurídicas e a todo o embrulho administrativo e burocrático que existe no país atualmente. Há obras do primeiro PAC que já deveriam estar mais do que prontas, mas ainda estão a 30, 50% do caminho.

IHU On-Line - Os empréstimos do BNDES superaram cinco vezes mais os empréstimos do Banco Mundial. Como o senhor vê essa informação? Em algum momento o banco terá de rever os investimentos?

David Kupfer - O BNDES é maior que o Banco Mundial há muitos anos ou mesmo décadas. O volume de empréstimo do BNDES já superava o do Banco Mundial na década de 1980. Acontece que o banco ganhou uma dimensão muito grande em relação a ele próprio. O BNDES está emprestando tudo que pode e mais um pouco - algo na ordem de 150 bilhões de dólares, o que equivale a mais de um quinto da formação bruta de capital do país. Penso que está havendo uma percepção do governo e do próprio BNDES de que está se chegando a um limite. O banco teve de compensar a crise, mas a economia já superou essa fase. Só que no momento não existe um mercado de capitais privados que tenha essa capacidade. Com a crise do final de 2008, a própria Bolsa de Valores recuou em relação a sua capacidade anterior de mobilizar capitais para os novos negócios. Esse é um dos principais gargalos estruturais ao crescimento que o Brasil enfrenta.

No final de 2010, o governo baixou um conjunto de medidas para fomentar o crédito privado de longo prazo

que foram bem recebidas pelos economistas. Há um entendimento, porém, de que essas medidas levarão pelo menos dois anos para produzir seus efeitos. Então, esperamos que surja um mercado de capitais privados no Brasil com capacidade de financiar o desenvolvimento econômico. Será, sem dúvida, um grande salto.

IHU On-Line - Dilma irá governar em um cenário internacional mais turbulento? A elevação do preço das commodities pode interferir de algum modo? O senhor vê risco de desequilíbrio externo?

David Kupfer - Tenho pensado nessa questão das commodities já há alguns anos. O fato é que a alta de preços ora em curso no mercado internacional está sendo inteiramente transferida aos preços domésticos. Não sei em que medida podemos imaginar mecanismos pelos quais o sobrepreço que o exportador brasileiro de minério, soja, celulose ou tantas outras commodities está obtendo não venha a ser cobrado dos usuários no mercado interno. Obviamente, se os preços são totalmente livres, então, de fato, é inevitável que isso ocorra. No entanto, existe chance de que, nesse momento específico, um mecanismo de contenção de preços no mercado interno não prejudique a competitividade das empresas como ocorreu no passado.

O que mudou? Na década de 1980, havia um processo inflacionário crônico, de forte caráter inercial. Para tentar segurar a inflação, o governo restringia os preços dos insumos básicos, em boa parte produzidos por empresas estatais, mantendo os preços no mercado interno abaixo dos internacionais por longos períodos. Esse tabelamento dos preços domésticos foi quebrando os exportadores nacionais porque eles se viam forçados a trabalhar com preços que não remuneravam seus custos. É como se o preço internacional estivesse no lugar e os preços domésticos fora de lugar. Hoje, a situação é diferente. São os preços internacionais das commodities que estão fora de lugar, havendo, portanto, espaço para se ter um preço no mercado doméstico inferior ao internacional.

Alternativas

A questão é encontrar um mecanismo que possa cumprir adequadamente essa função. Tem um espaço de trabalho aí, embora pareça tardio imaginar um sistema de taxação das exportações de commodities, tal como tem sido feito na Argentina e, mais recentemente, na Austrália. No caso brasileiro, isso poderia ter sido feito no passado, em 2003 ou 2004, quando o ciclo de alta de preços internacionais de commodities já ia de “vento em popa”, mas o real ainda se encontrava desvalorizado. Hoje, com o real super-apreciado, talvez não seja mais o caso. Uma opção diferente seria aumentar a apropriação pública da renda mineral e da renda da terra, por meio de royalties e similares. Esses recursos poderiam ser direcionados para fundos de estabilização de preços dessas matérias-primas ou de fomento ao investimento em atividades agregadoras de valor. Longe de uma ideia acabada, é mais um registro de que talvez valha a pena aprofundar um pouco a reflexão sobre essa questão.

IHU On-Line - A tentativa de conter a inflação poderá afetar a indústria? A política econômica do governo se articula com as necessidades do setor?
David Kupfer - O modelo de estabilização brasileiro não é pró-indústria; é um modelo que ajusta, um pouco nas costas da indústria, a necessidade de ter compensações para determinados custos que são crescentes no país. Como a indústria trabalha com comercializáveis, o que se pode fazer é achatar o preço da indústria, expondo-a a concorrência internacional e, adicionalmente, induzindo um processo de valorização cambial. Em síntese, o governo está barateando o preço do produto industrial, o que ajuda a controlar a inflação. Como a inflação está se acelerando, provavelmente terá de ser aplicada uma dose mais forte da mesma fórmula que vem sendo usada há quase 20 anos. Isso vai significar novamente uma compressão nos preços industriais, que virá do aumento da taxa de juros o qual, por sua vez, irá trazer mais uma rodada

“O que a China propõe para o Brasil hoje é o mesmo que os EUA propuseram há 50 anos”

de valorização do real, barateando a parcela importada dos bens industriais e também os próprios custos de produção industrial.

Penso que será inevitável que a indústria vá passar por uma nova rodada de perda de competitividade nos próximos anos. O que tem de estar claro é que a indústria acaba arcando com os efeitos nocivos de um modelo de combate a uma inflação que o Brasil está importando dele próprio, pois boa parte dela vem de aumentos de preços de matérias-primas que são exportadas pelo Brasil.

IHU On-Line - Muitas empresas chinesas são estatais e estão comprando terras no Brasil. A partir deste fato, é possível pensar que o Estado chinês está se apropriando, de alguma maneira, do território brasileiro? Ao invés de comprar commodities brasileiras, eles poderão, no futuro, comprar suas próprias matérias-primas em terras brasileiras, ou melhor, chinesas? Como fica a concorrência e a relação dos países nesse sentido?

David Kupfer - Nem toda a produção chinesa é estatal; é um pouco complicada a estrutura do capital na China. De qualquer modo, o país tem dado sinais de que o interesse nacional chinês se limita aos produtos mais básicos. A China tem procurado o Brasil para exploração primária agrícola e mineral. Evidentemente, não há uma razão clara que nos leve a imaginar que o país irá mudar de postura. Então, a relação do Brasil com a China é complexa e, embora nesse momento a China esteja ajudando o equilíbrio comercial brasileiro, tende a se tornar conflitiva com o passar do tempo. E quando essa fase de auge do ciclo das commodities reverter e a China não gerar tanto superávit para o Brasil, esses conflitos tenderão a se aguçar. Imagino que há uma percepção dos formuladores da

política externa brasileira nesta questão e, evidentemente, todo o movimento da política externa brasileira já reflete esse desafio chinês. Imagino que a aproximação de Brasil e EUA é uma forma de buscar meios para que os dois países tentem neutralizar essa ameaça chinesa.

IHU On-Line - Dilma anunciou a criação do “grupo China” para estudar a relação comercial com o país. Como vê essa iniciativa? Trata-se de uma estratégia para conseguir a penetração de empresas brasileiras no mercado chinês?

David Kupfer - É uma estratégia necessária porque o Brasil não pode romper com a China. Por um lado, a relação com os chineses é positiva porque ela trouxe uma mudança no eixo dinâmico da economia mundial, a qual é boa para o Brasil. O país não pode ser contra isso, mas deve ter uma posição mais firme diante desse novo impulso. O que a China propõe para o Brasil hoje é o mesmo que os EUA propuseram há 50 anos. De algum modo, a resposta brasileira foi tanto de aproximação quanto de muita contestação das posições americanas. Apesar disso, está estabelecendo uma relação parecida com os chineses.

IHU On-Line - Como vê a posição do governo brasileiro diante do pré-sal? Seria este o momento de o país guinar para outro modelo econômico, sustentado pela economia de baixo carbono?

David Kupfer - Não tenho dúvidas de que o Brasil tem de investir no pré-sal. Deixo a futurologia para os futurólogos e, se alguém achar que o petróleo irá acabar em 2030 ou 2050, tudo bem. Até lá, o petróleo é e seguirá sendo um tremendo ativo, de importância econômica fundamental pelo que pode significar de divisas e desenvolvimento. Além do mais, é um ativo geopolítico importantíssimo e é com ele que o Brasil pode sair desse andar de baixo em que a China está querendo nos colocar.

O Brasil tem que investir no petróleo sem se tornar dependente. Então, tem de desenvolver novas fontes de energia, os biocombustíveis, a econo-

mia de baixo carbono. O país não pode ser binário: investir tudo ou desistir.

IHU On-Line - Que política econômica é necessária para que a atividade industrial gire na direção do desenvolvimento tecnológico, tal como o senhor propõe em seus estudos? O que Dilma sinaliza nesse sentido? O Brasil está preparado para investir nessa área?

David Kupfer - Penso que a indústria ainda não está preparada. O problema da inovação no Brasil é amplo e tem raízes tanto na estrutura da indústria quanto no comportamento das empresas e do governo. Então, são raízes estruturais e comportamentais.

A raiz estrutural mais imediata é o fato de que a economia brasileira não remunera a inovação, quer dizer, não há incentivo porque os setores em que se consegue dispor de empresas mais robustas, que poderiam se deixar atrair pela inovação, são maduros tecnologicamente enquanto os setores mais dinâmicos do ponto de vista inovativo resentem-se da ausência de uma capacitação empresarial compatível.

Outra questão tem a ver com o fato de que o empresariado brasileiro demonstra uma enorme aversão ao risco - talvez por questões justificáveis, porque enfrentou muitas dificuldades ao longo dos últimos 30 anos. O risco tecnológico, que é realmente muito elevado, parece não muito atrativo quando cotejado com a segurança de se manter a produção industrial limitada aos produtos de menor conteúdo tecnológico. O governo, por sua vez, tem muitas restrições legais, jurídicas e organizacionais para transferir recursos para atividades de pesquisa, desenvolvimento e inovação, especialmente no que diz respeito aos financiamentos a fundo perdido, que são muito importantes na questão de ciência e tecnologia. Então, o Brasil não tem um modelo eficaz para o financiamento dos grandes projetos estruturantes de ciência e tecnologia nacionais.

Finalmente, o país não consegue fazer a ciência e a tecnologia convergirem. Cada uma tem uma lógica e seguem orientações diferentes. À medida que o objetivo da inovação vai ganhando importância, fica mais claro que

“A diferença entre crescimento econômico e desenvolvimento não é uma questão numérica, pois um país pode crescer 5% sem desenvolver ou crescer 3%, desenvolvendo”

existe um problema de longa data: casar política industrial com política tecnológica. Estamos descobrindo, porém, que, além desse problema antigo, existe outro que estava escondido: fazer as políticas científica e tecnológica andarem juntas. Então, há um problema ainda maior do que se imaginava: fazer a política industrial, tecnológica e científica convergirem. Esse é um processo longo e não se deve esperar avanços rápidos. Já se avançou bastante em relação ao que existia há 25 anos. Ocorre que se avançou bastante em relação à realidade do Brasil, mas em termos de comparação internacional, se avançou pouco e o país está ficando para trás.

IHU On-Line - A política econômica do governo sinaliza também para o desenvolvimento social do país?

David Kupfer - Essa é uma pergunta difícil. A diferença entre crescimento econômico e desenvolvimento não é uma questão numérica, pois um país pode crescer 5% sem desenvolver ou crescer 3%, desenvolvendo. Desenvolvimento é crescimento mais alguma coisa. Para um estruturalista como eu, essa “alguma coisa” significa mudança estrutural. No caso específico do governo Lula, percebemos que a preocupação esteve focada em destravar o crescimento econômico. Principalmente o segundo governo Lula buscou crescimento econômico, mas não teve um foco claro na mudança estrutural.

O discurso de campanha da Dilma sinalizou para uma nova fase em que se buscava mudança estrutural. Mas para ter a mudança estrutural de fato pre-

cisamos de um Estado com capacidade de planejar, uma política econômica baseada em planejamento. Evidentemente que não o planejamento antigo, tecnocrático, mas sim um planejamento indicativo, que aponte direções, que favoreça a coordenação das decisões empresariais, que reduza os riscos dos investidores etc. A questão é que planejar significa fazer escolhas, ou seja, financiar determinadas ações e não outras, apoiar certas iniciativas, valorizar determinadas empresas em vez de outras e, assim, sucessivamente.

A dúvida é se esse novo governo está se preparando para fazer escolhas. Ainda está muito cedo para dizer, mas neste momento o governo parece novamente estar focado no dilema inflação-crescimento. Existe uma preocupação legítima do governo em relação ao retorno da inflação, porque ela pode corroer o poder de compra, que está na essência do mecanismo de crescimento da economia brasileira.

Anteriormente, falei que o modelo de estabilização adotado no Brasil cria um ambiente hostil para a indústria, mas, por outro lado, que ele dava um “cala boca” para o setor, dizendo o seguinte: “A indústria perderá competitividade, os custos serão crescentes. No entanto, o mercado interno será comprador. O mercado interno, que não comprava nada, agora comprará muito”. Enquanto o mercado interno estiver crescendo seu poder de compra, a indústria consegue compensar a perda de competitividade. Mas se vem um processo inflacionário, que começa a corroer o poder de compra, mata-se a galinha dos ovos de ouro desse modelo chamado consumo de massas que está sendo praticado atualmente. Então, o governo tem muito medo da inflação por causa desses efeitos que ela pode gerar no ponto focal do modelo de crescimento que vem sendo adotado no Brasil e vem dando a hegemonia política ao partido da atual presidenta.

IHU On-Line - Mesmo Dilma declarando que está preocupada com a erradicação da miséria, o objetivo é crescimento? Ou os dois poderão caminhar juntos neste governo?

David Kupfer - Podem e devem cami-

nhar juntos porque a demanda interna tem uma locomotiva e vários vagões. Desde os anos 1990, vem ocorrendo uma série de medidas de transferência de renda, formalização do emprego, aumento do salário mínimo que continuam colocando mais vagões no trem do consumo. O vagão que entrou na rodada anterior foi a chamada classe C, mas ainda é possível levar isso a diante, incluindo as classes D e E. Na hora em que se conseguir incorporar mais esses 30 milhões de pessoas ao consumo, mais fôlego será dado ao crescimento. A transformação chinesa é essa também. A diferença é que eles estão incorporando 300 milhões de pessoas por vagão ao invés de 30 milhões.

LEIA MAIS...

David Kupfer já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line. Acesse na página eletrônica do IHU ([WWW.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)).

- Desatar o nó cambial. Eis o desafio econômico brasileiro. Entrevista publicada nas Notícias do Dia em 21-12-2010. Disponível no link <http://migre.me/49G3K>;
- A política cambial e o crescimento econômico. Entrevista publicada na edição 306, de 31-08-2009. Acesse no link <http://migre.me/49FYn>;
- Pré-sal: uma nova perspectiva para o desenvolvimento econômico brasileiro. Entrevista publicada nas Notícias do Dia em 16-09-2008. Acesse no link <http://migre.me/49G1N>.

BAÚ DA IHU ON-LINE

A IHU On-Line já produziu outras edições sobre os temas abordados nesta publicação. O material está disponível na página eletrônica do IHU (www.ihu.unisinos.br).

- Economia brasileira. Desafios e perspectivas. Edição 338, de 09-08-2010. Acesse no link <http://migre.me/49gaz>;
- A crise da zona do euro e o retorno do Estado regulador em debate. Edição 330, de 24-5-2010. Acesse em <http://migre.me/12Pa4>;
- A reestruturação do capitalismo brasileiro. Edição 322, de 22-03-2010. Acesse no link <http://migre.me/49gdf>;
- Euclides da Cunha e Celso Furtado. Demiurgos do Brasil. Edição número 317, publicada em 30-11-2009. Acesse no link <http://migre.me/pH5L>;
- O capitalismo cognitivo e a financeirização da economia. Crises e horizontes. Edição número 301, publicada em 20-7-2009. Disponível no link <http://migre.me/pH7f>;
- A crise capitalista e a esquerda. Edição número 287, publicada em 30-3-2009. Acesse no link <http://migre.me/pH9P>;
- Alternativas energéticas em tempos de crise financeira e ambiental. Edição número 285, publicada em 8-12-2008. Disponível no endereço eletrônico <http://migre.me/pHbx>;
- A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx. Edição número 278, de 21-10-2008. Acesse em <http://migre.me/pHco>;
- A crise financeira internacional. O retorno de Keynes. Edição número 276, de 6-10-2008. Disponível no link <http://migre.me/pHe0>;
- Uma nova classe média brasileira? Edição número 270, publicada em 25-8-2008. Publicada em <http://migre.me/pHA7>;
- O Brasil está se desindustrializando? Um debate. Edição 218, de 7/5/2007. Acesse no link <http://migre.me/12ELp>;

- Raízes do Brasil. Edição número 205, de 20-11-2006. Acesse no link <http://migre.me/pHH8>;
- O Brasil que a gente quer. Edição número 201, de 23-10-2006. Disponível no endereço <http://migre.me/pHlg>;
- A política ainda é relevante? A eleição presidencial. Edição número 192, de 21-8-2006. Acesse no link <http://migre.me/pHKn>;
- Intérpretes do Brasil: A redescoberta do Brasil como problema. Edição número 165, de 21-11-2005. Acesse no link <http://migre.me/pHNe>;
- A crise política brasileira. Elementos para análise. Edição número 146, de 20-6-2005 e disponível no link <http://migre.me/pHOC>;
- 1985-2005. A Nova República. 20 anos depois. Edição 132, de 14-3-2005 e disponível em <http://migre.me/pHQ4>;
- Lições eleitorais. A política nacional converge para o centro. Edição 123, publicada em 16-11-2004. Disponível no link <http://migre.me/pHTf>;
- Governo Lula: Uma saída neoliberal para a crise do neoliberalismo? Edição número 79, de 13-10-2003. Disponível no link <http://migre.me/pINN>;
- Projeto Nacional de Desenvolvimento: Uma possibilidade? Um contra-senso? Edição número 77, de 29-9-2003. Disponível no endereço eletrônico <http://migre.me/pIOS>;
- Brasil: A força de uma identidade enfraquecida. Edição número 63, de 9-6-2003 e disponível no link <http://migre.me/pIRd>;
- Eleições brasileiras: A possibilidade da democracia social e política. Edição número 39, de 21-10-2002. Acesse no link <http://migre.me/pISf>;
- O Brasil que vai às eleições. Edição número 37, de 30-9-2002. Acesse em <http://migre.me/pISX>;
- Eleições 2002. Propostas para reflexão. Edição número 8, de 11-3-2002. Disponível no link <http://migre.me/pIUR>.

21 de maio

Escola de Formação Fé, Política e Trabalho 2011

Da alienação à conscientização para uma prática transformadora da realidade.

Assessoria: Prof. Dr. Pedrinho Guareschi - PUC/RS
www.ihu.unisinos.br

Câmbio continua sendo maior desafio do governo brasileiro

É possível conter a inflação e ainda crescer economicamente cerca de 4,5%. Entretanto, a taxa é insuficiente para resolver os problemas que o país enfrenta, declara o economista Fernando Cardim de Carvalho

POR PATRICIA FACHIN

Nos primeiros três meses de governo, a presidente eleita, Dilma Rousseff, não perdeu as rédeas da administração federal e sinaliza algumas modificações em relação ao governo anterior. Segundo Fernando Cardim de Carvalho, as mudanças são visíveis, embora ainda não seja possível medir as consequências como, por exemplo, “a mudança na diretoria do Banco Central em favor de funcionários de carreira em lugar de egressos de mercados”.

Em entrevista concedida à **IHU On-Line**, por e-mail, o economista comenta as principais medidas adotadas pela presidenta no início do mandato, e assinala como positivo o corte orçamento da União de R\$ 50 bilhões. “O Brasil atravessou a crise muito bem, como se sabe, retomou seu caminho e não é mais necessário que o governo sirva de muleta para compensar uma demanda privada deficiente”. Cardim ressalta que a política do salário mínimo “tem sido uma peça importante da estratégia de redistribuição de renda dos últimos governos”, além de ser mais eficaz do que programas como o Bolsa Família.

Surpreendido positivamente com a administração Rousseff, Cardim diz que ainda é cedo para avaliar resultados, “mas a presidenta está mostrando liderança e decisão, tanto mais importantes quando nos lembramos que não voamos mais em céu de brigadeiro no contexto internacional”.

Fernando Cardim de Carvalho é mestre em Ciência Econômica pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp e doutor em Economia pela Rutgers, State University of New Jersey. Atualmente, é consultor do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas - IBASE - e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual o impacto do ajuste fiscal de R\$50 bilhões na economia? É possível investir em questões sociais e crescer economicamente com ajuste fiscal?

Fernando Cardim de Carvalho - Há que se chamar a atenção para dois pontos. O primeiro é que o corte, na verdade, é um corte no “aumento” previsto para os gastos, não um corte propriamente dito. Assim, caso seja o intuito do governo, a decisão não implica necessariamente um sacrifício do que existe, mas um adiamento do que poderia vir a ser feito. Segundo, e mais importante, é lembrar-se que o gasto público no Brasil desses últimos anos compreende dois elementos: despesas com a provisão de serviços públicos, investimentos do governo e, no nosso caso, as medidas de redistribuição de renda, que são permanentes; mas há também despesas de natureza anticíclica,

quando o governo expandiu gastos e reduziu impostos para combater os impactos locais da crise internacional, ao final de 2008, início de 2009. O Brasil atravessou a crise muito bem, como se sabe; retomou seu caminho e não é mais necessário que o governo sirva de muleta para compensar uma demanda privada deficiente. Consumidores e investidores privados voltaram a fazer seus gastos normais, o governo pode sair parcialmente de cena, desativando seus mecanismos de combate a uma crise que já não está mais, deixando para usá-los de novo na próxima crise.

IHU On-Line - Qual sua avaliação em relação à política monetária e cambial adotada pelo governo? São eficazes?

Fernando Cardim de Carvalho - O câmbio é, de longe, nosso maior problema. Não é um problema de fácil solução. Um

real desvalorizado é essencial para promover exportações líquidas, mas ainda mais para impedir a desindustrialização visível seja na penetração de importações de manufaturas, seja no desaparecimento dessa classe de bens da nossa pauta de exportações. Nós voltamos a acumular déficits em transações correntes, o que significa que a dívida externa voltou a crescer. Por enquanto, há o conforto das reservas, mas, e principalmente, o fato de que a crise internacional diminuiu a atratividade de outros mercados financeiros, desestimulando a fuga de capitais. Mas vivemos em um mundo excepcionalmente volátil e perigoso, com novas fontes importantes de incertezas emergindo a cada dia. Contar com um contexto benigno para evitar tomar as medidas necessárias é correr riscos inaceitáveis, como a nossa experiência passada mostrou repetidamente.

Por outro lado, há pressões inflacionárias importantes na economia mundial, especialmente no que diz respeito a alimentos e energia (que se propagam facilmente para outros grupos de bens). Uma eventual desvalorização descontrolada do real poderia reforçar a inflação doméstica, algo intolerável para a sociedade brasileira. Exige-se do governo, no momento, não apenas a clareza para identificar os problemas, mas também uma habilidade extrema para manejá-los de forma eficaz.

IHU On-Line - Quais são as causas que geram a inflação neste momento? Apenas as pressões externas?

Fernando Cardim de Carvalho - As pressões externas são bastante fortes. Elas impactam a economia não só através do preço do que é importado, mas também do que é exportado, já que o exportador não vai vender no mercado local o que ele pode vender por preço mais alto no exterior. Além disso, como já mencionado, tratando-se de itens como alimentos e energia, o poder de propagação é muito grande, especialmente na economia brasileira onde subsistem muitos bens e serviços com preços indexados, como, por exemplo, as tarifas de serviços públicos vendidos por empresas privadas. Eliminar as formas de indexação sobreviventes na economia é inadiável. Na verdade, já deveria ter sido feito há muito tempo atrás. Houve também, certamente em 2010, um excesso de demanda, apoiado na expansão do gasto público, que talvez já tenha desaparecido, talvez não, eu não tenho elementos ainda para ter uma avaliação pessoal mais satisfatória.

IHU On-Line - Dilma declarou que não admitirá o retorno da inflação. As medidas adotadas para conter a inflação podem repercutir negativamente no crescimento econômico? É possível conter a inflação sem prejudicar o crescimento?

Fernando Cardim de Carvalho - É possível, porque nós não estamos crescendo exatamente a taxas "chinesas". Mesmo o crescimento de 7,5% em 2010 se explica, em grande parte, pelo fato que 2009 foi o ano do impacto da crise internacional sobre o PIB. Eu não tenho dúvidas que a sociedade brasileira não toleraria o retorno a uma inflação descontrolada, ainda que

“Exige-se do governo, no momento, não apenas a clareza para identificar os problemas, mas também uma habilidade extrema para manejá-los de forma eficaz”

baixa, porque todos nós, pelo menos da minha geração, vivemos o longo episódio da inflação que começou relativamente baixa (relativamente ao que acabou alcançando) e tornou-se explosiva. É possível, apesar de ser extremamente difícil, especialmente no contexto internacional volátil em que se vive, muito diferente daquele que marcou os anos anteriores à crise internacional.

IHU On-Line - Como vê a expectativa de crescimento de 4 a 5%? O que esse crescimento mais baixo em relação ao ano passado demonstra em relação ao crescimento econômico brasileiro?

Fernando Cardim de Carvalho - A taxa de crescimento do ano passado não informa muito sobre o que a economia brasileira pode ou não pode fazer porque ela contém fortes elementos de recuperação e não apenas de retomada do crescimento. Certamente, crescer de 4 a 5% para o Brasil é insuficiente e para resolver minimamente os problemas que o país tem e é abaixo do seu potencial. Não me refiro aqui aos cálculos de produto potencial que se faz por aí, mais adequados à astrologia que a uma disciplina que aspira a ser científica. Nós temos escala, recursos, estrutura para crescer muito mais e transformar efetivamente a face da sociedade brasileira. Mas isso não cai do céu. É preciso promover investimentos, aumentar o nível educacional da população, melhorar dramaticamente a eficiência com que o governo opera, que é ainda muito baixa, diminuir nossa fragilidade externa antes que ela se torne um problema real, etc. É uma lista enorme de demandas; mas

desenvolvimento é mesmo exigente.

IHU On-Line - Como avalia a postura do governo em relação ao salário mínimo e a indexação?

Fernando Cardim de Carvalho - A política do salário mínimo tem sido uma peça importante da estratégia de redistribuição de renda dos últimos governos. Ela foi mais eficaz do que programas mais visíveis, como o Bolsa Família, por exemplo, tanto na redistribuição de renda quanto na sustentação de demanda. Ela tem sido especialmente importante e eficaz no contexto de aumento do grau de formalização das relações de trabalho também característica dos últimos anos. Ainda estamos longe de alcançar um nível adequado para o salário mínimo. Quando isso ocorrer, as metas para essa política deverão ser revistas. Por ora, a política atual dá ao governo a flexibilidade necessária para perseguir um objetivo não muito importante, mas também que se mostrou factível.

IHU On-Line - Como o senhor compreende o anúncio do governo em abrir concessões privadas para expandir os aeroportos?

Fernando Cardim de Carvalho - Eu não vejo a questão da estatização/privatização por ângulos ideológicos, mas de eficiência. Aqui, eu concordo com Deng Xiao Ping 'quando disse que não importava a cor do gato, importava que ele matasse ratos. Há setores em que a privatização foi desastrosa, como na geração de energia elétrica, e a Califórnia forneceu uma ilustração vívida de quão desastroso isso pode ser. Por outro lado, a qualidade dos serviços de telecomunicações no Brasil, com todos os problemas que se conhece, é muito maior do que no tempo das estatais, quando telefones eram tão raros que eram objetos de investimento neste país. Ninguém no Rio de Janeiro, por exemplo, tem qualquer saudade da Telerj². Para quem viaja com frequência, é evidente que a Infraero³ não tem competência para controlar o setor. A questão é saber se é prioritário para o governo

¹ Secretário-geral do Partido Comunista Chinês (PCC) e líder político da República Popular da China entre 1978 e 1992. É o criador do chamado socialismo de mercado. (Nota da IHU On-Line)

² Telecomunicações do Estado do Rio de Janeiro. (Nota da IHU On-Line)

³ Empresa Brasileira de Infra-Estrutura Aeroportuária. (Nota da IHU On-Line)

tentar resolver um problema desse tipo ou se é melhor tentar outra coisa, como a gestão privada. Eu não sei se a gestão privada vai ser melhor. O que sei, como viajante contumaz e usuário frequente, é que a Infraero coloca a barra tão baixa que praticamente qualquer coisa pode transpô-la. Mas eu acho um erro ler ideologias nessas iniciativas. Empresas estatais não são intrinsecamente boas ou más e empresas privadas também não. Em certos setores, pode-se deixar aos consumidores a decisão do que deve ou não sobreviver. Em outros, a decisão sobre quem deve prover o serviço é do estado e não há razão *a priori* para que a decisão não seja conceder a outros a operação. Se não funcionar, casse a concessão e tente outra coisa.

IHU On-Line - Resumindo, que avaliação o senhor faz da condução da política econômica do governo Dilma? Quais os desafios da nova presidenta?

Fernando Cardim de Carvalho - Até agora, estou positivamente surpreendido com a administração Rousseff. Eu temia que a presidenta, por inexperiência política, podia acabar dominada pelos grupos que povoam seu governo, e perdesse as rédeas da administração federal. Isso não aconteceu, pelo contrário. Por outro lado, há mudanças visíveis, embora de consequências ainda não inteiramente claras, como, por exemplo, a mudança na diretoria do Banco Central em favor de funcionários de carreira em lugar de egressos de mercados, cuja agenda nunca se sabe realmente qual é, ou que, no mínimo, tornam a autoridade monetária mais sensível do que deveria ser às demandas e visões do mercado. Ainda é muito cedo para avaliar resultados, mas a presidenta está mostrando liderança e decisão, tanto mais importantes quando nos lembramos que não voamos mais em céu de brigadeiro no contexto internacional.

LEIA MAIS...

Fernando Cardim de Carvalho já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line.

- As controvérsias da política econômica brasileira. Entrevista publicada na edição 338, de 09-08-2010. Acesse no link <http://migre.me/45Aml>;
- “Criou-se uma moeda europeia, mas não um estado europeu”. Publicada na edição 330, de 24-05-2010. Acesse no link <http://migre.me/45AqV>.

“Pobre Brasil! Durante muito tempo ficaremos sem transformações estruturais”

O economista Reinaldo Gonçalves não vê mudanças estruturais na política econômica do atual governo e menciona que os próximos quatro anos serão de continuidade da gestão Lula

POR PATRICIA FACHIN

As primeiras medidas econômicas adotadas pela presidenta Dilma Rousseff são decorrentes, na avaliação do economista Reinaldo Gonçalves, da “herança nefasta de Lula”. Segundo ele, Dilma mantém a “síndrome de prefeito do interior”, quer dizer, faz ajuste fiscal nos primeiros anos do governo para sobrar dinheiro próximo às eleições. Gonçalves também critica a atual política de reajuste do salário mínimo, que eleva o valor de acordo com a taxa de crescimento dos dois anos anteriores. “O reajuste do salário mínimo no início do ano deve incorporar expectativas quanto à evolução macroeconômica do país (crescimento e inflação) no ano em curso”, assinala.

Em entrevista à **IHU On-Line**, concedida por e-mail, o economista também comenta a criação do grupo China, anunciado recentemente, e lamenta: “a criação de grupo de estudos dentro do Executivo é um indicador de que nada de relevante será feito”. Para ele, a relação bilateral China/Brasil “reproduz o modelo centro/periferia”. E argumenta: “O que a China quer é controlar fontes fornecedoras de matérias-primas e criar mercados para seus bens e serviços de alto valor agregado”.

Reinaldo Gonçalves é formado em Economia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Obteve o título de mestre em Economia, pela Fundação Getúlio Vargas - FGV-RJ, e de doutor em Letters And Social Sciences pela University of Reading, na Inglaterra. Atualmente, leciona na UFRJ. É autor de Economia internacional. *Teoria e experiência brasileira* (Rio de Janeiro: Elsevier, 2004). Publicou, com Luiz Filgueiras, o livro *A economia política do governo Lula* (Contraponto, 2007) Confira a entrevista.

IHU On-Line - As primeiras ações de Dilma depois de assumir a presidência foram ajuste fiscal e aumento dos juros. O que isso significa e demonstra em relação à economia brasileira?

Reinaldo Gonçalves - A questão central é a herança nefasta de Lula. As primeiras ações de Dilma demonstram três elementos. O primeiro é que o ajuste em 2010 agravou desequilíbrios macro-

econômicos (contas externas, endividamento das famílias e empresas, bolha de preços de imóveis, pressão inflacionária, etc.). O segundo é que este ajuste foi influenciado enormemente pelo oportunismo do governo Lula em ano de eleições gerais. E o terceiro é que no governo Dilma é mantida a “síndrome de prefeito do interior”. Ou seja, arrocho nos dois primeiros anos de governo e extrema liberalidade no final

do mandato. Assim, comprime-se a base para se obter resultados mais visíveis no período de reeleição. Em resumo, é a captura da gestão macroeconômica pelo oportunismo eleitoral. É o nosso problema estrutural de combinação de oportunismo político-eleitoral com instituições fracas e sociedade invertebrada. Como parte da herança nefasta de Lula não houve qualquer mudança a respeito deste problema. Muito pelo contrário.

IHU On-Line - Por quais motivos o crescimento tende a cair de 7,5% para 4 ou 5% este ano?

Reinaldo Gonçalves - O forte crescimento econômico em 2010 permitiu a reversão da recessão provocada pela crise global ao mesmo tempo em que foi funcional para os grupos políticos dirigentes, tendo em vista o ciclo eleitoral. Por outro lado, há o agravamento dos desequilíbrios macroeconômicos. Além da pressão inflacionária, verifica-se a forte deterioração das contas externas. Passado o período de eleições, os desequilíbrios macroeconômicos são, então, enfrentados com as medidas ortodoxas de políticas monetárias, creditícia e fiscal restritivas. Em consequência, a expectativa é de não sustentabilidade de elevadas taxas de crescimento do PIB no médio prazo. O Fundo Monetário Internacional - FMI, por exemplo, tem como previsão para o Brasil crescimento real do PIB pouco superior a 4,0% em 2011-12. Ainda segundo as previsões do FMI, o Brasil deve ocupar posições próximas da média e medianas mundiais. As taxas previstas para 2011-12 estão próximas da média do governo Lula (4,0%) e estão abaixo da média secular do país (4,5%). No futuro próximo, a expectativa é de fraco desempenho pelos padrões históricos do Brasil e nenhum avanço na posição internacional. Estes fatos tornam-se ainda mais graves com a trajetória de piora evidente das contas externas, com fortes desequilíbrios de fluxo e de estoque; ou seja, vulnerabilidade externa. Trata-se, aqui, de parte da herança nefasta de Lula.

IHU On-Line - O senhor é autor de um estudo sobre a evolução da renda no governo Lula em comparação com a perspec-

“No futuro próximo, a expectativa é de fraco desempenho pelos padrões históricos do Brasil e nenhum avanço na posição internacional do país”

tiva histórica. Quais suas conclusões? A partir desses dados, quais as perspectivas para os próximos anos do governo Dilma?

Reinaldo Gonçalves - A análise da evolução da renda do Brasil durante o governo Lula nos permite chegar às seguintes conclusões: 1) fraco desempenho pelos padrões históricos do país; 2) muito fraco desempenho quando comparado com outros presidentes; 3) país fortemente atingido pela crise global em 2009; 4) o processo de ajuste frente à crise global foi influenciado significativamente pelo ciclo eleitoral e oportunismo político em 2010 e não se sustenta em 2011-12; e, 5) retrocesso relativo no conjunto da economia mundial. Este trabalho pode ser acessado em <<http://acessa.me/ccqx>>.

Perspectivas

Sem dúvida alguma há continuidade. É mais do mesmo. A única vantagem é não sofrermos o tsunami diário de hipocrisia e cinismo do Lula. Vale notar que Dilma foi escolhida mais pelos seus defeitos do que por eventuais virtudes. Foi escolhida por ter se mostrado como, talvez, a mais dócil serviçal no governo em que Lula era o centro do poder. Lula mandava e o resto obedecia. Ela é e será uma presidenta frágil, sem uma base própria de poder. O poder para ser efetivo tem que ser conquistado. O poder recebido é raso, oco, simbólico. Alguns elementos apontam nesta direção: 1) Dilma era totalmente desconhecida antes de ser levada por Lula para Brasília em 2003; 2) ela foi escolhida a dedo por Lula para ser candidata à presidência da República, isto é, ela não disputou esta escolha; 3) os escabrosos arranjos políticos para

obtenção de apoio das oligarquias e partidos foram costurados por Lula e pelos articuladores subordinados a Lula; 4) o próprio esquema da campanha milionária à presidência estava fora do alcance de Dilma; 5) toda a força política real da presidência da República é mediada por figuras que Lula indicou para cargos-chave no executivo federal e que são, praticamente, seus serviçais; 6) Dilma está fora do comando das articulações com o congresso, as centrais sindicais, as oligarquias, os bancos, o agronegócio, o núcleo duro do grande capital e os partidos que se tornaram empresas por cotas limitadas (controlados por grupos dirigentes que são dublês de mercadores); e 7) Lula continuará controlando o caixa e os esquemas de financiamento do PT, que são fundamentais não somente para controlar o próprio PT como para o financiamento de campanhas eleitorais regadas a dinheiro. Para Dilma sobrarão o simbolismo do poder. Um dos riscos é que, no contexto de grave crise econômica, eclodam sérios problemas de governança e governabilidade. A fragilidade estrutural de Dilma será sempre travestida pela alegoria da eficiência burocrática e administrativa. A instituição presidência da República invertebrada, fragilizada e travestida de eficiência burocrática é parte da herança nefasta de Lula.

IHU On-Line - O senhor diz que ela será uma presidenta sem base própria de poder. Mas o que explica, então, o apoio que recebeu na decisão do aumento do salário mínimo?

Reinaldo Gonçalves - Na história do Brasil podemos identificar presidentes relativamente frágeis e fortes levando em conta a base própria de poder, inclusive, características pessoais. Tomemos o passado recente: na lista dos presidentes relativamente fracos temos Sarney, Itamar e Dilma. Na lista dos presidentes relativamente fortes temos Collor (símbolo de modernização e carisma), Fernando Henrique (intelecto) e Lula (símbolo de mudanças). Quanto à questão do salário mínimo não se esqueçam que foi uma negociação dura, inclusive, o governo usou o neopeleguismo da CUT contra as outras centrais sindicais e fez compensações. Quando se afirma que a presidenta é relativamente

fraca não significa que o governo seja fraco, principalmente quando se trata de lidar com grupos sociais e grupos de interesses que são facilmente cooptáveis, como é o caso do atual sindicalismo brasileiro. Não podemos esquecer, ainda, que o governo central no Brasil é hegemônico porque a sociedade civil é frágil, invertebrada. E, ademais, nunca antes na história o peleguismo foi tão marcante.

IHU On-Line - Mudanças no cenário internacional exigirão que tipo de política econômica do governo Dilma? Como vê a questão da exportação de commodities, por exemplo?

Reinaldo Gonçalves - O governo Dilma seguirá a mesma linha do governo Lula via arranjos com as oligarquias, os bancos, as grandes empreiteiras e o setor de agronegócio. Não houve qualquer transformação relevante nas relações, estruturas e processos políticos no Brasil nos anos Lula. O mesmo ocorrerá no governo Dilma. Os setores dominantes (com destaque para o das commodities) beneficiaram-se dos elevados e favoráveis financiamentos do Banco do Brasil e do BNDES. Simplesmente pelo valor simbólico, vale mencionar que, no fechamento das contas da campanha da Dilma, um dos maiores exportadores de soja do país contribuiu pessoalmente com um cheque de um milhão de reais. Quanto à elevação dos preços das commodities há uma saída simples: imposto de exportação. Além do efeito fiscal favorável, o imposto sobre a exportação de commodities aumenta a oferta para o mercado interno e, portanto, tem impacto favorável sobre a inflação. Naturalmente, Dilma não pretende contrariar os interesses de um setor dominante que, além de financiar campanhas regadas com dinheiro, controla partidos políticos, governos estaduais e municipais, e tem grande base no Congresso Nacional (a chamada bancada ruralista). A reprimarização da economia brasileira e os arranjos com as oligarquias regionais expressam e reforçam estruturas, processos e relações políticas retrógradas.

IHU On-Line - Como o senhor vê os anúncios de investimentos no PAC, considerando o risco de inflação e a

“Dilma foi escolhida mais pelos seus defeitos do que por eventuais virtudes”

perspectiva de crescimento menor?

Reinaldo Gonçalves - O PAC tem sido, desde a sua criação em 2007, uma colcha de retalhos, ou seja, um conjunto frouxo de projetos. Na realidade, é uma lista de projetos, além de ser um balcão para realização de arranjos político-eleitorais. O resultado do PAC é pouco significativo. Vejamos: a taxa de investimento medida em preços correntes foi de 17% no governo FHC (1995-2002), 16% no primeiro mandato de Lula (2003-06) e 18% (no segundo mandato, ou seja, a partir do PAC). Portanto, a média da taxa de investimento do governo Lula (17%) é idêntica à do governo FHC. Ou seja, ambos tiveram desempenho medíocre em termos de taxa de investimento. A melhora da taxa de investimento com o PAC é inexpressiva (um ponto de porcentagem em relação à média do governo FHC). De fato, tirando Petrobrás, o PAC é praticamente inexpressivo. Certamente, se tirarmos os investimentos do pré-sal do cálculo, a taxa média de investimento do governo Lula é, além de medíocre, inferior à observada no governo FHC. O problema com o petróleo é que ele é a base da quarta revolução tecnológica que surgiu há exatamente um século. No século XXI, já estamos na sexta revolução tecnológica e o Brasil está focado nas prioridades do início do século passado.

IHU On-Line - Qual sua opinião a respeito da criação do grupo China?

Reinaldo Gonçalves - A criação de grupo de estudos dentro do Executivo é um indicador de que nada de relevante será feito. A relação bilateral China/Brasil já foi bem estudada e o principal resultado é que esta relação reproduz o modelo centro/periferia. Ou seja, a China é centro e o Brasil é periferia. A China apresenta-se como altamente competitiva e exportadora de bens e serviços intensivos em tecnologia, capital, mão-de-obra qualificada e alto valor agregado, enquanto

o Brasil destaca-se como exportador de produtos primários. Ou seja, no século XXI o Brasil terá com a China o mesmo tipo de relação que ele tinha com o Reino Unido no século XIX e com os Estados Unidos no século XX. Com Lula, o Brasil consolida sua vocação para ser um vagão de terceira classe atrelado a locomotivas ou, pior ainda, como atualmente, a um vagão de primeira classe (China). É o Brasil andando para trás e comprometendo sua capacidade de desenvolvimento dinâmico e sustentável no longo prazo com investimentos focados em agronegócio, mineração e petróleo, e, portanto, desindustrialização e reprimarização.

IHU On-Line - É possível exigir do Brasil uma postura diferente do que a de exportador de commodities, considerando que isso que faz parte da raiz histórica do país? Como seria possível investir em setores mais dinâmicos?

Reinaldo Gonçalves - Este argumento tem sido usado desde o século XVI. O fato é que temos raízes apodrecidas. Desenvolvimento é transformação estrutural. Se os Estados Unidos tivessem se concentrado na exportação de commodities (fumo, algodão, etc.) após a independência, talvez, hoje eles fossem algo como o Brasil. Já no final do século XVIII os estadistas nos EUA definiram claramente a estratégia de industrialização. Era necessário que houvesse ruptura com o sul que era escravagista e primário-exportador. Foi preciso uma guerra civil (1861-65) para romper a resistência de setores retrógrados, libertar 3,5 milhões de escravos e iniciar o salto dos EUA para o desenvolvimento econômico, social, político e institucional. Em pleno século XXI no Brasil, além das mazelas do atraso econômico, social, político e institucional, temos tido um nítido retrocesso intelectual, visto que os graves entraves ao desenvolvimento colocados por estruturas de produção dominadas pelo setor de commodities têm sido desprezados. Nos anos 1930, o debate era mais inteligente. Como alguém pode, seriamente, pensar que o Brasil é o celeiro do mundo, que a China depende dos nossos produtos primários e que algumas

“A reprimarização da economia brasileira e os arranjos com as oligarquias regionais expressam e reforçam estruturas, processos e relações políticas retrógradas”

commodities (por exemplo, etanol) não são commodities? Esse retrocesso intelectual também é parte da herança nefasta do governo Lula.

IHU On-Line - Muitas empresas chinesas são estatais e investem em outros países. O que representa, digamos assim, a intervenção direta de um Estado, no caso o Estado Chinês, em outro país?

Reinaldo Gonçalves - A China está usando no Brasil a mesma estratégia que ela usa em outros países da América do Sul, da África e da Ásia. A China trata o Brasil como trata Angola. O que a China quer é controlar fontes fornecedoras de matérias-primas e criar mercados para seus bens e serviços de alto valor agregado. Na realidade, a China está usando no século XXI a mesma estratégia das potências imperiais desde pelo menos os séculos XVI-XVII. E o Brasil entra nesta estratégia como mais um ator coadjuvante fornecedor de matérias-primas. Para se apropriar de tecnologia ou obter maior controle sobre a produção, a China compra empresas, monta alianças estratégicas ou força a criação de *joint-ventures* (como é o caso da Embraer). Nada de perplexidade se daqui a alguns poucos anos a *joint-venture* da Embraer na China for comprada pelos chineses e passar a competir com a Embraer brasileira no mercado mundial. Portanto, temos aqui mais um exemplo da herança nefasta do governo Lula: no contexto da reprimarização, há internacionalização de empresas brasileiras, perda de controle sobre estas empresas, e perda de competitividade internacional do país.

IHU On-Line - Que avaliação faz do reajuste do salário mínimo?

Reinaldo Gonçalves - A fórmula de reajuste do salário mínimo é burra. O reajuste do salário mínimo no início do ano deve incorporar expectativas quanto à evolução macroeconômica

do país (crescimento e inflação) no ano em curso. Não faz sentido atrelar o ajuste à taxa de crescimento de dois anos atrás e à inflação do ano anterior. Provavelmente usaram este método inapropriado pela sua simplicidade; só que neste caso a simplicidade só complica. Era estratégia dominante no governo Lula seguir a linha de menor resistência que, frequentemente, não é a mais apropriada. Há muitos exemplos dessa estratégia de linha de menor resistência: reprimarização, Bolsa Família, câmbio apreciado etc.

Provavelmente, Dilma manterá e, até mesmo, reforçará esta herança. Pobre Brasil! Durante muito tempo ficaremos sem transformações estruturais. Durante muito tempo os problemas estruturais, os vícios e as vulnerabilidades do país continuarão se agravando. E, durante muito tempo, os atuais grupos dirigentes e os seus intelectuais de algibeira (movidos por gratificações das consultorias e expectativas de ambos) argumentarão que os realistas são pessimistas e que o otimismo que eles professam não deriva da combinação de ignorância, venalidade, malandragem e pusilanimidade. Em síntese, não faltam exemplos da herança nefasta de Lula.

LEIA MAIS...

Reinaldo Gonçalves já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line.

- “O capitalismo é essencialmente um sistema irracional, instável e injusto”. Publicada na edição 287, de 30-03-2009. Acesse no link <http://migre.me/4a4X1>;
- Reprimarização faz economia brasileira retroceder. Entrevista publicada na edição 338, de 09-08-2010. Disponível no link <http://migre.me/4a4ZK>;
- Fracasso para o governo, vitória para o povo brasileiro. Entrevista publicada em 02-08-2008. Acesse no link <http://migre.me/4a4Ub>;
- “O governo Lula foi um fracasso rotundo”. Publicada na edição 201, de 26-10-2006. Acesse no link <http://migre.me/4a52j>.

LEIA AS NOTÍCIAS DO DIA
NA PÁGINA ELETRÔNICA DO IHU
WWW.IHU.UNISINOS.BR

Mudanças silenciosas

A presidenta irá governar em um contexto mais vulnerável, com taxas de juros internacionais altas e risco de inflação, destaca o economista José Luis Oreiro

POR PATRICIA FACHIN

Nos primeiros meses do mandato Dilma é possível observar que ela não pensa exatamente como seu antecessor e sinaliza mudanças interessantes na política externa, além de “estar mais comprometida com o novo desenvolvimentismo”, constata José Luis Oreiro. Segundo ele, a mudança na gestão do Banco Central, uma das primeiras medidas anunciadas pela presidenta eleita, também favorece uma política mais alinhada com a da equipe econômica, o que indica uma “reforma silenciosa”. Por outro lado, menciona, Dilma também não está disposta a enfrentar a questão do câmbio. “Ela está sinalizando medidas que impeçam valorizações adicionais da taxa de câmbio, mas não medidas que resolvam o problema da sobrevalorização cambial”, assinala.

Na entrevista que segue, concedida à IHU On-Line por telefone, Oreiro explica as razões do baixo crescimento e enfatiza que, sem mudanças estruturais, será impossível crescer mais do que 5% ao ano. “Precisamos aumentar o investimento público com proporção ao PIB. Essa reforma estrutural é fundamental para o crescimento de longo prazo”, frisa.

José Luis Oreiro é graduado em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, possui mestrado em Economia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio e doutorado em Economia da Indústria e da Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Organizou *Agenda Brasil: políticas econômicas para o crescimento com estabilidade de preços* (São Paulo: Monole, 2003) e *Sistema financeiro: uma análise do setor bancário brasileiro* (Rio de Janeiro: Campus, 2007). Leciona no Departamento de Economia da Universidade de Brasília (UnB). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual a intenção do governo com o ajuste fiscal e como essa medida fiscalista interfere na economia?

José Luis Oreiro - Vi o anúncio do ajuste fiscal de uma maneira bastante positiva, visto que a demanda agregada no Brasil se encontra crescendo em um ritmo acelerado. Isso está produzindo pressões inflacionárias que não são apenas motivadas pelo crescimento da demanda, mas também pelo aumento do preço das commodities internacionais. Além disso, o país está com uma taxa de desemprego historicamente baixa.

As pressões inflacionárias ameaçam romper o teto da banda de inflação e o governo está usando a política fiscal para complementar a política monetária no sentido de manter a inflação dentro da meta. Então, o ajuste fis-

cal permite uma redução da demanda agregada sem que o Banco Central tenha de fazer um reajuste grande da taxa de juros.

IHU On-Line - Então, o senhor também concorda que é importante neste momento desacelerar a economia?

José Luis Oreiro - Sim. Dado o ritmo de crescimento que a economia brasileira vinha apresentando em 2010 e dado o quadro inflacionário existente hoje, é importante fazer uma desaceleração moderada no crescimento da economia brasileira. Talvez manter um crescimento de 4% no ano de 2011 para que o país consiga ter um crescimento sustentável com estabilidade de preços.

IHU On-Line - O que impede o Brasil de crescer mais este ano?

José Luis Oreiro - São razões de or-

dem estrutural. Em primeiro lugar, a economia brasileira possui uma taxa de investimento muito baixa. A taxa de investimento que é definida como a formação bruta de capitais fixos sobre o PIB se encontra em torno de 18% ao ano. Na época do milagre econômico, ela se encontrava em 28% ao ano. Com a taxa de 18% do PIB, o país não consegue crescer mais do que 4 ou 4,5% sem pressões inflacionárias.

A segunda razão é o fato de a economia brasileira ser madura. De 1950 a 1980, o Brasil cresceu a taxas de 7% ao ano em média, porque era uma economia em fase de industrialização e, durante esse período, ocorreu uma transferência de mão de obra da agricultura para a indústria. Então, nessas décadas, houve um crescimento no país com mudança estrutural. Durante essa fase, as taxas de crescimento

tendem a ser muito elevadas. É o que está acontecendo com a China hoje. O país ainda tem uma população rural elevada, de tal maneira que ainda está transferindo mão de obra da agricultura para a indústria.

Mas esse processo de mudança estrutural no Brasil se completou no início dos anos 1980. Quer dizer, hoje em dia, a população rural representa 10% da população brasileira, de tal maneira que ganhos expressivos de produtividade advindos da transferência de pessoas do campo para a indústria não são mais possíveis.

Essas são as duas razões pelas quais o Brasil não pode mais apresentar uma taxa de crescimento do PIB da ordem de 7% ao ano em termos reais. O que podemos aspirar a longo prazo é uma taxa de crescimento de 5% ao ano se forem feitas as reformas necessárias para aumentar a taxa de investimento para algo como 23% do PIB.

IHU On-Line - Quais seriam essas mudanças estruturais? Como a economia brasileira pode crescer mais de 5% ao ano?

José Luis Oreiro - Em primeiro lugar, é preciso fazer uma reforma fiscal que mude a composição do gasto do governo, ou seja, aumentar a participação do investimento público e reduzir os gastos de consumo público. Quer dizer, o governo tem de investir uma parcela maior do seu orçamento e reduzir, portanto, os gastos de consumo de custeio.

Atualmente, o governo federal investe algo como 1,5% do PIB ao ano. Se somarmos com as empresas estatais Eletrobrás, Petrobras etc., o investimento público passa para 3% do PIB. Na época do milagre, o setor público consolidado investia 7% do PIB. Precisamos aumentar o investimento público com proporção ao PIB. Essa reforma estrutural é fundamental para o crescimento de longo prazo.

A segunda reforma estrutural consiste em uma mudança urgente na política cambial brasileira. Com o atual câmbio, as indústrias no país têm pouco estímulo para investir. Então, precisamos de uma política cambial que permita uma desvalorização controlada da taxa de câmbio. Precisariamos de uma taxa de

“Com a taxa de 18% do PIB, o país não consegue crescer mais do que 4 ou 4,5% sem pressões inflacionárias”

câmbio em torno de 2,40. Essa mudança na política cambial é essencial para que o Brasil possa ter uma taxa de investimento mais elevada.

Por fim, é preciso fazer uma reforma no sistema financeiro, na condução da política monetária, de tal maneira a ter taxas de juros mais baixas, que estimulem, portanto, as decisões de investimentos no setor privado.

IHU On-Line - O governo está preocupado em conter a inflação, mesmo que para isso seja preciso reduzir o crescimento. Como o senhor vê essa posição?

José Luis Oreiro - Dado o descontrole das contas públicas deixado pelo ex-presidente, Luiz Inácio Lula da Silva - esse foi o custo que ele pagou para eleger a sua candidata -, não há muito que fazer. A questão relevante a ser discutida hoje é qual redução de crescimento que o país está disposto a aceitar e qual o prazo de convergência com respeito à meta de inflação. Defendo a ideia de que devemos buscar a convergência para metas de inflação não em 2011, mas em 2012, e é mais ou menos isso que o Banco Central tem feito hoje.

IHU On-Line - Alguma política econômica é capaz de conter a inflação e garantir o crescimento? Quais os desafios da presidência nesse sentido?

José Luis Oreiro - O governo está adotando medidas para conter a inflação. O ajuste fiscal é uma tentativa neste sentido. A maneira mais rápida de desacelerar a economia é aumentar a Selic. No entanto, isso reforça o problema na apreciação do câmbio, que, por sua vez, prejudica ainda mais o equilíbrio das contas externas do Brasil. Dilma deveria fazer, neste início de governo, um choque fiscal na economia junto com uma nova política cambial e uma reforma

do sistema de metas de inflação de tal maneira a sinalizar para o mercado que a taxa de juros, a partir de agora, será muito mais baixa e com isso o câmbio pode ser mais alto do que é hoje, sem que isso comprometa a extensão das metas de inflação.

IHU On-Line - Qual a atual situação da balança de pagamentos brasileira?

José Luis Oreiro - Extremamente preocupante e talvez seja a grande fragilidade que a economia enfrentará a médio prazo. O déficit em conta corrente está crescendo. Algumas estimativas apontam para um déficit na ordem de 4% do PIB no final de 2011. Para 2014, algumas estimativas que fiz juntamente com a professora Eliane Araújo, da Universidade Estadual de Maringá, mostram que o déficit pode ser algo na ordem de 7% do PIB. Acredito que déficits superiores a 4 ou 5% do PIB não são financiáveis pela economia brasileira. Se nada for feito no front externo, o Brasil deve enfrentar uma crise de balanços de pagamentos em 2012 ou 2013.

IHU On-Line - Qual seria o impacto disso para a economia real?

José Luis Oreiro - Os impactos serão devastadores. Em função da existência de contratos derivativos de câmbio, uma boa parte das empresas não financeiras no Brasil está exposta em dólar. Se tivermos, como tivemos em 2008, uma desvalorização súbita e repentina da taxa de câmbio, uma parte considerável das empresas não financeiras do Brasil terá problemas de inadimplência e o país terá um forte quadro recessivo em função do movimento de saídas de capitais, gerado pela crise de balanços de pagamentos.

O governo deveria investir em medidas preventivas, ou seja, realizar agora mudanças na política cambial de maneira a fazer um ajuste suave da taxa de câmbio, de tal maneira a produzir uma desvalorização de 30% da taxa de câmbio ao longo de um ano. Com uma desvalorização controlada, conseguir-se-ia evitar a crise de balanço de pagamentos.

Pelo que pude observar das declarações de economistas ligados ao governo, não será feito nada. Isto porque a

presidenta não está disposta a pagar o custo político de uma desvalorização do câmbio, custo político que se traduz em uma redução do salário real. O governo acredita que os custos de uma crise de balanços de pagamentos não serão tão elevados em função de que o país possui um regime de câmbio flutuante, reservas internacionais elevadas. Então, o governo está contando com a crise de balanços de pagamentos para resolver a questão cambial no Brasil.

IHU On-Line - O Brasil está investindo bastante em obras e infraestrutura em função da Copa de 2014. Como vê a condução do governo em relação à prioridade desses investimentos? Eles devem ser diferentes para atingir essa mudança estrutural que o senhor menciona?

José Luis Oreiro - Duas questões em relação à política de investimento do governo. Primeiro, o volume de investimento com proporção do PIB é baixo, por mais que o governo diga que o investimento é alto. A métrica importante não é o tamanho dos investimentos, mas sim a equação deles com o tamanho da economia. Como a economia brasileira é hoje maior do que há 30 anos, lógico que os investimentos devem ser maiores. A questão relevante é saber quão grandes são esses investimentos em comparação ao PIB. É uma falácia dizer que o governo nunca investiu tanto quanto hoje.

O segundo ponto é a questão das prioridades. Muitos dos projetos que o governo tem proposto como investimentos são de baixa prioridade. Um exemplo é o trem-bala entre Rio de Janeiro e São Paulo, que está orçado em 33 bilhões de reais, segundo estimativas do governo. De acordo com órgãos independentes, o custo desta obra pode variar de 50 a 100 bilhões de reais. A princípio, o transporte de passageiros entre Rio/São Paulo é feito muito bem pela ponte aérea. O gargalo se dá quando as pessoas chegam aos aeroportos, pois elas não têm como se locomover para o centro das cidades. Portanto, esse dinheiro do projeto poderia ser gasto na ampliação das linhas de metrô que ligam os aeroportos do Rio de Janeiro e de São Paulo ao centro das cidades.

“A métrica importante não é o tamanho dos investimentos, mas sim a equação deles com o tamanho da economia”

IHU On-Line - Dilma frisa em suas declarações que sua gestão será marcada pelo crescimento e desenvolvimento social. Como vê essa possibilidade?

José Luis Oreiro - Não vejo nenhuma incompatibilidade nisso. Tenho gostado dos discursos da presidenta Dilma, ao contrário do anterior. Ela tem se comportado de uma maneira mais equilibrada em relação ao seu antecessor.

IHU On-Line - No ano passado o senhor disse que só via perspectivas na política econômica com a eleição de Serra. Então, Dilma também sinaliza mudanças positivas?

José Luis Oreiro - Ela sinaliza mudanças em alguns campos. Por exemplo, sinalizou uma mudança importante no campo da política externa. Ela também parece estar mais comprometida com o novo desenvolvimentismo do que estava o presidente Lula.

Também há vários campos de continuidade, como a questão do câmbio, que não está disposta a enfrentar. Ela está sinalizando medidas que impeçam valorizações adicionais da taxa de câmbio, mas não medidas que resolvam o problema da sobrevalorização cambial. Uma coisa é adotar medidas que impeçam novas valorizações do câmbio, outra coisa é adotar medidas que revertam a valorização do câmbio.

Em outros aspectos ela tem se mostrado diferente do ex-presidente. Não tem um discurso de aniquilação da oposição e, nesse sentido, foi louvável o gesto durante a visita de Obama ao Brasil, em que ela convidou Fernando Henrique para o jantar no Itamaraty. Foi um gesto interessante. A mudança que o Brasil teve em relação ao Irã também foi positiva. Em alguns quesitos

ela está impondo a sua marca que, aparentemente, mostra que ela não pensa tal como Lula.

IHU On-Line - Por que Dilma parece mais comprometida com o novo desenvolvimentismo?

José Luis Oreiro - Apenas no segundo mandato do presidente Lula observamos uma inflexão na política econômica em direção ao novo desenvolvimentismo. No primeiro mandato havia um predomínio de ideias basicamente oriundas do mercado financeiro e se acreditava que a única coisa que o governo deveria fazer era garantir o tripé macroeconômico: câmbio flutuante, metas de inflação e superávit primário forte. A partir da segunda gestão, teve uma inflexão em direção a um novo modelo macro, no qual o governo intervém mais fortemente no câmbio. A partir de 2006, se teve uma política agressiva de acumulação de reservas internacionais, também um papel importante do BNDES no financiamento de investimento de longo prazo. Ela já anunciou o aporte de mais de R\$50 bilhões para o BNDES.

IHU On-Line - Dilma irá governar em um cenário internacional mais vulnerável do que o da gestão anterior?

José Luis Oreiro - Com certeza. Vejo uma série de incógnitas a partir da crise do Japão, do euro e de Portugal. Ainda não sabemos o que vai acontecer em função disso. Por outro lado, a China parece estar adotando medidas para resfriar a sua economia. Então, a resultante dessas situações é incerta com respeito a duas variáveis fundamentais: o preço das commodities e a taxa de juros internacionais. As condições em que a presidenta Dilma irá governar serão diferentes das que Lula teve. Até porque, enquanto Lula governou em um cenário de altos preços das commodities, taxas de juros internacionais baixas e taxa de inflação internacional baixa, a presidenta irá governar em um contexto em que herda um déficit em conta corrente razoável, da ordem de 3% do PIB, um país com uma situação fiscal que não é desesperadora, mas é pior da que Lula herdou. Ela também está herdando um país no qual não se sabe qual será o comportamento

“A questão relevante a ser discutida hoje é qual redução de crescimento o país está disposto a aceitar e qual o prazo de convergência com respeito à meta de inflação”

to do preço das commodities em nível internacional. Então, não se sabe para onde vai o balanço comercial e também não sabemos o que pode acontecer com a liquidez internacional, por exemplo, se houver uma crise generalizada na zona do euro.

IHU On-Line - Como o senhor analisa a relutância do governo em aumentar o salário para além de R\$545,00? Um valor maior geraria impactos na economia?

José Luis Oreiro - Não aumentar ainda mais o salário foi bom neste ano. O governo apenas seguiu a regra que ele havia negociado com as centrais sindicais. Isso é positivo porque no momento em que se tem uma pressão inflacionária na economia brasileira, a elevação do salário mínimo aumentaria as pressões inflacionárias, obrigando o Banco Central a aumentar ainda mais a taxa de juros. Pela regra, no ano que vem o aumento do salário mínimo será de 13%, o que produzirá um impacto considerável nas contas públicas e continuará mantendo a pressão de demanda sobre os preços. Portanto, é possível que suba a inflação e se mantenha a política monetária pressionada durante bastante tempo, com juros elevados e pressão adicional para a valorização da taxa de câmbio, o que vai agravar o problema de déficit em conta corrente. O governo desperdiçou uma oportunidade de ter renegociado a regra do salário mínimo. Poderia ter concedido um aumento maior em 2011 em troca de uma nova regra a partir deste ano.

IHU On-Line - Percebe uma mudança na linha de atuação do Banco Central no governo Dilma?

José Luis Oreiro - Com certeza está ocorrendo uma mudança na atuação do Banco Central, uma revolução silenciosa. Ele, por exemplo, está dando menos peso às expectativas de inflação do mercado financeiro do que dava na gestão Henrique Meirelles. O mercado está tentando pressionar o BC a elevar a taxa de juros, mas o banco está desconsiderando essa questão.

O segundo ponto importante é a mudança na ideia de que instrumento será utilizado para conter a inflação. Na gestão de Meirelles era utilizada apenas a taxa de juros Selic. Já percebemos hoje, na administração Tombini¹, a tentativa de se usar outros instrumentos. E isso é importante porque essas medidas não têm impacto sob as contas fiscais. Então, quando se atribui um requerimento maior de capital para os bancos fazerem empréstimos de longo prazo, reduz-se a taxa de expansão de crédito e com isso se contem a demanda e não tem impacto sob as contas do governo. Isso é uma inovação nesse Banco Central.

Outro elemento importante é que este banco, aparentemente, está fazendo um alongamento informal do prazo de convergência com respeito à meta de inflação. No sistema brasileiro ainda em vigor hoje, a convergência deve se dar ao longo do ano calendário, mas o Banco Central já sinalizou que só vai buscar o centro da meta em 2012. Isso significa que o aumento dos juros será mais suave em comparação com a gestão anterior.

LEIA MAIS...

>> José Luis Oreiro já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line.

- A atual política cambial é absolutamente perversa quanto ao PIB. Entrevista publicada na edição 338, de 09-08-2010. Acesse no link <http://migre.me/49FLX>;
- Projeto Ômega e desindustrialização, publicada em 12-7-2010, nas Notícias do Dia. Disponível no link <http://migre.me/11ayz>;
- Crise econômico-financeira. Projeções para 2009. Entrevista publicada em 19-11-2008, nas Notícias do Dia. Acesse em <http://migre.me/11aAm>.

¹ Alexandre Antônio Tombini (1963): economista brasileiro. É o atual presidente do Banco Central do Brasil. (Nota da IHU On-Line)

Acesse o Twitter do IHU
twitter.com/_ihu

Capitalismo monopolista. Uma política econômica arriscada e perigosa

Na avaliação do sociólogo Francisco de Oliveira, o governo Dilma não fará mudanças significativas em relação ao antecessor porque a presidenta está “presa à armadilha do êxito”

POR PATRICIA FACHIN

Dilma Rousseff dará continuidade aos programas iniciados no governo Lula. Sem novidades na política econômica, o Bolsa Família “continua sendo o principal trunfo político do governo”. Essas são as impressões do sociólogo Chico de Oliveira a respeito dos primeiros meses da nova administração. Pessimista em relação ao desenvolvimento brasileiro e ao discurso presidencial de erradicar a pobreza no país, ele ironiza: “É claro que ela diz que vai juntar o econômico com o social. É pagar para ver”.

Na entrevista que segue, concedida à **IHU On-Line** por telefone, Chico de Oliveira acrescenta que os oito anos da gestão lulista colocaram o Brasil em uma nova etapa do capitalismo, a qual será ampliada no governo atual. “Ingressamos propriamente na época do capitalismo monopolista, com a ação do BNDES. Isso é irreversível”.

O sociólogo também critica a posição do governo em relação ao aumento do salário mínimo e enfatiza que a presidente perdeu a oportunidade de conseguir apoio da classe trabalhadora. “Dilma deu um passo político equivocado. Não necessitava desse rigor. O acréscimo que se propunha era irrelevante do ponto de vista das contas governamentais”.

Francisco de Oliveira formou-se em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia da Universidade do Recife, atual Universidade Federal de Pernambuco - UFPE e recebeu o prêmio Jabuti na categoria Ciências Humanas, em 2004. Professor aposentado do Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo - USP, ele é autor de diversas obras, entre as quais *Hegemonia às avessas* (Boitempo, 2010). Confira a entrevista.

IHU On-Line - O senhor é um dos críticos do governo Lula e do PT. A eleição de Dilma representa uma continuidade do projeto político iniciado em 2003?

Francisco de Oliveira - Sobretudo ao êxito econômico. O Bolsa Família aumentou a popularidade do ex-presidente de uma forma inacreditável. Mas nem sempre foi assim. Pelo contrário, Lula foi derrotado em três eleições presidenciais e construiu essa popularidade depois de alcançar a presidência. Ele falou da herança maldita que recebeu do governo Fernando Henrique, mas isso é um equívoco. Não sou tucano, não simpatizo com eles, mas Lula ganhou uma herança bendita porque FHC, a duros golpes,

criou a estabilidade monetária. Isso, para um governo conservador como foi o de Lula, é manjar dos céus. Ele só se teve sucesso porque havia sido lograda a estabilidade monetária. Portanto, as discussões que se prolongaram sobre a herança maldita foi pura bravata.

Se não tivesse estabilidade monetária, Lula não teria conseguido fazer quase nada em relação ao Bolsa Família. Se tivesse uma inflação igual a do governo Itamar Franco, não seria possível repor o Bolsa Família a cada três meses. Não só isso aceleraria a inflação, como a oposição burguesa e a mídia “cairiam de pau” cada vez que o presidente reajustasse o Bolsa Família. Foi nessa onda que Lula construiu sua popularidade, ficando de bem também

com os principais grupos econômicos. Quer dizer, Lula levou o Brasil a uma nova etapa do capitalismo brasileiro: ingressamos propriamente na época do capitalismo monopolista, com a ação do BNDES. Isso é irreversível, a não ser que haja uma crise mundial, e é contraditório porque, toda vez que grandes grupos econômicos estão tomando tamanhas proporções, o poder da classe trabalhadora entra em declínio. Então, na verdade, Lula fez um governo conservador, privatista e não estatizante, como muitas vezes a empresa afirma, e um governo em que provavelmente a distribuição de renda piorou.

IHU On-Line - Como o senhor inter-

preta o discurso da presidenta de erradicar a pobreza? Por que o senhor diz que não houve distribuição de renda, se muitos estudos mostram o contrário?

Francisco de Oliveira - Não teve distribuição de renda. Os economistas alimentam a ilusão de que o crescimento econômico melhora a distribuição de renda. Não é verdade. O crescimento econômico a taxas bastante altas piora a distribuição da renda e não melhora. Veja a China. O país está adotando os recordes mais expressivos de crescimento do PIB e a distribuição de renda piorou e vem piorando. O mesmo acontece na Índia.

A distribuição da renda só melhora através de medidas políticas e não econômicas. Todo o governo diz o contrário, mas para efetuar uma distribuição de renda efetiva, é preciso mexer na questão da dívida interna, porque o governo Lula redistribuiu a renda para cima e não para baixo.

IHU On-Line - Dilma fala em juntar o econômico com o social. Em que medida isso é possível?

Francisco de Oliveira - Se ela seguir o mesmo modelo econômico, isso será impossível. Não há nada na história que autorize essa permissão. É claro que ela diz que vai juntar o econômico com o social. É pagar para ver.

IHU On-Line - Nos três primeiros meses à frente da presidência da República, Dilma anunciou corte no orçamento de 50 bilhões de reais, baixo aumento do salário mínimo, elevação dos benefícios do Bolsa Família e aumento da taxa de juros. Quais suas impressões dos primeiros meses do novo governo?

Francisco de Oliveira - Quem melhor definiu os primeiros meses do governo Dilma foi o Ministro da Economia, Guido Mantega, ao dizer que a presidenta não era nem o primeiro, nem o segundo, mas o terceiro mandato de Lula. Isso quer dizer que em linhas gerais, a presidenta Dilma segue as linhas econômicas que estão estabelecidas desde Fernando Henrique Cardoso.

A elevação do Bolsa Família era esperada porque trata-se do maior trunfo político do governo e Dilma não

“Toda vez que grandes grupos econômicos estão tomando tamanhas proporções, o poder da classe trabalhadora entra em declínio”

iria desprezá-lo. A elevação da taxa de juros é irrelevante; não se combate mais inflação elevando taxas de juros, sobretudo com a porcentagem que foi anunciada. O corte fiscal é para inglês ver. Na verdade, cortam-se as emendas parlamentares, as quais têm pouco impacto sob a economia. Tem algum impacto local, mas do ponto de vista macroeconômico, tem pouco significado, pois não expandem a demanda, não aquecem a economia. De modo que, as modificações são superficiais e pouco impactantes.

Aliás, Dilma não tem muito o que fazer. Como dizem, em time que está ganhando não se mexe. Ela pegou uma economia em expansão e não tem muita alternativa, a não ser tocar o barco do jeito que está indo.

IHU On-Line - Dilma aumentou o valor do Bolsa Família, mas reduziu os investimentos para outras questões sociais. Como analisa especificamente essas duas questões?

Francisco de Oliveira - O aumento do Bolsa Família é mais um ato político do que econômico.

Dilma não elevou o valor do programa para aquecer a economia, expandir o consumo. Ela entra na cola de um sucessor de alta popularidade e não vai querer trombar com o eleitorado. O Bolsa Família melhora a atual situação das famílias, mas não muda essencialmente nem o modelo econômico, nem as variáveis macroeconômicas fundamentais. Dilma está presa à armadilha do êxito.

IHU On-Line - O governo se manteve firme diante da proposta de aumento do salário mínimo em R\$ 545,00 e Dilma ainda recebeu o apoio da

oposição. Como o senhor avalia essa questão?

Francisco de Oliveira - O governo poderia ter sido mais generoso, sabido. Teve a chance de conquistar o apoio firme dos setores da classe trabalhadora sem acrescentar nada à inflação, pois ela está sob controle. A inflação está sob controle justamente pela opção do governo de não expandir o gasto, além da vigilância do Banco Central.

Dilma deu um passo político equivocado. Não necessitava desse rigor. O acréscimo que se propunha era irrelevante do ponto de vista das contas governamentais. A decisão dela mostra inexperiência política e a mania de que é preciso gerir as contas do governo. Isso não é tarefa do presidente e, sim, do Ministério da Fazenda, do Banco Central. Ela mostra e confirma, nos primeiros meses de governo, a inabilidade política que os especialistas assinalaram.

IHU On-Line - O senhor também diz que a elevação da taxa de juros não contém a inflação. O que justifica esse aumento, então?

Francisco de Oliveira - Os juros aumentam para atrair capitais porque as contas externas estão mal. Elas vieram de uma avalanche enorme, sobretudo quando a China estava crescendo a 10% ao ano. Mas agora, o ritmo chinês diminuiu e as contas externas brasileiras pioraram muito. O Brasil está com um déficit na balança de contas correntes e na balança de transações. É uma política arriscada porque esse fluxo de dólares obriga a aumentar a dívida externa porque o Banco Central é obrigado a comprar os dólares, convertê-los em reais. Acontece que, ao invés de convertê-los em reais, o Banco Central paga isso e compra títulos da dívida interna.

IHU On-Line - O Brasil está investindo bastante em obras e infraestrutura em função da Copa de 2014. Como vê a condução do governo em relação aos investimentos e as parcerias público-privadas?

Francisco de Oliveira - O setor privado não vai investir nessas obras porque não há essa tradição no Brasil,

embora já se fale muito em parceria público-privada, que desde o governo FHC virou uma espécie de mantra. Isso é conversa fiada. Parceria público-privada significa público. O privado fica para depois.

Como a Copa do Mundo será espalhada, irão construir elefantes brancos em muitas cidades. No Rio de Janeiro, que é a segunda mais importante cidade do país, o Engenhão é um elefante branco, arrendado para o Botafogo e o Maracanã ainda está em reforma.

Os governadores estão pouco se importando com elefantes brancos porque eles querem inaugurar obras, festejar, dizer que o estado participa da Copa do Mundo e depois fazer o quê? Você acha que em Aracaju vai ter público para preencher um estádio a cada domingo, ou mesmo em Recife? Salvador ainda está na zona de risco.

Essas obras não vão trazer retorno. Seria mais sensato do ponto de vista esportivo e econômico concentrar a Copa em poucas cidades, talvez isso daria um retorno posterior porque incrementaria o turismo interno. Mas o governo quis estender a política lulista para todos os governadores e vai pagar depois.

IHU On-Line - Como o senhor reagiu diante da notícia de participação dos trabalhadores nos conselhos de administração de empresas públicas de capital misto e controladas pela União? Essa notícia pode ser considerada uma vitória dos trabalhadores?

Francisco de Oliveira - Até certo ponto, sim. Se eles não agirem com espírito corporativo, de procurar apenas defender os seus, não se darão as condições de mudar os quadros mais altos. Essa é uma oportunidade de democratizar a propriedade do capital no Brasil. Mas a experiência dos fundos de pensão não dá muita esperança

“Não teve distribuição de renda. Os economistas alimentam a ilusão de que o crescimento econômico melhora a distribuição de renda. Não é verdade”

para isso porque eles transformaram-se em lugares privilegiados para a alta direção sindical.

IHU On-Line - Que políticas são necessárias para que a presidenta consiga erradicar a pobreza?

Francisco de Oliveira - Ela precisa investir em política social. A história do Ocidente mostra isso claramente. Foram as instituições do Estado de bem-estar que conseguiram, em alguns países, redistribuir a renda. Foi o seguro desemprego alto, estabilidade no trabalho, acordos coletivos de trabalho e políticas públicas vigorosas que conseguiram melhorar a distribuição da renda nas principais economias capitalistas do ocidente. Assim mesmo, faz dez anos que essa tendência se inverteu. Em poucos países, entre os quais a Alemanha, existe consolidação do Estado de bem-estar. A maior parte deles já cedeu nesse sentido à participação das vidas no trabalho.

IHU On-Line - Que modelo de desenvolvimento Dilma irá traçar para o Brasil?

Francisco de Oliveira - Continua a mesma política de “bombar” os grandes grupos por meio do BNDES. Isso se justifica dizendo que o Brasil preci-

sa ter musculatura para competir no mercado internacional. Porém, apenas duas empresas brasileiras conseguem competir: a Petrobras e a Vale. As outras são irrelevantes. Essa justificativa que os economistas usam é descarada. De qualquer forma, a medida irá continuar. Já anunciaram mais de 50 bilhões de aportes do BNDES para prosseguir na política de fusões, de concentração e centralização do capital. Não há novidade na política monetária, nem na política cambial.

IHU On-Line - Qual sua expectativa em relação ao crescimento deste ano?

Francisco de Oliveira - Dilma só pode fazer a economia crescer mais se aumentar os gastos do governo. Essa é a única ação em que o governo tem real poder de decisão. Sobre os investimentos externos, o governo pode atraí-los. O mesmo ocorre com relação aos investimentos internos, quer dizer, o empresário brasileiro é pouco audacioso, ou, dito de outra forma, eles recorrem sempre ao Estado para financiar seus próprios investimentos. Só aumentando as obras do PAC é que Dilma conseguirá reverter essa tendência de queda. No mais, como o país se tornou uma espécie de paraíso fiscal de forte expansão, é possível e provável que a atração do capital externo continue.

LEIA MAIS...

Francisco de Oliveira já concedeu outras entrevistas à **IHU On-Line**. O material está disponível na página do IHU (www.ihu.unisinos.br).

- O lulismo como uma regressão. Entrevista publicada na edição 352, de 29-11-2010. Acesse no link <http://migre.me/47E4f>.
- Classe trabalhadora perde força com a centralização de capitais. Publicada na edição 322, de 22-03-2010. Acesse no link <http://migre.me/49FEi>.

WWW.IHU.UNISINOS.BR

“Precisa ser muito ruim para errar no Brasil”

Na avaliação do economista Luiz Gonzaga de Mello Belluzzo, Dilma está identificando corretamente os problemas econômicos e as questões a resolver não são tão dramáticas como foram no passado

POR PATRICIA FACHIN

A pesar de o Brasil estar sofrendo o choque inflacionário em função da elevação do preço das commodities no mercado internacional, a política macroeconômica “está equilibrada e razoável”, diz o economista Luiz Gonzaga Belluzzo, à **IHU On-Line**. Segundo ele, a equipe econômica está utilizando os recursos necessários para conter a inflação e a prioridade, neste momento, é “acomodar a economia para não fazer com que esse choque internacional das commodities transite pelo mercado de trabalho”. Neste sentido, Belluzzo concorda com a posição do governo de fixar o salário mínimo em 545,00 reais e justifica: “O governo está defendendo a necessidade de modular o crescimento em vez de jogar a economia na recessão”.

Na entrevista que segue, concedida por telefone, ele menciona ainda que o principal desafio da presidenta será conter a inflação e garantir o crescimento. “Dilma terá de conduzir a política econômica com grande cuidado porque os problemas são de variada natureza e não os resolverá com uma única política. A principal questão é como estabelecer uma relação mais equilibrada entre o combate à inflação e o crescimento”.

Luiz Gonzaga Belluzzo é graduado em Direito pela Universidade de São Paulo - USP, mestre em Economia Industrial pelo Instituto Latino-Americano de Planificação-Cepal, e doutor em Economia pela Universidade de Campinas - Unicamp, onde leciona atualmente. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como avalia os primeiros meses do governo Dilma?

Luiz Gonzaga de Mello Belluzzo - O Brasil é um dos países que está sofrendo o choque inflacionário, que em boa medida decorre da rápida elevação dos preços das commodities. No entanto, o Brasil é o país que usou o conjunto de instrumentos mais amplo, como medidas de controle do crédito, manteve a política do Banco Central parecida com o que vinha sendo feito, embora a taxa de juros no Brasil seja absurdamente alta diante do mundo. Dilma está prometendo maior rigor fiscal, embora o Brasil tenha uma situação de dívida e de déficit bastante confortável se formos comparar com outros países.

A política macroeconômica está equilibrada e razoável. É claro que o mercado sempre pede aumento de juros porque eles foram formados em períodos de pobreza intelectual incrível no que diz respeito à avaliação das políticas econômicas. Então, eles só

sabem dizer que é preciso aumentar os juros. Pensam que outras medidas são velhas, mas velhos são eles. O mercado está forçando a barra.

IHU On-Line - Então, está correta a medida de elevar os juros pela segunda vez este ano?

Luiz Gonzaga de Mello Belluzzo - Não estou dizendo que o Banco Central está certo em elevar os juros, mas que cometeram um erro no passado: quando ocorreu a crise, não reduziram a taxa de juros na medida em que deveria ter sido feito. E, agora, teria mesmo de subir a taxa porque tem esse choque declarado. Mas uma coisa é subir a taxa de juros de 7,5 para 9% e, outra coisa é subir para 12%.

A taxa de juros é absurdamente alta no Brasil, mas isso tem a ver com o domínio do poder dos bancos e do mercado financeiro sob a política econômica. Depois, essa turma do Inside Job¹ não sabe

¹ Inside Job: documentário sobre a crise financeira que ocorreu em 2008, produzido por

explicar o que fizeram.

Esse pessoal do mercado financeiro não lê nada, são como macacos. Na verdade, eles são produto do fracasso e não estão conseguindo compreender que o regime de política econômica vai ter de mudar por conta das percepções de que ficar concentrado só na política de notas deu esse resultado desastroso nos mercados financeiros.

IHU On-Line - O senhor diz que o ano de 2011 vai exigir do governo uma atenção maior que 2010, porque as

Charles Ferguson. Ganhou o Oscar 2011 e foi traduzido para o português como *Trabalho interno*. Confira os seguintes materiais publicados pelo site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU: *Um filme ruim só no título*, disponível em <http://migre.me/4b8ZY>; *Dez anos sem Milton Santos ou Buitful e Inside Job, duas faces da mesma moeda*, disponível em <http://migre.me/4b91a>; *Não pode ser mera coincidência. Um comentário do documentário “Inside Job”*, disponível em <http://migre.me/4b94x>; *“Inside Job”: a crise financeira contada “de dentro”*, disponível em <http://migre.me/4b973>, entre diversos outros. (Nota da IHU On-Line)

condições estão mudando e há sinais contrários em diversos fatores. A que se refere especificamente?

Luiz Gonzaga de Mello Belluzzo - É em função do que os economistas chamam de *trade-off*.² Tem *trade-off* entre a política monetária e o câmbio; entre a taxa de crescimento e o setor externo, que está acumulando um déficit em conta corrente muito alto; entre a subida do preço das commodities, a balança comercial e a inflação. Essas questões não são resolvidas com um instrumento só. Há de se ter um instrumento para cada objetivo. Se se usa um instrumento só, obviamente se atingirá um objetivo só. Não tem nenhum regime de política econômica que não tenha seus percalços e inconvenientes.

IHU On-Line - O governo está atento a esse cenário de baixo crescimento?

Luiz Gonzaga de Mello Belluzzo - O Brasil passou por uma crise que jogou o PIB para baixo; depois, a economia se recuperou, gerando um crescimento muito forte em 2010. Mas, agora, a economia está crescendo cerca de 3%. Nesse trimestre, a economia cresceu abaixo do potencial. É difícil que o Índice de Preços de Consumo - IPC e as taxas de inflação se mantenham nesse patamar.

Alguns estudos mostram que é possível crescer 4,5 ou 5%. O governo tem de se equilibrar entre uma taxa de crescimento mais baixa e a tentativa de controlar a inflação, que não é nenhum fantasma no momento, pois está em torno de 5,5%. Está acima da meta, mas nem tanto assim. Isso está acontecendo no mundo inteiro e o Brasil é o país que tem a situação mais razoavelmente equilibrada.

O país tem de acomodar a economia para não fazer com que esse choque internacional das commodities transite pelo mercado de trabalho, porque, se ele for para o mercado de trabalho, incendeia tudo. Por isso que o governo tomou cuidado com o aumento do salário mínimo, o que foi correto. Tem de per-

² Expressão que define uma situação em que há conflito de escolha. Ele se caracteriza por ser uma ação econômica que visa à resolução de um problema mas que acarreta outro, obrigando a uma escolha. Ocorre quando se abre mão de algum bem ou serviço distinto para se obter outro bem ou serviço distinto. (Nota da IHU On-Line)

“A taxa de juros é absurdamente alta no Brasil, mas isso tem a ver com o domínio do poder dos bancos e do mercado financeiro sob a política econômica”

mitir que os salários continuem evoluindo, mas a uma velocidade menor. Não podemos entrar no espiral salário/preço, pois, do contrário, a taxa de juros teria de ser mais dramática. Então, é melhor evitar que isso aconteça.

IHU On-Line - O senhor se referia ao salário mínimo, mas o que as duas primeiras grandes decisões do governo Dilma - a aprovação do salário mínimo e o ajuste fiscal - demonstram sobre a condução da política econômica?

Luiz Gonzaga de Mello Belluzzo - O governo está defendendo a necessidade de modular o crescimento ao invés de jogar a economia na recessão. É preciso modular o crescimento para que a taxa de inflação pelo menos aponte na direção de voltar para a meta. Não é possível fazer isso do dia para a noite - aliás, os prazos de convergências deveriam ser maiores. Se o governo der um sinal de que está despreocupado com a inflação, nós sabemos o que pode acontecer.

IHU On-Line - Nos dois primeiros meses deste ano, o Brasil recebeu mais dólares do que em todo o ano de 2010. Quais as vantagens e desvantagens dessa entrada de capitais?

Luiz Gonzaga de Mello Belluzzo - Como os rendimentos dos papéis estão muito baixos nos EUA e na Europa, porque os europeus estão com um problema sério de endividamento dos países, o Brasil se torna um mercado interessante. Como a taxa de juros no país é muito alta e como os bancos tomam taxas de 2% ao ano, então, entram muitos capitais. Essa entrada

prejudica bastante o câmbio e a indústria brasileira.

IHU On-Line - O Brasil está apostando demais suas fichas na primarização da economia, ou seja, em minérios, soja, cana, gado etc.? Há riscos nessa política?

Luiz Gonzaga de Mello Belluzzo - Esse comportamento da demanda de commodities mudou estruturalmente, porque só participam países que são importadores crônicos. Mas nesse momento está se vivendo uma bolha no mercado de commodities por conta das operações do mercado de futuros. Essa bolha vai reverter em algum momento, mas isso não significa que a demanda de commodities irá retroceder para outros patamares. Só se ocorrer uma recessão. Enquanto a China e os asiáticos continuarem crescendo isso não vai acontecer. A reconstrução do Japão também irá demandar muita matéria prima, as quais o Brasil pode oferecer. Então, teve uma mudança na composição da demanda global.

O Brasil não pode, de jeito nenhum, se apoiar exclusivamente na exportação de commodities, virar exportador de matérias-primas e abandonar outros setores. Isso não quer dizer que o país não deva aperfeiçoar a cadeia de exportação de commodities e dar mais valor agregado a ela, o que é perfeitamente possível, ou seja, industrializar o campo. Mas o país não pode abandonar o projeto de industrialização por conta da valorização cambial.

IHU On-Line - A China pode “engolir” o Brasil no mercado internacional? O que pode diferenciar o país em uma disputa de mercado?

Luiz Gonzaga de Mello Belluzzo - A China é uma produtora global e o Brasil não pode pensar em competir com esse país. O Brasil tem de se proteger em duas mãos: ampliar as relações comerciais com a China nos setores em que interessa; e impor barreiras, porque os chineses têm condições de proteger a sua indústria e incentivá-la a exportar. O Brasil precisa se defender, ainda pode se proteger e manter uma estrutura industrial resistente, forte e aproveitando, inclusive, esse projeto do pré-sal para internalizar muita coi-

sa na área de metal-mecânica, de informática, por conta da demanda que vai nascer da exploração do pré-sal. Aí, vai ser preciso uma política de governo para fazer com que a Petrobras use seu poder de compra para incentivar as indústrias brasileiras. Já imaginou esse país urbanizado do jeito que é, com as conexões que a urbanização tem com a indústria, retroceder para um país produtor exportador de commodities? Seria um desastre.

IHU On-Line - Em sua opinião, o Brasil deve investir no pré-sal ou o país tem a oportunidade de pensar em alternativas como a busca por uma economia de baixo carbono? É relevante pensar em novas fontes de energia, por exemplo?

Luiz Gonzaga de Mello Belluzzo - É relevante, sim. O Brasil tem a vantagem de ter disponibilidade de todas as fontes de energia: hidroeletricidade inexplorada em uma porcentagem altíssima, eólica, que ainda pode ser usada de maneira limitada. O país pode, nesta altura, exportar mais o seu petróleo e reduzir o consumo doméstico porque aí se juntam duas coisas: faz-se uma renovação das fontes de energia e, ao mesmo tempo, acumulam-se reservas para estimular o mercado interno, a industrialização, a educação, a situação da previdência. Precisa ser muito ruim para errar no Brasil.

IHU On-Line - Alguns especialistas defendem que o Estado tem sido protagonista no crescimento econômico. Qual será o protagonismo do Estado nos próximos quatro anos?

Luiz Gonzaga de Mello Belluzzo - Eu tenho até preguiça de falar dessa questão de Estado e setor privado. Só os economistas acham que pode haver economia de mercado e capitalismo sem Estado. O Estado foi protagonista o tempo inteiro, de diferentes formas. O Estado moderno e o mercado nasceram juntos.

Keynes³ achava que era preciso

³ John Maynard Keynes (1883-1946): economista e financista britânico. Sua *Teoria geral do emprego, do juro e do dinheiro* (1936) é uma das obras mais importantes da economia. Esse livro transformou a teoria e a política econômicas, e ainda hoje serve de base à política econômica da maioria dos países não-comunistas. De Keynes, publicamos um artigo e

“Ninguém tem o poder de determinar qual vai ser a taxa de crescimento. Política econômica é muito mais uma arte do que ciência. Tem gente que acha que é ciência”

resolver quatro questões. Uma delas era a socialização do investimento, ou seja, ter um programa de longo prazo que estabilize a economia. Ele não queria a propriedade dos meios de produção e, sim, socializar o controle público de investimentos, de modo que a economia pudesse crescer com certa estabilidade, dando uma orientação para os investimentos do setor privado. Em segundo lugar, seu objetivo era reduzir o poder dos mercados financeiros, que chamava de a eutanásia dos rentistas. Depois, queria redistribuir a renda, usando uma medida fiscal. E, por último, almejava uma organização multilateral que não levassem a um desastre. O Fundo Monetário Internacional - FMI não correspondeu àquilo que ele queria. Keynes era um economista que tinha muita clareza.

O Plano de Aceleração do Crescimento9 (PAC), por exemplo, é um instrumento que parece muito com essa ideia de ter um programa de investimento longo, que vá dando ao setor privado uma perspectiva, uma orien-

uma entrevista na 139ª edição, de 02-05-2005, disponível para download em <http://migre.me/4b8NA> e outra entrevista na 144ª edição, de 06-06-2005, disponível para download em <http://migre.me/4b8NR>. Confira, também, dois artigos na 145ª edição, de 13-06-2005, disponíveis para download em <http://migre.me/4b8Ob> e um artigo nos *Cadernos IHU Ideias* número 37, de 2005, intitulado *As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes*, de autoria do Prof. Dr. Fernando Ferrari Filho, disponível para download em <http://migre.me/4b8Pg>. Leia, também, a edição 276 da Revista IHU On-Line, de 06-10-2008, intitulada *A crise financeira internacional. O retorno de Keynes*, disponível para download em <http://migre.me/4b8OK>. (Nota da IHU On-Line)

tação.

IHU On-Line - Quais os desafios da presidenta no que se refere à condução da política econômica?

Luiz Gonzaga de Mello Belluzzo - Ela tem uma porção de obstáculos, de questões a resolver. Nenhuma delas, porém, é dramática como foram as questões que o país teve de enfrentar nos anos 1980 e 1990. O Brasil está em uma situação bastante razoável, mas, como dizia alguém, tudo que é sólido se desmancha no ar. Então, Dilma terá de conduzir a política econômica com grande cuidado porque os problemas são de variada natureza e não os resolverá com uma única política. A principal questão é como estabelecer uma relação mais equilibrada entre o combate à inflação e o crescimento. Esse é um problema. Como equilibrar o crescimento e uma situação de balanço de pagamentos mais folgada. Essas são as questões que ela terá de enfrentar.

Dilma está identificando corretamente os problemas. Se ela vai conseguir resolvê-los e encaminhá-los, não sei. Aliás, resolver, ninguém resolve nada. As pessoas falam em resolver problemas como se fossem deuses. Mas isso não é possível. O que se pode fazer é encaminhar para uma trajetória mais favorável. Ninguém tem o poder de determinar qual vai ser a taxa de crescimento. Política econômica é muito mais uma arte do que ciência. Tem gente que acha que é ciência. É uma questão de escolha, de entender que o país não está sozinho no mundo, de que é preciso administrar mudanças no cenário internacional etc.

LEIA MAIS...

Belluzzo já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line.

- “Será difícil que o padrão que prevaleceu até hoje possa sobreviver”. Publicada na edição 276, de 06-10-2008. Acesse no link <http://migre.me/49dQV>;
- “Nós fomos ultrapassados pelos outros, o que não quer dizer que isso seja um fenômeno insuperável”. Entrevista publicada na edição 218, de 07-05-2007. Acesse no link <http://migre.me/49dSG>.



IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana

Entrevista da Semana

A veneração pelo desentendimento

Para o sociólogo Luís de Gusmão, as pessoas tendem a acreditar em linguagens de difícil acesso porque geralmente veneram aquilo que não entendem direito

POR ANELISE ZANONI

Nada mais simples do que a linguagem acessível e democrática. Entretanto, para alimentar ilusões e produzir conceitos de importância ilusória, pesquisadores se atêm à valorização excessiva de elementos muitas vezes dispensáveis.

Para fazer uma análise mais profunda da temática, o sociólogo Luís de Gusmão fala em “fetichismo do conceito”, que consiste, em linhas gerais, “numa supervalorização dos poderes explicativos de um corpo de conceitos”. O fato ocorre quando, “numa investigação social, a pesquisa empírica é substituída por ilações dedutivas a partir de meros conteúdos conceituais”. É quando o conceito ganha mais espaço que o empírico.

Em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**, Gusmão afirma que sociólogos e antropólogos alimentam ilusões acerca daquilo que é possível realizar “por meio, tão somente, de um simples quadro conceitual não acompanhado de leis gerais aceitas, sem maiores discussões filosóficas, pelo conjunto dos pesquisadores ativos”.

Luís de Gusmão é graduado em Sociologia, Ciência Política e Antropologia pela Universidade de Brasília - UnB e doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo - USP. Atualmente é professor adjunto da UnB, atuando nas áreas de Filosofia e Ciências Sociais. Confira a entrevista.

IHU On-Line - O que você considera “fetichismo do conceito”?

Luís de Gusmão - O fetichismo do conceito consiste, em linhas gerais, numa supervalorização dos poderes explicativos de um corpo de conceitos. Isso ocorre quando, numa investigação social, a pesquisa empírica é substituída por ilações dedutivas a partir de meros conteúdos conceituais. Assim, por exemplo, em *Raízes do Brasil*, Sérgio Buarque de Holanda afirma a inexistência, no Brasil Colônia, de uma vida associativa durável. Temos aqui apenas uma dedução feita com base no conteúdo do conceito de povo aventureiro. Com efeito, evidências documentais apresentadas no próprio livro mostram a presença, entre os colonos, dessa vida associativa dedutivamente excluída: os colonos construíam, num trabalho comum e voluntário, catedrais, e participavam de mutirões agrícolas. Mas esse tipo de dedutivismo especu-

lativo será, em considerável medida, abandonado por Sérgio Buarque em suas grandes obras históricas da maturidade.

IHU On-Line - Você acredita que a pesquisa brasileira e os pesquisadores agem cada vez mais pelos conteúdos conceituais (em vez de aproveitar as experiências empíricas)?

Luís de Gusmão - Em meu livro, *O Fetichismo do Conceito* (que será publicado pela Top Books), o único autor brasileiro exaustivamente analisado é Sérgio Buarque de Holanda. Os outros não são brasileiros. Mas eu diria que os nossos sociólogos e antropólogos alimentam, sim, ilusões acerca daquilo que é efetivamente possível realizar por meio, tão somente, de um simples quadro conceitual não acompanhado de leis gerais aceitas, sem maiores discussões filosóficas, pelo conjunto dos pesquisadores ativos. O interpre-

tativismo teorista que leva ao fetichismo do conceito não é privilégio de nenhuma comunidade nacional de investigadores sociais...

IHU On-Line - Você critica a historiografia e a sociologia apoiadas na teoria da história formulada por Karl Marx. Em sua opinião, qual seria a alternativa para que os conceitos pudessem ser utilizados de forma ideal?

Luís de Gusmão - Eu não critico apenas os historiadores e sociólogos de inspiração teórica marxista. Como Rafael Carriello¹ bem notou em sua apresentação do meu livro, a crítica do fetichismo do conceito na investigação social não se restringe aos marxistas. Na realidade, ela inclui o conjunto das investigações sociológicas que chamo de teoricamente orientadas. O Sérgio Buarque weberiano, por exemplo,

¹ Jornalista, repórter da Folha de São Paulo, autor da reportagem “Hora de Pendurar o Jaleco Retórico”, publicada no dia 27-03-2011.

também incorre nesse fetichismo. A única alternativa a esse dedutivismo consiste na pesquisa empírica séria que não se ilude quanto ao alcance explicativo dos conceitos formulados por teóricos sociais particulares.

IHU On-Line - Os pesquisadores costumam usar jargões e generalizações para explicar conceitos. Como o público pode analisar esta linguagem e compreendê-la de outra forma?

Luís de Gusmão - Em relação a esse ponto eu gostaria de citar uma passagem do meu livro relativa a uma das principais mazelas encontradas entre investigadores imbuídos da crença de que toda pesquisa social mais aprofundada requer uma base teórica irreduzível às melhores generalizações do saber de senso comum. A mazela consiste em “fornecer definições e esclarecimentos conceituais completamente inúteis para qualquer pessoa fluente na linguagem natural empregada nas rotinas da vida cotidiana, matriz de todo jargão sociológico aproveitável, dotado de algum conteúdo empírico, numa tola e despropositada afetação de rigor e exatidão científicos. Essa verdadeira compulsão por definições supérfluas não raro acaba funcionando como um autêntico álibi para substituir as interpretações empíricas inteligentes da vida social, algo difícil de realizar, mas sempre valioso, por exegeses de textos de teóricos, algo bem mais fácil e, quase sempre, de utilidade duvidosa”.

IHU On-Line - Em sua opinião, por que as pessoas tendem a acreditar que linguagens difíceis e fórmulas produzidas em série são válidas para o entendimento de determinado assunto?

“Essa verdadeira compulsão por definições supérfluas não raro acaba funcionando como um autêntico álibi para substituir as interpretações empíricas inteligentes da vida social”

Luís de Gusmão - O respeito reverente em face de uma terminologia técnica esotérica resulta, em ampla medida, da presença dessas terminologias na linguagem da ciência empírica moderna, um saber concebido em nosso tempo como a expressão mais acabada, mais completa, do conhecimento humano confiável. No caso das ciências naturais, esse esoterismo parece inescapável e perfeitamente justificável. Contudo, o mesmo não pode ser dito das chamadas ciências sociais. Nesse caso, o jargão soa dispensável, pois os conceitos sociais de senso comum, expressos na linguagem corrente, são suficientes para as descrições e explicações mais bem feitas da vida social. Em meu livro isso é exaustivamente demonstrado com inúmeros exemplos. Além disso, como muitos pensadores já observaram, as pessoas tendem a venerar aquilo que não entendem direito.

IHU On-Line - Como o uso de generalizações pode influenciar nas explicações sobre fatos históricos e políticos?

Luís de Gusmão - Na investigação da vida coletiva, em toda a sua concretude e complexidade, o emprego de teorias gerais e abstratas possui um papel realmente limitado. Mas reconhecer tal fato não implica um empirismo radical. Este, sabemos hoje, simplesmente se revela impossível, impraticável. Como sensatamente já observaram celebrados filósofos da ciência, todos os enunciados empíricos, mesmo os mais descritivos, envolvem, em alguma medida, o uso de termos universais irreduzíveis à experiência imediata. Os filósofos chamam isso de “contaminação teórica” da observação. Nesse sentido, a descrição e explicação dos fatos históricos e políticos não podem dispensar o recurso a generalizações. Estas são, de fato, inevitáveis, obrigatórias. Mas isso não significa dizer que tais generalizações sejam encontradas apenas entre os teóricos sociais profissionais. Na realidade, podemos encontrar luminosas generalizações nas obras dos grandes observadores da condição humana de todas as épocas. Em meu livro, cito algumas formuladas por romancistas de gênio, como Tchekhov² e Stendhal³. Em suma, em assuntos humanos o conhecimento do geral mais sofisticado não consiste num privilégio epistemológico profissional. É disso que se trata.

² Anton Pavlovich Tchekhov foi um importante escritor e dramaturgo russo, considerado um dos mestres do conto moderno. (Nota da IHU On-Line)

³ Escritor francês batizado como Henri-Marie Beyle e conhecido pela análise dos sentimentos de seus personagens. (Nota da IHU On-Line)

JESUS NO CINEMA - EXIBIÇÃO DE FILME: A ÚLTIMA TENTAÇÃO DE CRISTO

DATA: 6/4/2011

PROF. MS ANA MARIA FORMOSO - UNISINOS

INFORMAÇÕES EM WWW.IHU.UNISINOS.BR

Memória

José Comblin - 1923-2011

A liberdade cristã: um dos núcleos da teologia de José Comblin

Para o teólogo jesuíta João Batista Libanio, a temática da liberdade cristã constituiu um importante núcleo da teologia de José Comblin, grande teólogo da libertação falecido recentemente. Uma liberdade vinculada à pessoa de Jesus, homem livre das formas religiosas e rituais de seu tempo

POR MOISÉS SBARDELOTTO

O teólogo José Comblin morreu na madrugada do último dia 27 de março, em Salvador, na Bahia, aos 88 anos. Nascido na Bélgica, trabalhava no Brasil - especialmente em Pernambuco, na Paraíba e na Bahia - desde 1958, tendo aqui desembarcado a apelo do então Papa Pio XII, como missionário voluntário.

Um dos grandes nomes da teologia da libertação latino-americana, Comblin “possuía vasta cultura histórica” e uma “aguda capacidade de análise das situações”. Assim sintetiza o teólogo jesuíta João Batista Libanio, na entrevista que segue, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, em que dá o seu depoimento sobre a importância e a relevância de Comblin no cenário teológico latino-americano.

Segundo Libanio, Comblin desempenhou um papel pioneiro na teologia, ao corrigir o que chama de “eclesiasticismo”. Ao olhar para a realidade social e eclesial, Comblin “ia fundo para perceber-lhe as contradições, os conflitos, as negatividades. Em seguida, apontava-os com dedo crítico”. Mas não parava aí: “anunciava caminho alternativo”, afirma Libanio. Nesse sentido, “a temática da liberdade cristã, fazendo eco ao livro de Lutero, constituiu importante núcleo de sua teologia”, sempre voltada à pessoa de Jesus, “homem livre em face do templo e do sábado”.

João Batista Libanio é padre jesuíta, escritor, filósofo e teólogo. É também mestre e doutor em Teologia, pela Pontifícia Universidade Gregoriana - PUG, de Roma. Atualmente, leciona na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - FAJE e é membro do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. É autor de diversos livros, dentre os quais *Teologia da Revelação a partir da Modernidade* (Loyola, 2005) e *Qual o Futuro do Cristianismo* (Paulus, 2008). Com Comblin e outros, é coautor de *Vaticano II: 40 Anos Depois* (Paulus, 2005). Seu livro mais recente é *A Escola da Liberdade: Subsídios para Meditar* (Loyola, 2011). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual a contribuição de José Comblin à teologia e ao pensamento teológico contemporâneos?

João Batista Libanio - Comblin reuniu várias qualidades fundamentais como teólogo que manifestam a força do seu pensamento e o peso da sua influência. Sem ser estritamente exegeta, tinha excelente formação bíblica. Produziu uma série de comentários bíblicos (Atos, epístolas de São Paulo), estudos profundos nesse campo e

detalhada reflexão sobre a Palavra de Deus (*A força da palavra*. Petrópolis: Vozes, 1986), não descuidando o leitor popular (*Introdução geral ao comentário bíblico: leitura da Bíblia na perspectiva dos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1985).

Possuía vasta cultura histórica. Isso lhe dava segurança sobre o passado para analisar com rigor e seriedade o momento atual. Os adversários e desafetos ficavam desarmados dian-

te das críticas que ele fazia, porque elas carregavam enorme peso histórico. Tinha aguda capacidade de análise das situações. Foi pioneiro na crítica da “ideologia da segurança nacional”, que desmascarou os regimes militares da América Latina e abriu os olhos da Igreja, a qual se tinha embarcado no apoio a eles (*A ideologia da segurança nacional: o poder militar na América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973).

Escreveu obras significativas que permanecem até hoje como referência. Os dois livros, publicados, em francês, sobre a teologia da revolução e da prática revolucionária marcaram momento na teologia contemporânea (*Théologie de la révolution: théorie*. Paris: Universitaires, 1974). E, a partir do olhar do nosso continente, foi um dos iniciadores da teologia da libertação e a projetou no cenário mundial. Na qualidade de professor de Lovaina, belga, europeu, a sua palavra em prol da teologia da libertação tinha maior força. Não se tratava de simples moda de países do Terceiro Mundo, mas recebia o impulso de figura do mundo teológico europeu.

Nas críticas a instituição eclesial e a certas práticas cristãs e doutrinárias, baseava-se muito na teologia do Espírito Santo. Sem dúvida, desempenhou papel pioneiro na teologia, ao corrigir certo eclesiasticismo, apelando para a pessoa do Espírito Santo. Divulgou o famoso dito de que três brancas na Igreja Católica relegaram para segundo plano a figura do Espírito Santo: a hóstia, a Virgem Maria e o solidéu branco (do papa). Ele retomou a longa tradição da Igreja anterior a tal deslocamento para acentuar a importância do Espírito Santo durante toda a história e, de modo especial, nos dias atuais (*O Espírito Santo e a libertação: o Deus que liberta seu povo*. Petrópolis: Vozes, 1987).

A temática da liberdade cristã, fazendo eco ao livro de Lutero, constituiu importante núcleo de sua teologia. A ela, naturalmente, vinculava a pessoa de Jesus, sob o signo do homem livre em face do templo, do sábado, das formas religiosas e rituais de seu tempo. Tinha, por isso, preferência por São Paulo, sobre quem escreve livro simples, mas profundamente sugestivo, na perspectiva de homem que se sustentava com o trabalho das próprias mãos (*Paulo: trabalho e missão*. São Paulo: FTD, 1991).

De maneira sistemática, ele produziu um breve curso de teologia para leigos que prestou e ainda presta serviço aos estudantes, publicado pelas editoras Paulinas sobre Jesus Cristo, Espírito Santo, Igreja e Sabedoria cristã.

“A cidade moderna com os desafios à fé e à pastoral constituiu-se-lhe preocupação constante”

A cidade moderna com os desafios à fé e à pastoral constituiu-se-lhe preocupação constante. Em francês, publicou amplo e importante estudo sobre ela, que apareceu em versão simplificada em português (*Teologia da cidade*. São Paulo: Paulinas, 1991), depois completado por outro pequeno e sugestivo livro (*Viver na cidade: pistas para a pastoral urbana*. São Paulo: Paulus, 1996).

Imaginar o futuro para a fé cristã, para a Igreja, para a pastoral ofereceu-lhe campo de pensar utopias e, a partir delas, voltar-se para o presente e mostrar a distância entre ambos. Nessa linha escreveu livros de peso (*Cristãos rumo ao século XXI: nova caminhada da libertação*. São Paulo: Paulus, 1996; *Desafios aos cristãos do século XXI*. São Paulo: Paulus, 2000).

A eclesiologia mereceu belo estudo volumoso sobre o Povo de Deus no espírito do Concílio Vaticano II (*O povo de Deus*. São Paulo: Paulus, 2002). Ele soube valorizar tal concílio e a pessoa do papa João XXIII e lamentar a perda de sua herança nas últimas décadas.

IHU On-Line - Pessoalmente, como o senhor analisa a teologia e a obra de Comblin? Que contribuições ele trouxe ao seu próprio pensamento teológico?

João Batista Libanio - Li muitos livros de Comblin. E de todos aprendi. Desde aqueles que tratavam da natureza da teologia, sua história até a última joia, se não me engano, com que ele nos presenteou no ano passado: *Jesus de Nazaré* (São Paulo: Paulus, 2010). Aprecio muito as pessoas de capacidade crítica. Desde o início de minha vida acadêmica trabalhei com a temática da consciência crítica, e Comblin me foi fonte insaciável de reflexões. A capacidade de visão histórica sintética também me fascina. Prefiro o pensamento “generalista” na linguagem

de Edgar Morin¹ e Boris Cyrulnik² aos estudos folhudos de textos eruditos. Comblin dissertava sobre amplos campos do pensar. Fez-nos ricas análises sobre a modernidade, sobre a situação da Igreja (*O tempo da ação: ensaio sobre o espírito e a história*. Petrópolis: Vozes, 1982). Temas pelos quais me interessei e, portanto, pude beber em sua fonte.

IHU On-Line - Quais são as grandes fontes matriciais do pensamento de Comblin? Que pensadores e obras fundamentaram a sua teologia?

João Batista Libanio - Já aludi aos conhecimentos bíblicos de Comblin. E os evangelhos, no que eles oferecem para chegar o mais próximo possível do Jesus histórico, marcaram-lhe os escritos. As pessoas de amplo conhecimento histórico e que frequentam muitos autores não se impregnam de um só, mas criam sínteses pessoais. Comblin, para mim, figura entre esses teólogos que unem as análises - aí estão as influências dos autores da sociologia, do marxismo, da linha dialética, juntamente com sínteses amplas. Torna-se, então, difícil, sem estudo bem detalhado, que não fiz de seu pensamento, descobrir as pegadas de grandes filósofos e teólogos. Sem dúvida, não foi autor de restringir-se e citar monocórdicamente um autor. Frequentou vastos campos do pensar moderno, sem ter descuidado os antigos.

IHU On-Line - Comblin sempre esteve perto dos leigos e leigas cristãos,

¹ Edgar Morin (1921-): sociólogo francês, autor da célebre obra *O Método*. Os seis livros da série foram tema do *Ciclo de Estudos sobre “O Método”*, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos em parceria com a Livraria Cultura, de Porto Alegre, em 2004. Embora seja estudioso da complexidade crescente do conhecimento científico e suas interações com as questões humanas, sociais e políticas, se recusa a ser enquadrado na Sociologia e prefere abarcar um campo de conhecimentos mais vasto: filosofia, economia, política, ecologia e até biologia, pois, para ele, não há pensamento que corresponda à nova era planetária. Além de *O Método*, é autor de, entre outros, *A relação dos saberes. O desafio do século XXI* (Bertrand do Brasil, 2001). (Nota da IHU On-Line)

² Boris Cyrulnik: médico, etólogo, neurologista e psiquiatra francês. Junto com Edgar Morin escreveu *Diálogo sobre a natureza humana* (Lisboa: Instituto Piaget, 2004). (Nota da IHU On-Line)

como indicam alguns de seus livros como *Curso básico para animadores de comunidades de base* (Paulus, 1997), e *Cristãos rumo ao século XXI* e *O povo de Deus*, já citados pelo senhor. Que laicato desponta do pensamento de Comblin?

João Batista Libanio - Comblin, desde longa data, se mostrava crítico ao tipo de formação que se dava aos seminaristas. Para não permanecer na simples e cômoda posição crítica, ele encetou duas experiências alternativas. Uma orientou-se na criação de um seminário rural. Imaginou que neles se formaria tipo de padre diferente. Rural, próximo de onde vinha e onde continuaria a trabalhar. Quem sabe casado. Nessa esperanças, viu a experiência vicejar, mas também fenecer por razões institucionais. Iniciou o que virá a chamar-se “teologia da enxada” com seminaristas que elaboravam os temas bíblico-teológicos a partir a realidade rural (*Teologia da enxada. Uma experiência da Igreja no Nordeste*. Petrópolis: Vozes, 1977).

Outra vertente alternativa consistiu em investir na formação de leigos. Não sintonizando com os novos movimentos de apostolado e espiritualidade atualmente vigentes, fundou outro tipo de movimento de missionários leigos no Nordeste. Pessoalmente, nunca teve contacto com tais movimentos. A partir do que se conhece de Comblin, a tônica missionária leiga é de presença ao povo, de onde esses leigos vieram, onde vivem, sendo missionários para o povo. A força da formação vem da realidade pobre, popular, de que o missionário não se distancia como acontece, segundo Comblin, nos seminários e na maioria das congregações religiosas.

IHU On-Line - Que figuras eclesiais foram centrais na vida de Comblin, como impulsionadoras ou críticas ao seu pensamento?

João Batista Libanio - O provérbio popular soa: “dize com quem andas que te direi quem és”. Comblin esteve ao lado de bispos libertadores de ponta, amantes da causa dos pobres, simples no modo de viver como Dom Helder [Câmara³], Mons. [Manuel] Lar-

rain⁴ (Chile), Mons. [Leonidas] Proaño⁵ (Equador), Dom Paulo Evaristo [Arns], Dom José Maria Pires⁶ e mais recentemente o controverso bispo Dom [Luís Flávio] Cappio⁷, com quem morava antes de morrer. Na convivência de Comblin com esses bispos citados se estabelecia verdadeira relação mútua. Eles fascinavam Comblin pela nova maneira de viver o episcopado,

sil e no mundo como um grande defensor da paz e da justiça. Foi ordenado sacerdote aos 22 anos de idade, em 1931. Aos 55 anos, foi nomeado arcebispo de Olinda e Recife. Assumiu a Arquidiocese em 12-03-1964, permanecendo neste cargo durante 20 anos. Na época em que tomou posse como arcebispo em Pernambuco, o Brasil encontrava-se em pleno domínio da ditadura militar. Paralelamente às atividades religiosas, criou projetos e organizações pastorais, destinadas a atender às comunidades do Nordeste, que viviam em situação de miséria. Dedicamos a editoria Memória da IHU On-Line número 125, de 29-11-2005, a Dom Helder Câmara, publicando o artigo *Hélder Câmara: cartas do Concílio*. Na edição 157, de 26-09-2005, publicamos a entrevista *O Concílio, Dom Helder e a Igreja no Brasil*, realizada com Ernanne Pinheiro, que pode ser lida em <http://migre.me/KtGO>. Confira, ainda, a editoria Filme da Semana da edição 227 da IHU On-Line, 09-06-2007, que comenta o documentário *Dom Hélder Câmara - o santo rebelde*. O material pode ser acessado em <http://migre.me/KtIb>. (Nota da IHU On-Line)

4 **Manuel Larrain** (1900-1966): bispo de Talca, Chile, e um dos fundadores do Conselho Episcopal Latino-Americano - CELAM e vice-presidente da Conferência Episcopal do Chile. (Nota da IHU On-Line)

5 **Leonidas Eduardo Proaño Villalba** (1910-1988): padre e teólogo equatoriano, bispo de Riobamba de 1954 a 1985, conhecido como Bispo dos Pobres e Bispo dos Índios. Confira, nas *Notícias do Dia* do site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU em 08-08-2008 a notícia *Monseñor Leônidas Proaño, símbolo e exemplo do Equador*, disponível em <http://bit.ly/ebeFUE>. (Nota da IHU On-Line)

6 **José Maria Pires**: bispo negro, foi arcebispo de João Pessoa, na Paraíba, e sempre apoiou as lutas populares, as Comunidades Eclesiais de Base e a Teologia da Libertação. Atualmente reside em Minas Gerais. (Nota da IHU On-Line)

7 **Luiz Flávio Cappio** (1946): bispo católico brasileiro da Diocese de Barra, na Bahia. Já fez greves de fome em protesto ao projeto do Governo Federal à transposição do Rio São Francisco. Sobre o tema, confira os Cadernos IHU em Formação, publicação do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, número 28 intitulado: *A transposição do Rio São Francisco em debate*. Confira, ainda, as entrevistas *Transposição do Rio São Francisco: uma jogada eleitoral*, disponível em <http://bit.ly/aH55z8>, *Visita de Lula foi mais uma de suas grandes mentiras*, disponível em <http://bit.ly/f63WMS>, *Santuário dos mártires*, disponível em <http://bit.ly/dHABQM>, *“Comparo o projeto da transposição a um computador cheio de vírus”*, disponível em <http://bit.ly/fPJ4Mq>. (Nota da IHU On-Line)

mas também sofriam forte influência do crítico teólogo. Esses encontros trouxeram fruto sazonado para a Igreja da América Latina.

IHU On-Line - Comblin transitou enormemente na interface entre a teologia e as demais ciências sociais, como podemos ver em suas diversas teologias (da enxada, da revolução, da secularização, da libertação, da cidade). Que fio condutor podemos perceber nesse diálogo desafiador assumido por Comblin?

João Batista Libanio - Usando a clássica distinção, embora simplificada, entre linha funcionalista e linha dialética no campo da análise da realidade, salta à vista que Comblin optou pela leitura dialética. De modo bem simples, ele, ao olhar para a realidade social e eclesial, ia fundo para perceber-lhe as contradições, os conflitos, as negatividades. Em seguida, apontava-os com dedo crítico. Não parava aí. Anunciava caminho alternativo.

Nisso realizou o programa que Gustavo Gutiérrez⁸ lançou no livro emblemático *Teologia da Libertação: denúncia e anúncio*. Na denúncia, Comblin não se mantinha em generalidades. Descia ao concreto e não raramente a nomes. Isso provocou nas pessoas aludidas dolorosos ressentimentos e reações, até proibições e sanções ao teólogo. Ultimamente, falava com enorme liberdade e clareza. No fundo, estava o horizonte da libertação, no sentido bem amplo, contra as expressões de poder, de autoritarismo, de exibicionismo, de exteriorização. Criticava arduamente o lado pós-moderno vigente de exterioridade, publicidade da Igreja.

8 **Gustavo Gutiérrez** (1928): padre e teólogo peruano, um dos pais da Teologia da Libertação. Gutiérrez publicou, depois de sua participação na Conferência Episcopal de Medellín de 1968, *Teologia da Libertação* (Petrópolis: Vozes, 1975), traduzida para mais de uma dezena de idiomas, e que o converteu num teólogo polêmico. Uma década mais tarde participou da Conferência Episcopal de Puebla (México, 1978), que selou seu compromisso com os desfavorecidos e serviu de motor de mudança na Igreja, especialmente latino-americana. Alguns dos últimos livros de Gustavo Gutiérrez são: *Em busca dos pobres de Jesus Cristo. O pensamento de Bartolomeu de Las Casas* (São Paulo: Paulus, 1992) e *Onde dormirão os pobres?* (São Paulo: Paulus, 2003). (Nota da IHU On-Line)

3 Dom Hélder Câmara (1909-1999): arcebispo lembrado na história da Igreja Católica no Bra-

IHU On-Line - A partir do pensamento de Comblin, que resposta o senhor daria ao título de um de seus últimos livros: *Quais os desafios dos temas teológicos atuais?* (Paulus, 2005)?

João Batista Libanio - A figura do Jesus histórico, pobre, andarilho, sem pretensões de poder, kenótico, pede teologia nessa direção de oferecer pautas para nova forma de cristianismo histórico. Diferente da linha de [Roger] Lenaers⁹ (*Outro Cristianismo é possível*. São Paulo: Paulus, 2010), desafia a teologia latino-americana à continuação na linha da denúncia e anúncio. Cabe manter o viés crítico de certo carisma festivo, acrítico, ilusório, para descobrir a força profunda do carismático. Ele existe como face do Espírito diante da Instituição. Momento contínuo de chamar a Instituição à fidelidade do evangelho.

Recordando São Paulo¹⁰, a teologia hoje carece da coragem que Paulo teve de opor-se a Pedro porque ele merecia censura por não estar procedendo de acordo com o evangelho (Gl 2,11s). Nesse ponto, Comblin manteve até o final a coragem de produzir teologia crítica tanto em relação aos ranços do passado teológico e institucional, quanto às novidades fluidas do presen-

te. Para além da crítica interna institucional, há tarefas muito mais importantes no campo do ecumenismo, do diálogo inter-religioso, na construção de novo paradigma teológico da libertação que, além de tocar os aspectos estruturais da realidade político-econômica, avança para os campos da etnia, ecologia, feminismo, pacifismo.

IHU On-Line - O senhor chegou a conviver nos últimos tempos com Comblin? Que recordações e lembranças desse grande teólogo ficarão gravadas em sua memória?

João Batista Libanio - Nunca convivi com Comblin, no sentido estrito do termo. Participei com ele de assessorias, congressos e cursos. Um primeiro encontro mais longo foi no Peru. A CLAR [Conferência Latino-Americana de Religiosos] organizou o primeiro seminário de formação de religiosos e religiosas numa linha crítica e libertadora. Lá se encontravam vários teólogos e teólogas dessa linha e convivemos algumas semanas orientando o seminário. Lembro-me bem dele com as posições matizadas e avançadas. Ele frequentou muito a Soter [Sociedade de Teologia e Ciências da Religião] e aí tínhamos ocasião de ouvi-lo. Aqui na nossa Faculdade, em 2006, ele fez uma palestra em preparação de Aparecida, bem crítica, que assustou algumas pessoas. O título sugestivo permitia: *Que modelo de Igreja para o nosso*

continente?

Em todas elas, ele me deixou a impressão de homem crítico, não por instinto de negatividade, mas pelo desejo que manifestava de ver tanto a realidade social como a eclesial responderem ao anseio dos pobres. Essa proximidade de vida, de convivência, que teve, durante longos anos, com o mundo rural pobre do Nordeste o fez sensível para perceber as desafinações da teologia, das instituições eclesiais e sociais em relação aos seus interesses. E não se cansava de bater nessa tecla. Que descanse no seio do Pai que, como o Filho, optou pelos mesmos pobres.

LEIA MAIS...

João Batista Libanio já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line. O material está disponível no sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br).

- “Aparecida significou quase uma surpresa”. Edição 224, de 20-06-2007, intitulada Os rumos da Igreja na América Latina a partir de Aparecida. Uma análise do Documento Final da V Conferência, disponível em <http://bit.ly/gwmkGX>;
- “A Teologia não se dá mal com o discurso não metafísico, por isso ela pode falar muito bem na pós-modernidade”, publicada no sítio do IHU, em 16-08-2008, disponível em <http://bit.ly/fXhkdg>;
- “A morte não deve ser o critério de leitura dos acontecimentos”, publicada no sítio do IHU, em 10-04-2009, disponível em <http://bit.ly/hXYeHE>;
- Rahner e a entrada da Igreja na modernidade. Edição 297, de 15-06-2009, intitulada Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II, disponível, disponível em <http://bit.ly/gYVr5V>

⁹ Roger Lenaers (1925): jesuíta belga, filósofo, teólogo e filólogo. Como filólogo clássico, se especializou na didática dos idiomas antigos, com mais de 30 publicações nesse tema. (Nota da IHU On-Line)

¹⁰ Paulo de Tarso (3 - 66 d. C.): nascido em Tarso, na Cilícia, hoje Turquia, era originariamente chamado de Saulo. Entretanto, é mais conhecido como São Paulo, o Apóstolo. É considerado por muitos cristãos como o mais importante discípulo de Jesus e, depois de Jesus, a figura mais importante no desenvolvimento do Cristianismo nascente. Paulo de Tarso é um apóstolo diferente dos demais. Primeiro porque ao contrário dos outros, Paulo não conheceu Jesus pessoalmente. Era um homem culto, frequentou uma escola em Jerusalém, fez carreira no Tempo (era fariseu), onde foi sacerdote. Educado em duas culturas (grega e judaica), Paulo fez muito pela difusão do Cristianismo entre os gentios e é considerado uma das principais fontes da doutrina da Igreja. As suas Epístolas formam uma seção fundamental do Novo Testamento. Afirma-se que ele foi quem verdadeiramente transformou o cristianismo numa nova religião, e não mais numa seita do Judaísmo. Sobre Paulo de Tarso a IHU On-Line 175, de 10-04-2006, dedicou o tema de capa *Paulo de Tarso e a contemporaneidade*. A versão encontra-se disponível para download no sítio do IHU, <http://migre.me/FCOK>, de 22-12-2008, é intitulada *Paulo de Tarso: a sua relevância atual*, disponível em <http://migre.me/FC10>. (Nota da IHU On-Line)

José Comblin:

Teólogo belga. Participou do primeiro grupo da Teologia da Libertação. Esteve primeiro na raiz das equipes de formação de seminaristas no campo em Pernambuco e na Paraíba (1969), do seminário rural de Talca (1978) e de outro, na Paraíba, em Serra Redonda (1981). Estas iniciativas deram origem à chamada “teologia da enxada”. Além disso, esteve na origem da criação dos Missionários do Campo (1981), das Missionárias do Meio Popular (1986), dos Missionários formados em Juazeiro da Bahia (1989), na Paraíba (1994) e em Tocantins (1997). É autor de inúmeros livros, dentre eles *A ideologia da segurança nacional: o poder militar na América Latina* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978). Confira na edição número 213 da revista IHU On-Line, intitulada *América Latina em movimento*. Algumas notas, outra entrevista com José Comblin, sob o título *As oligarquias controlam a democracia na América Latina*, disponível em <http://bit.ly/fcu1i5>. Também é autor dos *Cadernos Teologia Pública* número 36, sob o título *Conferencia Episcopal de Medellín: 40 anos depois*, disponível em <http://bit.ly/dXPP80>.

Comblin e a reinvenção da igreja

Teólogo belga escolheu o Brasil e os pobres para praticar uma teologia da enxada, do pé no chão e que escolhia radicalmente os excluídos e suas causas, pontua Erico Hammes. Capacidade de escuta era uma das suas maiores características

POR MÁRCIA JUNGES

O que mais impressionava em José Comblin era “a disposição e a força de pensar a estrutura da igreja e o próprio cristianismo em atualidade com o mundo e também com uma vinculação estrita com a questão dos pobres e da libertação”. A declaração é do teólogo Erico Hammes no depoimento que segue, concedido por telefone à **IHU On-Line**, contando aspectos de sua vivência com o grande teólogo belga. Comblin chegava mesmo a ser teimoso quando o assunto era a opção pelos pobres. Basta que se olhe para sua trajetória intelectual e de evangelização para se dar conta disso, aponta o professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Erico Hammes é graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora da Imaculada Conceição e em Teologia pela PUCRS. É mestre e doutor em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG), em Roma, com a tese *Filii in Filio: A divindade de Jesus como evangelho da filiação no seguimento. Um estudo em Jon Sobrino* (Porto Alegre: Edipucrs, 1995). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual foi o seu contato e partilhas intelectuais com José Comblin?

Erico Hammes - Antes de conhecer Comblin, tive contato com suas obras, especialmente as mais antigas, como *Teologia da revolução*. Progressivamente, li outras de suas publicações, e o via sobretudo nos Congressos da Soter (Sociedade de Teologia e Ciências da Religião), nos quais atuava e fazia intervenções seja como conferencista ao longo da assembleia ou congresso, ou então como conferencista de abertura. A partir do ano 2000 era muito frequente abrirmos o Congresso da Soter com suas colocações. O que impressionava em sua pessoa era sobretudo a disposição e a força de pensar a estrutura da igreja e o próprio cristianismo em atualidade com o mundo e também com uma vinculação estrita com a questão dos pobres e da libertação. Essas são as marcas de sua personalidade que mais impressionavam. Além disso, destaco a sua disposição em ir ao encontro dos outros, viajar, prestar assessorias e conversar com as pessoas sem fazer discriminação sobre

se eram “nomes novos”, desconhecidos ou alguém já famoso. Quem quisesse conversar com ele podia fazê-lo.

IHU On-Line - Quais são as suas maiores recordações da pessoa de José Comblin? Como era seu jeito, o modo como se relacionava com as pessoas?

Erico Hammes - Na maioria das vezes, nos encontrávamos em eventos. Dessas oportunidades, posso dizer que era uma pessoa acessível, questionadora, muito bem informada sobre todos os assuntos. Isso impressionava ainda agora, nas últimas vivências que tive com ele. No último evento da Soter, ela já não atuou explicitamente, mas estava lá. Essa presença no meio da teologia e a capacidade de conversar com todo mundo e ouvir eram suas marcas fortes. Lembro-me bem de uma situação em que estávamos Luiz Carlos Susin e eu, em um congresso em Belo Horizonte. Não lembro se fomos nós ou Comblin que se sentaram por primeiro. O certo é que ele, imediatamente, quando nos identificamos uns aos outros, começou a falar conosco sobre a teologia de Porto Alegre. Isso

tudo sem o menor preconceito, admitindo aspectos que desconhecia ou eram novos para ele. Então, essa capacidade permanente de aprender era muito impactante.

Comblin tinha, inclusive, uma espécie de teimosia em chamar a atenção para mostrar a necessidade de se cuidar dos pobres. Quando se olha sua biografia, é isso que ele faz ao longo de sua trajetória, desde que sai do ambiente universitário e seminarístico, envolvendo-se com o povo contra as ditaduras. Esses regimes autoritários o “colocaram” para dentro das comunidades populares. Quando se lê a lista de suas obras e se observa sua trajetória junto às comunidades, percebe-se o espírito criativo que deixava por onde quer que passasse, em serviço dos mais pobres, defendendo a causa radicalmente inclusive quando tal implicasse uma crítica à igreja ou a instituição papal, aos bispos ou teólogos. Não era raro Comblin criticar o estágio atual da teologia, que estaria muito vinculada à universidade. Para ele, essa teologia não produzia os frutos que deveria produzir.

IHU On-Line - Nesse sentido, o que a Teologia pode recuperar e aprender com a trajetória de Comblin?

Erico Hammes - Uma primeira questão que aponto seria a dimensão profética da Teologia. Isso quer dizer que a Teologia tem uma função de avaliação e reflexão crítica de solidariedade aos mais fracos, às vítimas, aos perseguidos, pobres e doentes. Essa função de sempre chamar a atenção para a existência dessas pessoas e populações que podem ser verdadeiras “sobras” no sistema no qual vivemos, é uma das metas da Teologia. Assim, o cristianismo tem um compromisso inadmissível com essas pessoas. Em segundo lugar, destaco a dimensão profética intraclesial que deve chamar a atenção da igreja e do conjunto da sociedade para trabalhar com seriedade e abertura de diálogo para o mundo atual, com a informação, o conhecimento, a ciência e os grandes movimentos políticos. Uma das conferências que mais me impressionou, a última de Comblin a que assisti pessoalmente, foi uma análise do mundo atual com a situação recente do neoliberalismo, analisando as grandes tendências patrocinadas pelo liberalismo mundial, com todas as consequências que isso representaria para a população. Isso significa que a teologia deve ser uma teologia que busque informação, conhecimento da realidade mundial, e não pode ser uma simples explicitação de artigos de fé em si mesmos, sem relação. Isso em si não chega a ser teologia, mas é tomado muitas vezes como tal. Nesse sentido, eu diria, discordando de Comblin, que essa teologia também precisa acontecer na universidade, não apenas no campo, nem pode acontecer somente na favela, mas também necessita da interlocução universitária e do debate com os pensamentos transformadores que também podem existir no mundo universitário e científico.

Teologia da enxada

O que deve ser garantido, em todo caso, é a perspectiva. Por exemplo: somos um país com uma massa enorme de marginalizados. Não podemos nos iludir com a posição econômica internacional que adquirirmos, nem ao fato de pertencermos aos emergentes. Isso

“A teologia deve ser uma teologia que busque informação, conhecimento da realidade mundial, e não pode ser uma simples explicitação de artigos de fé em si mesmos, sem relação”

não tira a realidade de pobreza, miséria, violência e criminalidade organizada que possuímos. Essa integridade e fidelidade e desprendimento são característicos de Comblin. Ele não morou em palácios, ou se o fez foi muito rapidamente. A casa que ele sempre quis é a casa que não tem sequer escadas, que está ao rés do chão, onde todo mundo pode entrar. É a chamada Teologia pé no chão, ou Teologia da enxada, uma encarnação radical.

Olho isso a partir da perspectiva da Europa. Recentemente estive na Bélgica e, analisando a situação da igreja lá, penso que Comblin certamente intuía essa realidade ao tomar a decisão de vir para o Brasil. Isso significou deixar uma carreira, um modo de vida e a possibilidade de lá ser um grande teólogo. Ele deixa tudo de lado para vir para cá. Aqui, pretere São Paulo e Campinas, como outras grandes cidades, para trabalhar com Dom Hélder Câmara, no interior do Nordeste, e lá vai até o fim.

Comblin é, com certeza, uma das grandes personalidades que marcam a boa Teologia do Brasil. De certo modo, mais do que por seus livros, que são importantes, indiscutivelmente, Comblin é inesquecível por sua presença e testemunho junto às comunidades que eram “contagiadas” por suas ideias. Os cursos populares nos quais trabalhava por todo lugar são lembrados até hoje. Seu desprendimento era grande, na contramão do que muitas vezes se vê dentro da igreja, onde há a ten-

tação de se viver bem, se acomodar e não aceitar o compromisso que se tem, decisivo e evangélico, de sair de si mesmo e ir até onde estão os mais necessitados. Essa é uma das grandes interpelações de Comblin, que achava que a Teologia deveria ter tal premissa como seu lugar natural e daí pudesse se fazer na universidade, no meio popular, casas religiosas, encontros diocesanos e em cursos de extensão.

Testemunhos como o de Comblin podem nos ajudar a reinventar permanentemente a maneira de ser igreja em diferentes lugares, e recriar a Teologia sempre outra vez. Recentemente, descobri uma obra antiga de Comblin, do final dos anos 1950, composta por dois volumes, cujo tema é a teologia da paz. Isso era um assunto inédito naquela época. Só iremos encontrar outra obra com esse título nos anos 1980. Há pouco tempo retomei essa leitura, sua construção e fundamentação e percebi como ele sabia tomar posição naquela situação de Guerra Fria e corrida armamentista. Temos que ter admiração por esse legado tão importante.

LEIA MAIS...

“Conceito e missão da Teologia em Karl Rahner”, de Érico João Hammes. Publicada na edição 05 dos Cadernos Teologia Pública, de 01-05-2004. Disponível em <http://migre.me/4b9nG>

LEIA MAIS...

A morte de José Comblin foi amplamente repercutida pelo site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU (www.ihu.unisinos.br). Confira os links a seguir:

- Comblin, o profeta da ironia afetuosa. Notícias do Dia 01-04-2011, disponível em <http://bit.ly/eAwrSW>;
- O padre belga expoente da Teologia da Libertação. Notícias do Dia 30-03-2011, disponível em <http://bit.ly/hDbAg9>;
- Como o profeta Amós, Padre José Comblin incomodava. Notícias do Dia 30-03-2011, disponível em <http://bit.ly/eQ8f43>;
- “Comblin será sepultado no mesmo chão nordestino que acolheu Pe Ibiapina, Padre Cícero, Margarida Alves, Dom Hélder...” Notícias do Dia 29-03-2011, disponível em <http://bit.ly/dln30M>;
- Morre José Comblin. Notícias do Dia 28-03-2011, disponível em <http://bit.ly/gaD3oS>;
- José Comblin. Depoimento de um sociólogo. Notícias do Dia 28-03-2011, disponível em <http://bit.ly/h2BulX>.

O método do mestre José Comblin

POR LUIZ CARLOS SUSIN

Dono de uma fidelidade inquebrantável, José Comblin era alguém que obrigava seus pares a pensar, inclusive por uma questão de sobrevivência. A reflexão é de Luiz Carlos Susin em artigo inédito, escrito com exclusividade à **IHU On-Line**, refletindo sobre a trajetória do teólogo recentemente falecido e as vivências que com ele compartilhou.

Luiz Carlos Susin é frei capuchinho, mestre e doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, Itália. Leciona na Faculdade de Teologia da PUCRS e na Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana - Estef, em Porto Alegre. É autor de inúmeras obras, dentre as quais citamos *Teologia para outro mundo possível* (Paulinas, 2006). Confira o artigo.

Quando morre um mestre, fica para os que o conheceram uma herança inelutável: a continuidade de seu ensinamento e ao mesmo tempo a pergunta: “quem pode substituir um mestre?” Na morte de José Comblin, um intelectual cristão, talvez muitos somados possam cobrir um pouco o vazio e dar continuidade a um modo tão radical de ser cristão e de ser intérprete dos caminhos do cristianismo e da humanidade. E o que, nesses dias de luto, mais me ocorre é a lembrança do método tão ao seu estilo. Kierkegaard¹ escreveu sobre o verdadeiro mestre: conduz o discípulo à perplexidade, provocando a descoberta de suas falsidades como ponto de partida de seu caminho para a verdade e para a liberdade. Desde 1985 tive a ocasião de estar regularmente nos encontros da Associação de Teologia e Ciências da Religião, do Brasil, da qual fui presidente na virada de milênio, e de poder escutar perplexo as análises que nosso mestre, nosso “patriarca”, nas palavras de Leonardo Boff², recor-

rentemente era convidado a fazer para começarmos nossos congressos anuais. Dizíamos com o mesmo bom humor que ele mantinha inalterado, que se tratava de uma “metralhadora giratória”! Mas nós também o cercávamos por todos os lados e o cobríamos de questões.

Essa “metralhadora giratória” não era aleatória ou gratuita e sem fundamentos, nem provinha de críticas que superassem a esperança e a paciência. Provinha de uma visão de grande alcance e de uma liberdade sem ideologias. Nem mesmo as mais delicadas e às vezes constrangedoras, as ideologias eclesiais. Como um médico concentrado no diagnóstico, ele passava pelos diferentes níveis da realidade humana: internacional, nacional, e nossa, dos teólogos. E por diferentes regiões: a política, a economia, os movimentos sociais, as igrejas, e até nossos pequenos mundinhos de sacristia e academia. Apalpava onde estava a dor, o sintoma, e então disparava o diagnóstico; às vezes usava o bisturi para dar o retoque. E a gente saía meio doído, meio tonto, buscando se localizar de novo, obrigando-nos a discutir, a pesar bem os argumentos,

a retomar o fio da meada e alinhar melhor as nossas ideias. Algo se sabia de antemão: Comblin nos obrigava a pensar, até por uma questão de sobrevivência! Ele não inventava, ele fazia uma leitura dos acontecimentos, dos movimentos da história, e colocava sua leitura diante de nossos olhos: dava o que pensar.

Pelo pescoço

É claro que, para um método tão forte, que não oferecia leite para recém-nascidos, mas oferecia alimento sólido para adultos, Comblin contava, em primeiro lugar, com recursos intelectuais acumulados, muita leitura e muita informação. Mas também uma interpretação centrada em alguns pontos absolutamente firmes e inegociáveis: ele sempre olhou o mundo com os olhos do seu mestre nazareno, com as opções evangélicas radicais que distinguem um cristianismo de verdade, com os pés no chão da realidade popular. Ele confessava ser um grande admirador de Dom Helder Câmara, mas nós sabíamos que o próprio Dom Helder devia um bocado do que foi ao seu companheiro teólogo Comblin. E juntos so-

¹ Filósofo e teólogo dinamarquês. (Nota da IHU On-Line)

² Teólogo brasileiro, escritor e professor universitário, expoente da *Teologia da Libertação* no Brasil. Foi membro da ordem franciscana. (Nota da IHU On-Line)

freram inclusive pelas mãos da Igreja. Por exemplo, na forma como foi encerrada a formação no Instituto de Teologia de Recife. Aliás, Comblin partilhou todos os tipos de sofrimento de Dom Helder, políticos e eclesiásticos, acrescidos de dois exílios, um a partir do Brasil e outro a partir do Chile. Mas amou e quis a América Latina como sua pátria grande. Percorreu-a por todo lado em cursos, conferências, assessorias de todo tipo, e esteve ao lado dos grandes bispos conciliares e pós-conciliares que deram originalidade ao pensamento teológico latino-americano.

Evidentemente, não foi amado por todos. É claro que incomodava. Em sua liberdade evangélica, dizia com tal simplicidade, sem levantar a voz, o que era difícil nomear na Igreja - os vícios da vontade de poder, as negociações, o medo ao profetismo e à coerência, etc. - a ponto de escutarmos intrigados”

Fidelidade inquebrantável

E, no entanto, o seu otimismo e a sua vontade de trabalhar pelo evangelho e pelo Povo de Deus, sobretudo para que tivesse ministros e missionários populares, sempre foram os motivos centrais de todas as suas fadigas. Depois de Aparecida ele me escreveu um e-mail nesses termos: “Trabalhe para uma boa interpretação do documento de Aparecida³, mesmo que ele tenha defeitos. Nós voltamos de Puebla, em 1979, sa-

³ Leia mais na edição “Os rumos da Igreja na América Latina a partir de Aparecida. Uma análise do Documento Final da V Conferência”. Publicada na IHU On-Line número 224, de 20-07-2007. Disponível em <http://bit.ly/gGMpe4> (Nota da IHU On-Line)

“Em sua liberdade evangélica, dizia com tal simplicidade, sem levantar a voz, o que era difícil nomear na Igreja - os vícios da vontade de poder, as negociações, o medo ao profetismo e à coerência, etc. - a ponto de escutarmos intrigados”

bendo que, em meio à colcha de retalhos de negociações, a porcentagem substancial de Puebla não era muita. Mas sabíamos que Puebla seria o que os intérpretes fariam de Puebla, e então nós nos metemos a interpretar e inflacionar o que acreditávamos que era o núcleo substancial. Há sempre uma luta de interpretações, como aconteceu e ainda acontece com o Concílio Vaticano II”. Isso era parte de seu método.

Mas sua marca registrada, que unia método, teoria e coerência de vida, era sua inserção em meio ao povo do Nordeste. Ele não somente investigou a figura e a pastoral do Pe. Ibiapina; ele a viveu de alguma forma. Essa vida cristã que se encontra com lupa por toda parte no chão brasileiro era uma referência e uma autoridade evangélica. A partir dela fazia seus juízos e mantinha sua fidelidade inquebrantável. Quando algum interlocutor se queixava de alguma autoridade eclesiástica, ele lembrava com frequência que sempre há espaço para muita liberdade e muita criatividade no chão da vida do Povo de Deus.

No último congresso da Soter⁴ Comblin não apareceu, não estava bem de saúde. Estive alguns dias

⁴ Sociedade de Teologia e Ciências da Religião. (Nota da IHU On-Line)

com ele em San Salvador, no final de março de 2010, para celebrar 30 anos do assassinato de Dom Oscar Romero⁵. Fizemos juntos o circuito de visitas à catedral em que o grande mártir pregava, à igreja do hospital em que foi morto, à cripta em que está sepultado, à capela dos jesuítas assassinados⁶ anos mais tarde e ao memorial em que se conservam escritos, fotos e coisas de tantas e tantos mártires salvadorenhos. Comblin fez o percurso com uma grande piedade; em alguns momentos pediu o braço para caminhar melhor. Sentiu o mais frágil. Mas em sua conferência foi vigoroso e provocativo como sempre. Tratou do assunto que agora se ocupava em escrever: a questão da relação entre fé e religião, a possibilidade de muita religião e pouca fé, a necessidade de grande fé e religião simples. Isso fez parte de seu canto de vida: a verdade e a liberdade evangélica, eficaz e libertadora para os pobres e suas lutas de vida. Enfim o evangelho de Jesus, o único que lhe importou.

LEIA MAIS...

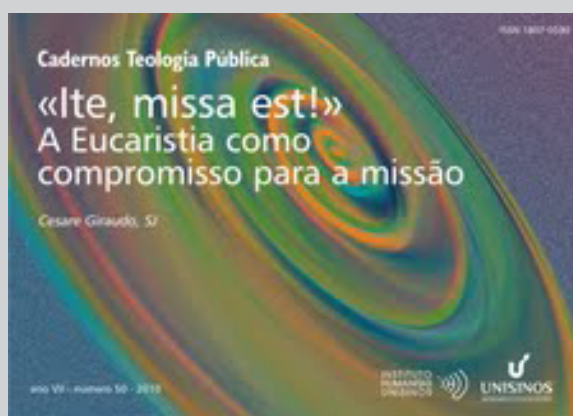
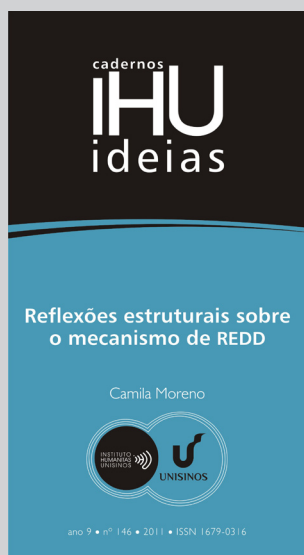
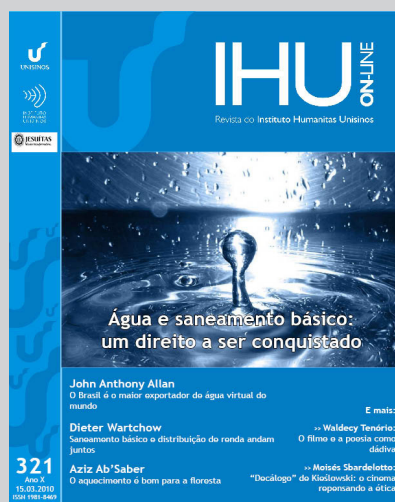
>> Luiz Carlos Susin já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line. Confira.

- * “Uma Igreja tradicionalista nunca será criativa”. Publicada na IHU On-Line número 320, de 21-12-2009, disponível em <http://migre.me/4a0PH>;
- * “A mudança de eixo da humanidade. O III Fórum Mundial Teologia e Libertação”. Publicada em 28-1-2009, disponível em <http://migre.me/4a0Qy>;
- * “Teologia da Libertação após Aparecida volta ao fundamento?” Publicada em 8-6-2008, disponível em <http://migre.me/4a0RM>;
- * “Alteridade: um a priori de carne e osso”. Publicada na IHU On-Line número 277, de 14-10-2008, disponível em <http://migre.me/4a0W9>;
- * “Segundo Fórum Mundial de Teologia e Libertação”. Publicada em 9-2-2007, disponível em <http://migre.me/4a0Sv>;
- * “Jon Sobrino e a Notificação do Vaticano. Depoimento de Luiz Carlos Susin”, publicado em 15-03-2007, disponível em <http://migre.me/4a0Ty>.

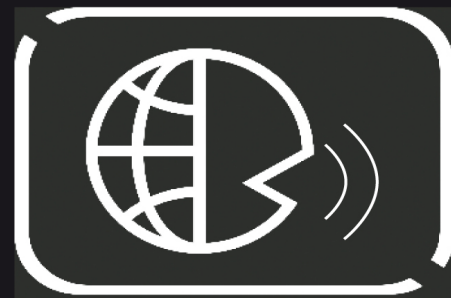
⁵ Sacerdote católico salvadorenho, quarto arcebispo metropolitano de San Salvador. (Nota da IHU On-Line)

⁶ Mais informações no site <http://bit.ly/KkIPM> (Nota da IHU On-Line)

CONFIRA AS PUBLICAÇÕES DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA
WWW.IHU.UNISINOS.BR



A dependência da juventude nas tecnologias digitais

POR SÉRGIO MATTOS*

Com o advento das novas tecnologias digitais, a juventude brasileira, nascida a partir de 1990, passou a ter acesso a uma nova forma de interpretar a realidade, como também mudou a forma de consumir a mídia. As Tecnologias de Informação e Comunicação, além de seduzirem os jovens, transformaram-se em verdadeiro laboratório de criação, que já nasceram plugados e estão a desafiar os modelos tradicionais.

Conectados ao mundo pela internet, participando de sítios de relacionamentos, os jovens se movem em redes. Ao interagirem com o mundo virtual, acabam construindo um sentimento de autonomia e de identidade, mas que também conduz à dependência e à solidão.

No mundo virtual e das tecnologias digitais, plugados aos sítios de relacionamentos, a juventude brasileira está ficando cada vez mais individualista, vaidosa, liberal e antenada à tecnologia.

Para termos uma ideia de como esta geração tem usado as novas tecnologias digitais, o Portal de Informação Juvenil apresenta alguns dados interessantes que reproduzimos a seguir:

Blogs (diário online) - O Brasil é o

quinto país no mundo de leitores de blogs. O número chega a quase 9 milhões de leitores de acordo com dados do Ibope/NetRatings. No <wordpress.com> a audiência de jovens chega a ser até mais de 50%.

Podcast ou podasting - O Brasil já é o terceiro no ranking mundial em download de podcasts. Vários sítios de podcasting são voltados para a temática jovem. Eles veiculam diversas informações e podem ser um meio útil de publicar ou mesmo levantar as principais discussões juvenis. É uma emissão de informações em áudio-visual semelhante a uma subscrição de revista que se pode receber via internet. A juventude utiliza esta ferramenta para divulgar seus trabalhos, fazer vídeos ou colocar suas músicas e deixar disponível para quem quiser ver ou ouvir. A vantagem é que qualquer jovem pode criar e disponibilizar um. Só precisa de um microfone ou uma câmera de vídeo e uma conexão à web.

Vídeos, blogs - Os serviços de vídeo blogs aqui no Brasil são muito populares entre a juventude. É lá que muitos jovens acessam um serviço de publicação multimídia que permite que compartilhem vídeos e comentários a respeito de qualquer assunto.

* Sérgio Mattos é jornalista diplomado, mestre e doutor em Comunicação, membro do Grupo Cepos e autor de inúmeros livros, dentre os quais estão: História da Televisão Brasileira: uma visão econômica social e política (Vozes, 2010) e O Guerreiro Midiático: biografia de José Marques de Melo (Vozes/Intercom, 2010).

Assim, eles postam textos e vídeos, assistem a vídeos e trocam informações por meio de imagens que eles mesmos produzem. Os serviços de vlogs mais populares no Brasil são o YouTube e Vimeo.

Orkut - O Brasil tem o maior número de membros e cerca de 59,41% dos usuários tem idade de 18 a 25 anos. O Orkut é uma das ferramentas da internet mais usadas e sua definição mais apropriada é de uma rede social.

My Space - é uma rede social de comunicação online por meio de uma rede interativa de fotos, blogs vídeos, comunidades, fóruns, grupos, e-mail, perfis de usuários entre outros. (...) O diferencial é sua capacidade de hospedar MP3s. O maior público deste sítio são bandas e músicos que fazem de suas páginas e perfil seu site oficial. Atualmente, há 56 mil bandas do Brasil cadastradas no MySpace.

Facebook - O potencial desta ferramenta está na possibilidade de se tornar uma plataforma estruturada de redes sociais e ser o maior aglomerador de jovens na internet em todo o mundo.

Torpedo, SMS (*short message service*) - Atualmente é um dos serviços que a juventude mais utiliza para se comunicar. Segundo pesquisas da Nielsen 79,9% dos jovens (15-24 anos) mandam mensagens de texto pelo celular. Os jovens estão usando cada vez mais o envio de mensagens do que as chamadas de voz.

Twitter - é uma rede social e ser-

“Ao interagirem com o mundo virtual, os jovens acabam construindo um sentimento de autonomia e de identidade, mas que também conduz à dependência e à solidão”

vidor para microblogging que permite que os usuários enviem mensagens, notícias e atualizações pessoais com mensagens de texto de apenas 140 caracteres via SMS, torpedo, e-mail, sítio oficial ou um programa especializado.

Estas são algumas das ferramentas mais usadas pela juventude brasileira; isto sem falarmos dos correios eletrônicos ou serviços de e-mail, que são utilizados por 97% dos jovens, e os celulares, através dos quais também os jovens enviam e-mails.

Com a convergência digital, o telefone celular pode ser usado para transmissão e recepção da voz, acessar internet, verificar e-mails, fazer download de músicas, vídeos e filmes, fotografar, assistir programa de televisão, ouvir emissora de rádio, além de armazenar conteúdos e dados. Ao usar o celular, é possível assumir o papel de receptor, transmissor e fonte de informações, rompendo assim

alguns paradigmas da comunicação. Também passa a ser uma nova forma de se vender música digital, possibilitando às gravadoras, por exemplo, driblar os sítios de download gratuito, apontando, assim, para uma perspectiva de que o celular poderá se transformar na maior fonte de receita das gravadoras de música como também dos produtores de conteúdos audiovisuais. Já começam a ser disponibilizados, via celular, filmes na íntegra, jogos, vídeos e áudio-livro, programas televisivos previamente embarcados e a recepção livre do sinal de emissoras de canais abertos de televisão.

O celular é hoje a principal mídia portátil usada pela juventude brasileira por vir se caracterizando como ferramenta apropriada para a produção de conteúdo multimídia. Com o celular digital, os jovens estão se transformando em produtores e distribuidores de conteúdos multimídia para grupos e redes. Isto porque o celular, com sua alta mobilidade e portabilidade, é capaz de ser multifuncional em áudio e vídeo, permitindo à juventude assumir uma postura ativa, participando como agente transformador e construtor da realidade, interagindo, sendo fonte, receptor e transmissor simultaneamente.

Grande parte do que é produzido é postado na web. A análise dos produtos juvenis é mais um caminho para entendermos o imaginário da juventude brasileira.



ESPECIALIZAÇÃO EM TELEVISÃO E CONVERGÊNCIA DIGITAL
TURMAS EM PORTO ALEGRE

Inscrições pelo site www.unisinos.br/especializacao/televisao_digital/
ou pela central de relacionamento da Unisinos Fone : 3590-8131

**AULAS EM CONJUNTO
COM A GLOBO
UNIVERSIDADE**

REALIZAÇÃO:
UNISINOS

Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas **Notícias do Dia** do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br) de 28-03-2011 a 01-04-2011.

“Nós ensinamos a importância que tem o rio para a vida da cidade”

Entrevista especial com Maria Helena Carriço Canto e Iara Pacheco, educadoras

Confira nas Notícias do Dia 28-03-2011

Disponível no link: <http://migre.me/4a7PU>

No Dia Mundial da Água duas professoras de ensino fundamental levaram seus alunos para conhecer os arroios localizados no entorno do bairro onde as escolas funcionam. Mostrar o estado e o ciclo da água que chega às casas dos alunos é o principal objetivo do Projeto Dourado.

Religião 2.0: um novo conceito

Entrevista especial com Carlos Sanchotene, jornalista, doutorando em Comunicação e Cultura na Universidade Federal da Bahia - UFBA

Confira nas Notícias do Dia 29-03-2011

Disponível no link: <http://migre.me/4a7Tk>

O conceito de religião 2.0 e o blog do Bispo da Igreja Universal do Reino de Deus - IURD, Edir Macedo são analisados junto das possibilidades de interação no âmbito virtual, colocando os fiéis internautas no mesmo patamar daqueles que produzem o discurso religioso.

Twitter: a nova via da revolução?

Entrevista especial com Sandra Montardo (professora de Ambientes Digitais na Feevale), Pollyana Ferrari (doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Pau-

lo), Adriana Amaral (professora da Unisinos) e Matheus Lock dos Santos (mestrando em Comunicação e Informação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Confira nas Notícias do Dia 30-03-2011

Disponível no link: <http://migre.me/4a7XG>

A influência do Twitter como ferramenta para os movimentos de contestação é analisada em seus limites e possibilidades.

Crise energética: impasses e riscos das formas de energia produzidas atualmente

Entrevista especial Marcelo Firpo Porto, engenheiro de produção, pesquisador titular do Centro de Estudos da Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca - ENSP/Fiocruz

Confira nas Notícias do Dia 31-03-2011

Disponível no link: <http://migre.me/4a85o>

“A discussão do urânio, além da questão das bombas nucleares, necessariamente levanta o debate sobre a política energética no planeta e, em particular, no Brasil”, pontua o especialista. O episódio em Fukushima renovou o debate acerca das polêmicas em torno da posição que afirma que a energia nuclear é uma alternativa “limpa”.

SOS São Lourenço do Sul

Entrevista especial com Daniel Raupp, vice-prefeito

Confira nas Notícias do Dia 01-04-2011

Disponível no link: <http://migre.me/4a8aS>

Três semanas após a maior enchente no município, São Lourenço do Sul, cidade da região sul do Rio Grande do Sul, ainda contabiliza os estragos feitos pelas águas. Em estado de calamidade pública, a localidade tem casas destruídas, indústrias desativadas e dezenas de pessoas vivendo em abrigos.

Leia a Entrevista do Dia
em www.ihu.unisinos.br

Destaques On-Line

A seguir, publicamos um breve resumo de algumas entrevistas feitas pela IHU On-Line nos meses de janeiro e fevereiro e disponíveis nas **Notícias do Dia** do IHU (www.ihu.unisinos.br).

“Ralés, batalhadores e uma nova classe média”

Entrevista especial com Jessé de Souza, sociólogo, professor da Universidade Federal de Juiz de Fora

Confira nas Notícias do Dia de 03-02-2011

Disponível em <http://migre.me/49LSR>

“A ‘ralé’, como chamo provocativamente essa classe de infelizes e desesperados, num país que nega, esconde e eufemiza todos os seus conflitos e problemas, nunca foi, na verdade, percebida como uma ‘classe social’ entre nós”, diz o professor e pesquisador.

“Os desafios do indigenismo brasileiro hoje”

Entrevista especial com Mércio Gomes, antropólogo, professor da Universidade Federal Fluminense

Confira nas Notícias do Dia de 15-01-2011

Disponível em <http://migre.me/49LBz>

O professor de antropologia faz uma análise sobre a situação dos povos indígenas no Brasil e afirma que “os indígenas se sentem lesados e abandonados pelo descaso das autoridades e não sabem o que fazer para encontrar seu próprio caminho diante das dificuldades atuais.”

“Brasil: o país do futebol... para os ricos”

Entrevista especial com Marcos Alvito, historiador e antropólogo, fundador da Associação Nacional dos Torcedores

Confira nas Notícias do Dia de 06-01-2011

Disponível em <http://migre.me/49LsU>

O antropólogo e historiador desmembra o que está em jogo com a elitização do futebol, analisa o processo no Brasil e no mundo e fala sobre a organização da Copa do Mundo de 2014 no país.

Programação de Páscoa IHU 2011

Debate sobre cuidado
da vida na cultura
contemporânea e
Ciclo de Filmes e
Debates: Sociedade
Sustentável no
cinema

De 30/03 a 28/04

Informações no
endereço eletrônico
www.ihu.unisinos.br



IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista

Agenda da Semana

Confira os eventos desta semana realizados pelo IHU.
A programação completa dos eventos pode ser conferida no sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br).

Dia 6-4-2011
Evento: Páscoa IHU 2011 - Debate sobre cuidado da vida na cultura contemporânea e Ciclo de Filmes e Debates: Sociedade Sustentável no cinema Prof. MS Ana Maria Formoso - Unisinos Jesus no cinema - Exibição de Filme: A Última Tentação de Cristo (Martin Scorsese, EUA, 1988, Drama, 163min)
Dia 9-4-2011
Evento: Ciclo de Filmes e Debates: Sociedade Sustentável no Cinema Profa. Dra. Larissa Rosa de Oliveira Exibição de Filme: Mudanças do clima, mudanças de vidas (Todd Southgate - Greenpeace, Brasil, 2006, 60min)
Dia 11-4-2011
Evento: Páscoa IHU 2011 - Debate sobre cuidado da vida na cultura contemporânea e Ciclo de Filmes e Debates: Sociedade Sustentável no cinema Prof. Dr. Daniel Marguerat - Universidade de Lusane, Suíça Curso: Ler Paulo hoje. Um estudo em diálogo com filósofos contemporâneos
Evento: Ciclo de Estudos em EAD: Sociedade Sustentável - Edição 2011 A questão energética no mundo contemporâneo

4 de maio

Ciclo de Palestras: Renda básica de cidadania
Emancipação cidadã e autonomia.

Palestrante: Prof. Dr. Josué Pereira da Silva - Unicamp

Informações: www.ihu.unisinos.br

Mudanças climáticas e uma nova perspectiva de viver

Para evitar mais consequências ao ambiente e ao dia a dia das pessoas, a bióloga Larissa Rosa de Oliveira defende uma reavaliação nos hábitos de consumo

POR ANELISE ZANONI E GREYCE VARGAS

Cada vez mais, o aquecimento global desloca as atenções para suas consequências e ajuda a elencar questionamentos sobre como a população pode proceder para salvar o futuro da vida. A crise ecológica pode significar o fracasso da civilização assentada sobre a ideia do progresso infinito e linear, na concepção dominadora de poder, e sobre a crença do não esgotamento dos recursos naturais limitados e não renováveis.

Para debater questões importantes sobre a preservação do ambiente, a bióloga Larissa Rosa de Oliveira acredita na necessidade de uma mobilização concentrada, na qual cada indivíduo se sente responsável por alguma atitude e consegue conter seus atos de consumo.

“Somos incentivados hoje pela mídia a consumir mais”, afirma a pesquisadora. Na visão dela, as variações no clima contribuem também para o acréscimo de refugiados climáticos no país. “Hoje eles estão buscando outras fontes de renda, porque estão à mercê de mudanças climáticas mais intensas. Há grandes transformações nas atividades econômicas e êxodo da zona rural porque os trabalhadores não podem contar com a estabilidade climática”.

Professora da Unisinos, a bióloga Larissa Rosa de Oliveira tem mestrado em Biociências (Zoologia) pela PUCRS, doutorado em Ciências Biológicas pela USP e dois pós-doutorados. Ela irá participar do Ciclo de Filmes e Debates - Sociedade Sustentável no Cinema, através de um debate transdisciplinar e sistêmico. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais são as principais evidências de que as mudanças de clima já estão mudando a vida das pessoas?

Larissa Rosa de Oliveira - Se observarmos as catástrofes naturais, perceberemos a intensidade de chuvas e secas. É possível ver como o clima mudou. Até por meio do trabalho dos agricultores e da produção constatamos que há 30 anos não tínhamos tantas enchentes e períodos longos de seca. Há alguns anos os pesquisadores do Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos - CPTEC/Inpe monitoram as mudanças climáticas e as influências do El Niño. As evidências e as variações climáticas afetam localmente o Rio Grande do Sul, trazendo muitas consequências.

IHU On-Line - Qual é a relação da destruição da Amazônia com o aquecimento global?

Larissa Rosa de Oliveira - A Amazônia funciona também para resfriar a região onde está localizada, produzindo umidade, que também é deslocada para outros Estados, como o Rio Grande do Sul. Com o desmatamento, essa fonte natural de resfriamento, feita por meio da regulação da floresta, traz consequências. A seca é ampliada, e a chuva reduz, porque a Amazônia é nosso centro de circulação, gera umidade importante que é deslocada também para o sul do país.

IHU On-Line - Além disso, qual é a contribuição das queimadas e da pecuária nesse fenômeno?

Larissa Rosa de Oliveira - Para gerar zonas de pecuária são feitas as queimadas para retirar a mata. Essa atitude amplia o desmatamento, assim como há mudanças no sistema, porque as plantas e as árvores que geram a umidade necessária são retiradas de

lá. Quando alguém retira árvores de uma zona de mata, retiram uma parcela importante de árvores que gerariam a transpiração e a umidade, que também seria deslocada para cá. Retirando o verde diminuímos a respiração das plantas e a umidade no Rio Grande do Sul e na Amazônia.

IHU On-Line - Os refugiados do clima já são uma realidade em nosso país?

Larissa Rosa de Oliveira - Sim, já é uma realidade do Brasil. Basta olharmos para as pessoas que deixam de fazer atividades tradicionais, relacionadas à agricultura. Hoje eles estão buscando outras fontes de renda, porque estão à mercê de mudanças climáticas mais intensas. Há grandes transformações nas atividades econômicas e enorme êxodo da zona rural porque os trabalhadores não podem contar com a estabilidade climática. Com as novas secas no Rio Grande do

Sul, novas gerações saem do campo para buscar novas formas de renda na cidade.

IHU On-Line - Podem ser estabelecidas relações entre a mudança climática e o padrão de consumo incentivado e praticado em nossa sociedade?

Larissa Rosa de Oliveira - Com certeza, percebemos que quanto maior é a demanda e o consumo, maior é o extrativismo, e o debate sobre a questão de combustíveis fósseis. Somos incentivados hoje pela mídia a consumir mais. Mas será que precisamos trocar o celular, o carro e comprar bens menos duráveis? Essas estratégias de consumo obviamente tocam fundo no bolso e no ambiente, porque a maior parte das coisas é feitas de plástico, que é feito com derivados de combustíveis fósseis. Não percebemos que gastamos mais e exploramos mais.

IHU On-Line - Qual é a responsabilidade dos governos e da sociedade civil a respeito dessas alterações do clima?

Larissa Rosa de Oliveira - Na verdade, pensando em várias escalas, temos principalmente a questão da emissão do dióxido de carbono - CO². Temos cada vez mais indústrias, e o governo precisa taxar esta emissão, mas a magnitude do problema é ampla. Precisamos começar a tomar atitudes em casa, mudar hábitos de consumo, usar racionalmente os bens não sustentáveis, como água e energia elétrica. Tudo depende da geração de energia elétrica e, infelizmente, ainda não temos energias mais limpas em grande escala de desenvolvimento, como a eólica ou a solar.

Além disso, a sociedade tem grande responsabilidade de mudar comportamentos, não é uma questão apenas do governo. Se todo mundo fizer um pouco, aumentaríamos o tempo desses recursos. É uma questão de mudança de paradigmas repensar valores e deixar de comprar bens descartáveis. Outros países já estão dando alguns exemplos, como o México, que está fazendo exigências à China. Os mexicanos querem importar mais bens mais duráveis, para evitar os bens frágeis.

Paulo, o *enfant terrible* da teologia

Em Paulo de Tarso, existe uma forte sintonia entre as dimensões prática e pastoral de sua missão. Sua “genialidade teológica” foi a de formular a mensagem cristã tanto nas categorias judaicas quanto nas greco-romanas, aponta o teólogo suíço Daniel Marguerat

POR MOISÉS SBARDELOTTO | TRADUÇÃO DE BENNO DISCHINGER

Em Paulo de Tarso, o “apóstolo dos gentios”, existe uma fonte sintonia entre as dimensões prática e pastoral de sua atividade missionária: “Ele elabora sua teologia em função das problemáticas que enfrenta e que lhe são apresentadas pelos cristãos das Igrejas que fundou”. E é aí que se encontra a sua “genialidade teológica”: formular a mensagem cristã tanto nas categorias judaicas da Torá e da história da salvação de Israel (Gálatas) quanto nas representações da filosofia greco-romana, em particular da estoica (1 Coríntios).

Para o teólogo suíço Daniel Marguerat, nesta entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, o pensamento de Paulo tem uma coerência que se lê naquilo que ele chama de a “teologia da cruz”: “Trata-se de uma postura teológica para a qual a morte de Jesus representa o critério de verdade de toda afirmação cristã”.

Marguerat estará presente na Unisinos para participar da programação da Páscoa IHU 2011. Ele ministrará o curso Ler Paulo hoje. Um estudo em diálogo com filósofos contemporâneos, que irá ocorrer entre os dias 11 a 13 de abril, na Sala Inácio Ellacuría e Companheiros - IHU, na Unisinos, sempre das 8h45min às 11h45min e das 14h às 17h.

Esse diálogo terá, como alguns de seus interlocutores, os filósofos Alain Badiou e Giorgio Agamben. Para Marguerat, “Badiou nos ajuda a pensar a ética universalista de Paulo e o papel da ressurreição em sua teologia da cruz”, negligenciando, porém, a parte teológica do pensamento paulino, que funda o universalismo. E Agamben “nos convida a tomar claramente consciência da dimensão escatológica do pensamento de Paulo, isto é, de sua convicção que o mundo vive de uma verdade última que não lhe pertence, mas se revelará no fim dos tempos”.

Daniel Marguerat é professor emérito de Novo Testamento da Universidade de Lausanne, na Suíça, tendo lecionado nessa instituição entre 1984 a 2008. Após ter servido como pastor em algumas Igrejas Evangélicas Reformadas da Suíça nas décadas de 1970 e 1980, foi coordenador da Faculdade de Teologia da mesma universidade (1990-1992) e presidente da Studiorum Novi Testamenti Societas (2007-2008) e da Federação das Faculdades de Teologia de Genebra-Lausanne-Neuchâtel (2004-2005). De sua obra, foram publicados em português *A Primeira História do Cristianismo: Os Atos dos Apóstolos* (Paulus/Loyola, 2003), *Novo Testamento: História, Escritura e Teologia* (Loyola, 2009) e *Para Ler as Narrativas Bíblicas: Iniciação à Análise Narrativa* (Loyola, 2009), juntamente com Yvan Bourquin. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual é o “centro” do pensamento paulino? E qual foi a sua principal contribuição para a expansão do cristianismo?

Daniel Marguerat - A identificação do centro, ou cerne, do pensamento de Paulo é atualmente objeto de vigorosos debates entre os exegetas. Alguns pensam que Paulo pensa contextualmente, isto é, que ele constrói seu pensamento em função das situações que ele enfrenta e dos debates nos quais se encontra engajado. É verdade que, entre sua primeira carta conhecida (1ª Carta aos Tessalonicenses), a carta aos Gálatas e as cartas aos Coríntios, o vocabulário e as categorias teológicas mudam consideravelmente. Alguns exegetas (Stendahl, Sanders, Dunn) contestaram a leitura clássica protestante que vê o centro da teologia paulina na doutrina da justificação pela fé. Eles fizeram notar com razão que nem 1 Tess nem as duas cartas aos Coríntios argumentam a partir da Lei judaica.

De minha parte considero que, efetivamente, o procedimento de Paulo tem dimensão prática e pastoral: ele elabora sua teologia em função das problemáticas que enfrenta e que lhe são apresentadas pelos cristãos das Igrejas que ele fundou. Está precisamente nisso sua genialidade teológica: poder formular a mensagem cristã, tanto nas categorias da Torá e da história da salvação de Israel (Gálatas) quanto nas representações da filosofia greco-romana, em particular da estoica (1 Coríntios). Não obstante, como procurarei mostrá-lo no curso na Unisinos, o pensamento de Paulo tem uma coerência que se lê em filigranas e que eu chamo de a “teologia da cruz”. Trata-se de uma postura teológica para a qual a morte de Jesus representa o critério de verdade de toda afirmação cristã.

A principal contribuição de Paulo foi a de formular a mensagem cristã no cruzamento de duas tradições: a tradição judaica - mais precisamente a farisaica, da qual ele é originário - e a cultura greco-romana, na qual ele foi formado, provavelmente na escola estoica de Tarso. Esse cruzamento cultural permitiu a Paulo pensar o cristianismo em termos de

“A genialidade teológica de Paulo está em poder formular a mensagem cristã tanto nas categorias judaicas quanto nas representações da filosofia greco-romana”

universalidade. É a Paulo que se deve a afirmação de que Deus, que se revela em Jesus Cristo, é o Deus universal, isto é, aquele que deixa de ser o Deus de um povo particular para tornar-se o Deus de todos e de cada um.

IHU On-Line - O senhor afirma que Paulo ensina a formular a identidade cristã como uma identidade aberta. O que significa isso hoje em nossa cultura globalizada?

Daniel Marguerat - Paulo é o fundador do universalismo, como o mostrou o filósofo Alain Badiou. Afirmando que todo ser humano é acolhido por Deus, independentemente de sua cultura, de seu nível social, de seu estatuto religioso ou de seu sexo, Paulo faz voar em estilhaços toda definição fechada da identidade, ou seja, toda vontade de confiscar os valores para si ou para sua cultura. Deus rescinde toda discriminação entre os homens na medida em que introduz os fiéis, pelo batismo, em uma fraternidade da qual é banida toda hierarquia. É urgente que se entenda hoje, na ascensão dos individualismos e nas dobras identitárias às quais se assiste, essa afirmação da universalidade humana que ninguém formulou tão fortemente na história da humanidade. A globalização teve como efeito perverso exacerbar as crispções identitárias. Precisamos, ao mesmo tempo, estar enraizados em uma cultura particular e tomar consciência de nosso pertencer à humanidade global.

IHU On-Line - Em sua opinião, como o “mistério da Cruz”, refletido por Paulo, pode ser reinterpretado e aplicado no cristianismo? E em seu diálogo com as outras religiões?

Daniel Marguerat - Paulo pensou radicalmente a cruz como a falência do imaginário religioso. É em Coríntios 1, 18-25, que ele o exprime mais claramente. Porque Jesus foi crucificado como blasfemo, porque ele foi conduzido à morte em nome de Deus e para salvaguardar a honra de Deus, Paulo conclui que a religião, por mais piedosa que seja, pode enganar-se, extraviar-se e conduzir os seus fiéis a se voltarem contra o seu próprio Deus. Paulo é o teólogo mais consciente da possível deriva de qualquer religião.

Com efeito, reconhecer que Deus se revela no silêncio de uma morte, a morte da cruz, contradiz todas as imagens de um Deus poderoso que segrega o imaginário. Dizer que Deus desvela sua força na extrema fragilidade do Filho pregado à cruz é um verdadeiro desafio a todas as nossas imagens do “Todo-poderoso”. Diz Paulo: essa é a “loucura” de Deus, que confunde a sabedoria humana. Somente aquiescendo a essa desconstrução dos nossos imaginários religiosos é que se pode captar a mensagem da cruz. No coração da convicção cristã, encontra-se um profundo paradoxo que faz da fé um salto na confiança, antes que o desfecho de uma racionalidade.

As consequências para o diálogo inter-religioso são consideráveis, como o mostrarei no curso. Toda religião é chamada a descobrir a parte de verdade do divino que as outras religiões vislumbraram.

IHU On-Line - Qual é a contribuição das mulheres na prática missionária de Paulo?

Daniel Marguerat - Contrariamente à imagem antifeminista que perfaz injustamente sua reputação, Paulo fundou igrejas nas quais homens e mulheres dispunham de uma igualdade de valor, de direito e de acesso às responsabilidades comunitárias. Não se tratava simplesmente de uma estratégia missionária, mas da tradução

ética do princípio da justificação pela fé. Como hei de mostrá-lo, será preciso deixar clara nossa percepção do famoso lema “Que as mulheres se calem nas assembleias” (1ª Carta aos Coríntios 14, 34), que é apenas uma medida disciplinar, visando restabelecer a ordem em uma igreja bastante agitada. Na realidade, são os sucessores de Paulo (e mesmo nem todos, como no-lo mostram os Atos apócrifos de Paulo) que colocaram as mulheres fora das responsabilidades eclesiais e em estrita dependência do homem. Nas igrejas paulinas, as mulheres oram e profetizam. Sua participação na rede missionária paulina foi importante. Não fala Paulo da mãe de Rufo, “que também é a minha” (Carta aos Romanos 1,13), reconhecendo que essa mulher é sua mãe espiritual?

IHU On-Line - Qual seria o significado, hoje, da pluralidade dentro do cristianismo, considerando-a como parte da sua vocação originária? Quais são os passos que o cristianismo deveria dar para melhor responder à sua vocação plural?

Daniel Marguerat - A pluralidade do cristianismo não é uma deficiência de sua evolução histórica. Desde o seu nascimento no primeiro século, o cristianismo conheceu a pluralidade teológica. As maiores diferenças concretizavam-se entre judeu-cristãos e heleno-cristãos convertidos pela missão helenista, da qual Paulo foi o representante de maior brilho. Em toda a sua história, o cristianismo nunca se comportou como uma religião monolítica. Ele possui a faculdade de inculturar-se, de imergir em culturas e espiritualidades muito diversas. Uma vez mais, antes que um defeito, é preciso ver nisso um sinal característico de seu próprio gênio. As igrejas são, pois, chamadas a darem provas de criatividade para imergirem sua fé na cultura e no humanismo de seu lugar de vida. Aí não deveria haver um imperialismo cristão, no sentido da imposição de uma palavra única. O Novo Testamento é por si só o mais espetacular exemplo da diversidade cristã.

“Dizer que Deus desvela sua força na extrema fragilidade do Filho pregado à cruz é um verdadeiro desafio a todas as nossas imagens do ‘Todo-poderoso’”

A unidade do cristianismo não pretende, pois, uma uniformidade de estrutura ou de teologia, mas o reconhecimento que, em sua diversidade, os diferentes ramos da cristandade constituem conjuntamente o corpo do Cristo no mundo.

IHU On-Line - Como o senhor descreveria os seus passos e processos de leitura e de análise narrativas da Bíblia?

Daniel Marguerat - Pessoalmente, como formado classicamente na exegese histórico-crítica, eu descobri, desde os anos 1980, que uma única aproximação ou análise do texto bíblico era insuficiente para explorar sua riqueza de significado. Conheci, então, uma “conversão” metodológica, que não me conduziu ao abandono do questionamento histórico, que é e continua sendo indispensável, mas à sua articulação com aproximações [ou análises] sincrônicas ou pragmáticas. Explico. Trata-se, de uma parte, de aplicar ao texto um questionamento histórico que restitua seu ambiente histórico de produção, seu lugar de enunciação, sua orientação e a identidade de seus destinatários, bem como (se é possível) as fontes tradicionais sobre as quais o autor se apoia. Mas, de outra parte, é necessário interessar-se e envolver-se no texto como tal, no cerne de seus significados, em sua composição literária, em seus efeitos retóricos. A aproximação, ou análise, é então sincrônica (ela lê o texto tal como ele se dá à leitura) e não mais diacrônica (o texto inserido na história de sua composição).

Atualmente, a leitura da Bíblia se abriu definitivamente à pluralidade dos métodos. Hoje em dia, não é mais possível pretender que um só método de leitura seja suficiente para dar conta de um texto em suas diversas facetas. Vivemos, a esse respeito, um período de intensa criatividade metodológica que torna apaixonante o exercício da exegese. Desenvolve-se, ao lado da análise histórico-crítica clássica, uma leitura sócio-histórica que examina o tecido sociológico no qual se insere o uso da palavra dos autores bíblicos. A leitura feminista é sensível ao destino - com frequência oculto - das mulheres na Bíblia. A leitura chamada pós-colonial tenta exumar as relações de força nas quais se insere o cristianismo em suas origens.

As ciências da linguagem desenvolveram, após a análise estrutural dos anos 1970, dois tipos de leitura pragmática: de um lado, a análise retórica aplicada aos textos argumentativos (a correspondência paulina, por exemplo), e, de outra parte, a análise narrativa para os relatos. Este último método de leitura exuma o trabalho de construção narrativa dos narradores e identifica sua estratégia de comunicação. Pode-se, assim, fazer enorme progresso na compreensão de autores considerados medíocres, como o evangelista Marcos, de quem redescobrimos hoje em dia os talentos na composição narrativa. Sinto-me feliz, pois, em saber que meu livro *Para Ler as Narrativas Bíblicas. Iniciação à Análise Narrativa* foi traduzido ao português pelas Edições Loyola em 2009.

IHU On-Line - Em seu curso aqui no IHU, o senhor se propõe a fazer Paulo dialogar com filósofos contemporâneos. Especialmente com Alan Badiou e Giorgio Agamben, como se dá esse diálogo? Quais são seus pontos de contato e tensão?

Daniel Marguerat - Teremos ocasião de constatar como Alain Badiou nos ajuda a pensar a ética universalista de Paulo e o papel da ressurreição em sua teologia da cruz. Mas Badiou negligencia a parte teológica do

pensamento de Paulo, que funda o universalismo. Agamben nos convida a tomar claramente consciência da dimensão escatológica do pensamento de Paulo, isto é, de sua convicção que o mundo vive de uma verdade última que não lhe pertence, mas que se revelará no fim dos tempos. Como pensar o mundo em sua precariedade e a espera de seu cumprimento: eis ao que o olhar de Agamben é sensível.

IHU On-Line - Em que a “herança” de Paulo desafia a teologia contemporânea? Que avanços podem ser feitos a partir de uma releitura da teologia paulina diante dos desafios do mundo de hoje?

Daniel Marguerat - Paulo é, sempre foi e continuará sendo o *enfant terrible* da teologia. Por isso é indispensável retornar a ele constantemente. Ele impede que o pensamento teológico se feche sobre os sistemas totalizantes e tranquilizadores e provoca todos os vincos doutrinários asseguradores, expondo o crente à pura gratuidade de uma salvação outorgada incondicionalmente por Deus. Toda vontade de reconstruir uma piedade ou uma ética que tornariam o crente “aceitável” diante de Deus é radicalmente posta em causa. O crente, homem ou mulher, é chamado a viver na absoluta liberdade daquele e daquela que deve tudo a seu Deus e recebe d’Ele o dom inestimável da liberdade. Fundado sobre a graça, o crente adquire assim uma inviolável estima de si. Ele recebe uma segurança interior que resiste tanto às agressões do mundo exterior, como aos assaltos da culpabilidade interior. Tal é, pelo menos, o desafio ao qual o apóstolo dos Gentios convida, ainda hoje, os que creem.

LEIA MAIS...

A IHU On-Line tem outras publicações a respeito de Paulo de Tarso. O material está disponível no sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br).

- Paulo de Tarso e a contemporaneidade. Edição 175, de 10-04-2006, disponível em <http://migre.me/FC0K>;
- Paulo de Tarso: a sua relevância atual. Edição 286, de 22-12-2008, disponível em <http://migre.me/FC10>;

CONFIRA OUTRAS EDIÇÕES DA IHU ON-LINE



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA
PÁGINA ELETRÔNICA
WWW.IHU.UNISINOS.BR

VIVÊNCIA DA PÁSCOA



Audição Comentada 2011

O Projeto Vivência da Páscoa tem como proposta contribuir nos debates sobre temas relevantes da atualidade relacionados com a ética, a teologia e a cultura. Este ano prevê a audição comentada de música clássica.

Trata-se de uma abordagem transdisciplinar que visa envolver o público militante cristão e a comunidade local em reflexões e debates sobre valores humanos, culturais e religiosos impulsionadores para o compromisso com a construção de possibilidades de vida digna do ser humano.

Audição comentada de
A Paixão Segundo São Mateus, de Johann Sebastian Bach.

Comentadora: Profa. Dra. Yara Caznok – UNESP/SP

Dia 09 de abril, das 8h30 às 13h.

Termina com o almoço.

Local: CEPAT/Casa do Trabalhador

Rua João Baptista Gabardo, 433 - Sítio Cercado

Inscrições pelo e-mail: cepat.cepat@terra.com.br

Informações: (41) 3349-5343

**VAGAS
LIMITADAS**



Promoção:



JESUÍTAS

IHU Repórter

Omar Reis

POR PATRÍCIA FACHIN E MÁRCIA JUNGES | FOTOS ARQUIVO PESSOAL

Uma enorme mudança. Foi isso que a alfabetização provocou na vida do motorista Omar Reis. Analfabeto até os 25 anos, ele ingressou num curso oferecido pela Unisinos a seus funcionários e iniciou a escrever com sua própria letra a sua história de vida. Casado e pai de quatro filhos, ele conta aspectos de sua trajetória nada fácil. Orgulhoso pelas conquistas e grato pelo incentivo que recebeu dentro da comunidade acadêmica, sonha com uma chácara para plantar e ver os filhos formados.

Origens - Nasci em Canela, e praticamente me criei na Unisinos. Vim para cá com 16 anos. Morei em Santa Catarina durante certo tempo, mas depois vim para Sapucaia do Sul, região metropolitana de Porto Alegre. Dois tios meus, irmão do meu pai, trabalhavam na Unisinos como jardineiros. Foi assim que comecei. Isso foi em 1984, contratado como funcionário.

Família - Tenho 22 irmãos, dos quais sete são mulheres. Vivos são apenas nove. São todos do mesmo pai e da mesma mãe. A diferença de idade entre nós era grande. O mais velho já tem 69 anos. Um ajudava a criar o outro, e assim fomos indo, trabalhando cedo. Sou o mais novo dos homens. A mãe passava trabalho. Fazia pão de forno todo dia, porque era praticamente uma “empresa” que ela tinha em casa a qual precisava alimentar. Era muita gente para comer. Quando nos juntávamos à mesa, parecia uma festa. Como nos mudávamos muito, trabalhando em serrarias, por vezes não havia escola perto de casa. E, assim, fiquei analfabeto até os 25 anos. Comecei a trabalhar muito guri, com 10 anos. Meu avô era professor, mas dava aula para outras crian-

ças, enquanto os filhos tinham que trabalhar na roça. Assim, meu pai nunca aprendeu a ler e a escrever. E o mesmo aconteceu comigo.

Os irmãos que vivem aqui se reúnem com certa frequência. Já os que ficaram em Santa Catarina é mais difícil de rever. Faz sete anos que não encontro os irmãos de lá.

Casamento - Minha esposa é de São Joaquim. Vim morar para cá; fiz a casa e ficamos namorando à distância por uns três anos. Um dia, fui buscá-la, casamos aqui e ficamos. Estamos juntos há 27 anos e temos quatro filhos e dois netos. Uma neta vive conosco - ela já tem oito anos e é o meu xodó. A mãe dela fez até um quarto rosa para ela, em casa, mas ela prefere morar conosco. Acontece que fomos nós que praticamente a criamos. Três dos meus filhos ainda moram conosco: um rapaz de 20 anos, uma moça de 17, que trabalha na cafeteria da biblioteca da Unisinos, e outro



rapazinho de 12 anos. Esse adora CTG, como eu. Minha esposa cuida da nossa casa e, às vezes, faz umas costuras para ganhar um dinheirinho. Também



criamos dois sobrinhos, que volta e meia vem nos visitar.

Profissão - Trabalhei uns oito anos na área de jardinagem da Unisinos. Depois, fiquei mais uns seis anos no caminhão. Fui insistindo até que mudei de área. Outra coisa interessante é que eu não sabia ler e escrever. Fui alfabetizado por alunos da Unisinos. Fiz o ensino médio (antigo primeiro grau) aqui mesmo, num projeto de alfabetização para funcionários. Isso durou um ano e meio. Apenas eu e outro colega concluímos o curso, porque o pessoal ia desistindo no caminho. Terminei o ensino fundamental numa sexta-feira, e na segunda-feira seguinte já estava matriculado no ensino médio. Nesse período fiz a carteira de motorista e, então, surgiu a chance de dirigir os carros da universidade. Não me lembro em que ano foi isso. Já faz tempo.

Com a grande crise da Universidade, fui demitido. Fiquei um ano e meio dirigindo caminhão por São Paulo e Curitiba. Há três anos fui chamado de volta e fiquei por aqui, porque a estrada é muito perigosa. Então, do meu primeiro contrato da Unisinos, trabalhei 26 anos e agora já são mais três. E têm aqueles seis anos nos quais fui jardineiro na Unisinos sem ser funcionário da instituição.

Alfabetização - Quando vim para Sapucaia do Sul, logo procurei um Mobral para me alfabetizar, mas não encontrei. Na hora em que a Unisinos abriu o curso

para alfabetizar seus funcionários, fui o primeiro a me inscrever. Eu estudava à noite nesse período. Ficava até tarde, tipo 22h30min, 23h. Nunca falhei um dia de aula e também jamais pensei em desistir. Já o resto do pessoal faltava muito. Às vezes eram apenas eu e a estagiária que dava aula. Eu desenhava as letras. No primeiro ano, fiz uma espécie de “pré-escola”, e estava conhecendo letra por letra.

Depois de formado, muitas vezes fui convidado para formaturas do curso de Pedagogia como funcionário homenageado. Até que eu concluí todo curso e mais o segundo grau, foi um total de seis anos. Para mim foi bem difícil, mas eu tinha o apoio da minha família, que me ajudava nos estudos. Depois de estudar, a minha vida mudou. Até para comunicar as coisas ficou mais fácil. Quando eu namorava minha esposa, tinha que pedir para minha irmã mais velha escrever as cartas para ela.

Minha filha ficou grávida e não quis estudar, mas tem o ensino médio. A mais nova está concluindo o ensino médio e quer fazer faculdade. Já o rapaz fez um curso de mecânica e se deu por satisfeito.

Lazer - Gosto de ver TV e me divertir com os netos. Não bebo e não fumo. Quando meus irmãos vêm nos visitar, jogamos canastra. Aos finais de semana saímos para passear um pouco, mas normalmente a casa está sempre cheia. Também aprecio ler jornal.

CTG - Levo meu guri nos bailes. Agora ele já está no juvenil. Ele mesmo é que se interessou em participar.

Religião - Sou católico, mas não muito praticante. Minhas orações faço só para mim, não preciso ir à igreja. Mas gosto de comparecer à missa de vez em quando.

Profissão - Gosto do que faço aqui. Nesse tempo em que estive fora da Unisinos, eu não sabia nem fazer um currículo. Minha filha teve que me ajudar. Mas até consegui emprego! Tenho vários cursos específicos para motorista, e isso é um diferencial.

O retorno - Quando me chamaram de volta, foi uma alegria. O salário era praticamente igual ao que estava ganhando como motorista de caminhão, mas pelo menos eu estaria junto com minha família, em casa toda noite. Isso vale mais do que qualquer outra coisa. É muito perigoso transportar cargas valiosas, porque elas são muito visadas. O caminhão tem rastreador, mas o motorista não.

Sonho - Quero ver meus filhos formados e ter uma chácara para plantar. O resto está bom assim e a vida traz. Faltam só três anos para me aposentar, mas por mim eu fico aqui até os meus filhos se formarem.

Unisinos - É meu porto seguro. Tudo que eu sei e tenho devo a ela. Trabalhei bastante e fui recompensado. Eu não sabia nem pegar um ônibus, e depois entrei aqui e tudo mudou. Quando eu pegava o ônibus para trabalhar, tinha que prestar atenção na cor, porque não sabia ler o letreiro. Muitas vezes me enganei e peguei o ônibus errado. É como se eu fosse um cego por não saber ler e escrever. Pelo tempo em que estou aqui, poderia ter me formado em alguma coisa, mas decidi deixar isso para meus filhos.

Destaques

Ler Paulo hoje. Um estudo em diálogo com filósofos contemporâneos

O professor Dr. Daniel Marguerat, da Universidade de Lousane, Suíça, estará no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, entre os dias 11 e 13 de março, ministrando o curso **Ler Paulo hoje. Um estudo em diálogo com filósofos contemporâneos**. O evento faz parte da programação de Páscoa IHU 2011 - Debates sobre o cuidado da vida na cultura contemporânea. Os encontros serão realizados das 8h45min às 11h45min e à tarde, das 14h às 17h, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU. Na entrevista publicada nesta edição, Marguerat comenta a teologia de Paulo de Tarso.

Povos indígenas e reflexões sobre desmatamentos

Os **Cadernos IHU ideias** começaram o ano de 2011 com duas publicações. A edição de estreia, número 145, apresenta o texto **Os Povos Indígenas e a Política de Saúde Mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente**. Ele é resultado de pesquisa da psicóloga clínica e social Bianca Sordi Stock, e busca compreender o crescente índice de consumo de antidepressivo, álcool e outras drogas por membros da comunidade indígena.



A edição 146 apresenta **Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD**, resultado de uma entrevista à revista **IHU On-Line**, em que Camila Moreno propõe um alerta à sociedade sobre o funcionamento do mecanismo de Redução de Emissões por Desmatamento e Degradação - REDD.

Escatologia, militância e universalidade

Partindo da provocação de Walter Benjamin para que o materialismo histórico reconheça na religião e na teologia como aliados e não como inimigos a combater, José A. Zamora é autor do Teologia Pública nº 53. Intitulado **Escatologia, militância e universalidade: Leituras políticas de São Paulo**, o trabalho analisa como Jacob Taubes, Alain Badiou, Slavoj Žižek e Giorgio Agamben desenvolvem a proposta de uma aliança entre messianismo e política emancipatória ou revolucionária. José Antônio Zamora é docente no Instituto de Filosofia do Conselho Superior de Investigações Científicas - CSIC da Espanha. Estudou Filosofia, Psicologia e Teologia na Universidade Pontifícia de Comillas, em Madri.

Siga o IHU no



(http://twitter.com/_ihu)

E também no



(<http://bit.ly/ihufacebook>)

Apoio:

